



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

*RUDIMENTA GRAMMATICES*, DE NICCOLÒ PEROTTI: ESTUDO INTRODUTÓRIO,  
TRADUÇÃO DOS PARÁGRAFOS 53-264 E GLOSSÁRIO DE AMOSTRAS LATINAS

Igor Belloube Barreto

Rio de Janeiro

2025

IGOR BELLOUBE BARRETO

*RUDIMENTA GRAMMATICES*, DE NICCOLÒ PEROTTI: ESTUDO INTRODUTÓRIO,  
TRADUÇÃO DOS PARÁGRAFOS 53-264 E GLOSSÁRIO DE AMOSTRAS LATINAS

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à  
Faculdade de Letras da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciado em Letras na  
habilitação Português/Latim.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles  
Moniz

Rio de Janeiro

2025

*“Grammar is not a time of waste”* (The Simpsons, “Marge Simpson in: ‘Screaming Yellow Honkers’”).

### CIP - Catalogação na Publicação

B273r Barreto, Igor Belloube  
Rudimenta grammatices, de Niccolò Perotti: estudo introdutório, tradução dos parágrafos 53-264 e glossário de amostras latinas / Igor Belloube Barreto. -- Rio de Janeiro, 2025.  
133 f.

Orientador: Fábio Frohwein de Salles Moniz.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Latim, 2025.

1. Gramática. 2. Niccolò Perotti. 3. Rudimenta grammatices. 4. Renascimento. 5. Tradução. I. Moniz, Fábio Frohwein de Salles, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

## AGRADECIMENTOS

Redigi esta seção de agradecimentos na última semana de 24, à noite, ouvindo o já habitual *'Round about Midnight*, de Miles Davis com o primeiro quinteto, e à espera da virada para 25 com meus melhores amigos. O que foram os anos de graduação, senão incontáveis horas de trabalho e estudo nas melhores companhias e um pouco de ócio romântico-criativo no Fundão? Posso dizer que fui e venho sendo muito feliz desde então.

Ao Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz, agradeço por ter estado comigo desde a minha mudança de curso de Filosofia para Letras e por ser, para mim, uma referência profissional de excelência. Obrigado pelas oportunidades dadas e pela confiança em mim. Oxalá nossa parceria perdure!

Aos professores da Faculdades de Letras Anderson de Araújo Martins Esteves, Eduardo da Silva de Freitas, Érica Marques de Sant'Anna, Katia Teonia Costa de Azevedo e Pedro Ribeiro Martins: vocês são professores com os quais estou em débito infinito.

Gostaria de agradecer em especial a dois professores do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais: ao Prof. Dr. Rodrigo Guerizoli, com quem aprendi os rudimentos de latim nas suas aulas de filosofia medieval, e ao Prof. Dr. Mário Augusto Queiroz Carvalho, *in memoriam*, graças ao qual pude me tornar um criptomedievalista.

À Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ) pela bolsa concedida no projeto “A gramatização no Brasil: língua e construção da nacionalidade – 1820-1930” da Fundação Biblioteca Nacional (FBN).

Agradeço ao Dr. Irineu Corrêa, cuja orientação no estágio na FBN fez uma mudança feliz e positiva na minha perspectiva acadêmica e de vida. Foi uma honra ter sido orientado por você naquelas tardes na Biblioteca Nacional: muito, muito obrigado!

Agradeço à Dra. Laura do Carmo, por ter me influenciado a não apenas ler mais os romances, os contos e as crônicas, mas amá-los. Agradeço a você pela sua generosidade em me enviar materiais sobre lexicologia e pelos convites do grupo de leitura no jardim da Casa de Rui Barbosa.

Ao Núcleo de Estudos Clássicos (NEC-FBN) e ao Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas (NDLC-UFRJ), agradeço pelas tardes e noites de pesquisa e eventos. Também agradeço aos servidores, estagiários e demais funcionários do Rioprevidência – Fundo Único de Previdência Social do Estado do Rio de Janeiro, onde estagiei entre 2022 a 2023.

À Profa. Ma. Marcelle Mayne. Agradeço a você pela sua revisão crítica neste TCC, pela sua gentileza e pelo tempo que disponibilizou aqui. Como já disse naquela semana de apresentações, muito admiro o seu trabalho como professora e pesquisadora.

À Revista Arena, da qual fui revisor e vice-diretor de revisão entre 2021 a 2023. Fui feliz pelos nossos trabalhos diurnos e noturnos, pelos encontros no CCBB e pelas festas na Feira de São Cristóvão. Já disse a vocês no *Orfeu...* agora, digo de novo: não importa qual margem me leve embora, que seja a margem por que vocês tenham passado.

Faço menção aos meus amigos, cuja companhia foi crucial para eu seguir fazendo o que propus por aqui. Muito obrigado, Alui Silvestri, Gabriel Grosso, Marina Bredariol, Lucia Florez, Mikaella Baldeija, Lucca Accioly, Ketelyn Santos, Pedro Lessa, Deyvid Amaro e Giovanni Mello. Alui e Grosso, eu agradeço um tanto mais a vocês dois por aquelas sextas-feiras com nossos breves versos neotéricos de métricas e motes variados!

À minha família, a que está aqui no Rio e a de Ribeirão Preto, muito obrigado. Agradeço muito a vocês por terem me apresentado as artes marciais, a música, os Botafogos (o carioca e o paulista), o xadrez e os livros. A todas as mulheres de minha família, cujos nomes renderiam um longo capítulo, muito obrigado!

Não posso deixar de citar a minha mãe, Dona Denise, a mulher que me ensinou a ter responsabilidade de assumir as minhas decisões e, acima de tudo, não temê-las. Cito também Mateus Breyer, meu primo, que foi a minha primeira referência nos estudos, e lembro aqui do Zé, o meu pai, que fazia propaganda deste trabalho como se fosse a descoberta do Santo Graal e dizia: — *O Igor se formou em latim... La-tim...*

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai, José Fernando Barreto, *in memoriam*, de quem sou um fac-símile físico.

Aos meus avôs paternos, Jurandi Souza Barreto e Wanderley Henrique Belloube, *in memoriam*, dos quais sou um fac-símile espiritual.

## RESUMO

Este Trabalho foi desenvolvido a partir de uma comunicação apresentada na 41ª Semana de Estudos Clássicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujo título foi “*Rudimenta grammatices*, de Niccolò Perotti: proposta de tradução e estudo gramatical”, a qual propunha uma tradução comentada dos parágrafos 53-264 da gramática renascentista do século XV *Rudimenta grammatices*, do humanista italiano Niccolò Perotti. A obra, considerada um *best-seller* da Europa ocidental, é um texto revolucionário em sua proposta didática, dada a sua exposição gradual e pragmatista dos conteúdos, tendo distado de outras gramáticas que lhe antecederam e sido intensivamente utilizada para o ensino de latim. Este trabalho está seccionado em duas partes: na primeira parte, apresentamos uma introdução ao Renascimento italiano e à questão da gramática no século XV, bem como fornecemos informações sobre os *Rudimenta grammatices* e as escolhas e critérios de nossa proposta de tradução; na segunda parte, temos o próprio trabalho final, isto é, a tradução com notas de rodapé, que é seguida por um glossário que contém amostras latinas presentes no texto dos *Rudimenta grammatices*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramática; Niccolò Perotti; Renascimento; Rudimenta Grammatices; Tradução.

## SUMÁRIO

<b>PARTE I.....</b>	<b>10</b>
<b>1. O RENASCIMENTO.....</b>	<b>13</b>
1.1 Condições geopolíticas para o fenômeno do Renascimento.....	13
1.2 Considerações sobre o Renascimento.....	20
1.2.1 Historiografia do século XIX: Michelet e Burckhardt.....	20
1.2.2 Historiografia do século XX: Kristeller, Garin, Panofsky e Delumeau.....	22
1.3 O cortesão e as cortes.....	25
<b>2. ESTUDOS GRAMATICAIIS NO SÉCULO XV.....</b>	<b>27</b>
2.1 A crise medieval e a educação humanista.....	27
2.2 O conceito de gramática da Antiguidade ao Renascimento.....	31
2.3 Niccolò Perotti e os <i>Rudimenta grammatices</i> .....	36
2.3.1 Vida de Niccolò Perotti.....	36
2.3.2 Descrição dos <i>Rudimenta grammatices</i> .....	40
2.4 A edição crítica eletrônica de Percival.....	46
<b>3. SOBRE A PROPOSTA DE TRADUÇÃO.....</b>	<b>51</b>
3.1 A tradução na história.....	51
3.2 A tradução como manipulação e as suas tendências deformadoras.....	54
3.3 Particularidades de nossa tradução.....	58
3.3.1 Explicação de termos, passagens e outros apontamentos: o uso de notas de rodapé.....	59
3.3.2 Visibilizando a terminologia gramatical latina: a introdução de colchetes no corpo do texto.....	59
3.3.3 Nota sobre a prática de traduzir amostras do texto latino.....	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>PARTE II.....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICE A — Glossário de amostras latinas.....</b>	<b>114</b>

## PARTE I

### Introdução

## APRESENTAÇÃO

O fito deste Trabalho é apresentar um estudo introdutório e a tradução comentada dos parágrafos 53 a 264 dos *Rudimenta grammatices*, a gramática de latim mais popular das décadas finais do Quattrocento, de autoria do humanista italiano Niccolò Perotti (1429-1480). Esperamos que o resultado final sirva como uma humilde contribuição, embora promissora, para os estudos de língua latina no Renascimento e de história do ensino de latim.

Quanto aos parágrafos selecionados em nossa tradução, seu eixo temático é a discussão sobre o *nomen*, isto é, as classes gramaticais substantivo e adjetivo, e as suas propriedades acidentais. Eles ensinam as espécies de *nomen*, os gêneros gramaticais, o número (singular e plural), os padrões de formação de compostos nominais, os seis casos tradicionais e as cinco declinações por meio de estruturas erotemáticas, ou seja, em formato de pergunta e resposta, e dissertativas. Em virtude da extensão da obra de Perotti, optamos por fazer este recorte para abarcar todas as seções concernentes ao *nomen*, de modo que tornasse o objeto de nossa tradução mais bem definido.

É sabido que não há um alto índice de pesquisas exclusivamente dedicadas aos *Rudimenta grammatices* no âmbito acadêmico brasileiro, tampouco há no internacional. Até o momento em que este Trabalho é redigido, o Google Acadêmico apresenta, nos resultados em língua portuguesa, apenas os artigos de Moniz e Silva (2019) e Moniz e Manso (2024). Há também a tradução parcial de Manso (2023), que é também autor de uma comunicação sobre o conceito de gramática na obra de Perotti. Dessarte, trata-se de um objeto que, por ainda não ter sido intensamente explorado, nos move a estudá-lo.

Nosso interesse de pesquisa, porém, não se encerra nessa questão. Os *Rudimenta grammatices*, segundo Percival (2003; 2010), são um marco histórico na produção gramatical em latim, sendo no Ocidente (considerando também a produção da Antiguidade clássica), provavelmente, a primeira gramática e estilística de língua latina, tendo em conta como o termo *grammatica* era entendido na Baixa Idade Média e no início do período moderno. Se ainda essa afirmação exija algum escrutínio acadêmico, é certo, conforme Kärnä (2013), que se trata da primeira gramática abrangente de latim escrita por um humanista que se tornou o modelo para as modernas posteriores. Sabemos que os *Rudimenta* tiveram um grande êxito comercial nos séculos XV e XVI: houve cerca de 132 edições até 1500 e outras 44 após essa data, redundando em aproximadamente 60.000 exemplares publicados da Itália ao centro-sul da Europa. Apresentaremos, neste Trabalho, algumas razões pelas quais a gramática de Perotti foi tão bem-sucedida.

No que concerne à estrutura deste Trabalho, decidimos biparti-lo: na Parte I está o estudo introdutório; e na Parte II, a tradução. Depois da Parte II, há um glossário com as amostras latinas do texto dos *Rudimenta* (Apêndice A – Glossário de amostras latinas), cuja função é complementar a tradução, como comentamos na seção 3.3.3. Quanto à Parte I, consta dela três capítulos. O primeiro disserta sobre o fenômeno do Renascimento, comentando as questões geopolíticas que o geraram, e as perspectivas historiográficas dos séculos XIX e XX respeitantes a esse período e ao ambiente político-cultural em que estavam inseridos Niccolò Perotti e a sua obra. O segundo, por seu turno, devota-se a formar uma visão do contexto educacional dos primeiros séculos renascentistas, explicar o desenvolvimento do conceito de gramática no Ocidente e apresentar uma breve biografia do nosso humanista junto a uma descrição geral dos *Rudimenta grammatices* e da edição crítica eletrônica de Percival, que utilizamos em nossa tradução. O terceiro capítulo, por fim, comporta a discussão concernente aos pressupostos teóricos relativos à história e teoria da tradução a que aderimos e certas particularidades de nossas escolhas tradutórias. No que respeita à Parte II, apresentamos a nossa proposta de tradução comentada dos parágrafos 53 a 264.

## 1. O RENASCIMENTO

Este capítulo está dividido em três seções: na primeira foi apresentada uma discussão, a partir de uma leitura em Duggan (2016) sobre a formação geopolítica da Itália desde a desintegração do Império Romano até as *primi lumi* dos séculos XIV e XV, responsáveis pelas condições sociais, políticas e culturais que originaram o Renascimento; na segunda, há uma exposição, baseada em Le Goff (2015) da historiografia renascentista tradicional; na terceira, encontra-se uma análise de Burke (1991) que atine ao cortesão e às cortes, elementos considerados essenciais à cultura humanista. O fito deste capítulo é apontar, à maneira de um proêmio, quais são as conexões entre o Renascimento, os *Rudimenta grammatices* e Niccolò Perotti.

### 1.1 Condições geopolíticas para o fenômeno do Renascimento<sup>1</sup>

A partir da leitura do capítulo “Desunião e conflito: dos romanos à Renascença (400-1494)”, da obra *História Concisa da Itália*, de Duggan, dissertar-se-á sobre as condições geopolíticas que remontam às origens do Renascimento.

O ano 476 d.C. é o ponto de partida, visto que é a data consensual entre os historiadores para demarcar a queda do Império Romano no Ocidente, aquando da deposição de Rômulo Augusto por Odoacro, rei dos hérulos e primeiro rei da Itália. A desintegração do Império foi gradual: este sofreu um período de decadência por causa da transposição da capital imperial para o Leste e do deslocamento da posição central da Itália à medida que as legiões eram transferidas dos Balcãs à Ásia.

No término do século V, a despeito da invasão germânica e da preservação das tradições romanas, a fragmentação da unidade política da Península agravou-se e as estruturas do Estado romano foram, em boa parte, extintas. Neste período, houve a invasão dos lombardos no Norte italiano, os quais, dado fossem peritos no militarismo, não conquistaram todo o território da Itália, o que redundou no encerramento de toda a unidade política da Península.

Malgrado o domínio lombardo na política do Norte, permanecia um certo respeito à cultura autóctone, como se pode ver pela conversão dos governantes ao cristianismo e assimilação dos costumes romanos, v. g., a substituição de sua língua nativa pelo latim. O

---

<sup>1</sup> Esta seção é uma revisão bibliográfica de Duggan (2016). Quando recorremos a outros autores, indicamos as devidas referências.

Estado lombardo conservou estruturas políticas sólidas, porquanto era bem integrado e atrelado às tradições administrativas romanas, ao contrário do que se passava no Sul italiano, onde o rompimento com o passado imperial era mais tênue.

Quanto ao Sul, a sua estabilidade era ameaçada pela invasão árabe. No século VII, a Sicília dos bizantinos e partes da Campânia, Calábria e Apúlia foram ocupadas pelos árabes, fator de uma gravidade tal que incutiu algumas preocupações no papado, cuja independência logo seria suprimida no século seguinte com a expansão lombarda. O papa à época, Estevão II, apelou para o auxílio militar dos francos, o que fez metade do Norte italiano ser parte do Império Franco, tendo Carlos Magno se proclamado rei, e o território de Roma ao Nordeste, incluindo antigas províncias bizantinas, ser reivindicado pela Igreja.

Os francos, porém, não construíram um Estado duradouro na Itália, visto que os condes locais fortaleceram seu poder bélico a partir do século IX, minando a autoridade política daqueles. O contínuo declínio de uma autoridade central na região moveu os ânimos de uma iniciativa cívica e, a um tempo, incutiu nos cidadãos ricos uma aversão à submissão a um regime imperial que não fosse italiano. Concomitantemente, as zonas rurais dos séculos IX e X sofreram modificações substanciais com a minoração do poder feudal e do advento de novas técnicas agrícolas junto de uma maior mobilidade de trabalho e um decréscimo no poder econômico dos proprietários de terras. Esse fragor político fomentou, com efeito, a ascensão econômica do final do século XI, de onde surgiram as comunas.

Entre os séculos XI e XIII, as comunas tiveram suma importância na política italiana. Sucede que a prosperidade econômica de diversas cidades da Itália medieval foi oriunda do colapso do controle político centralizado pós-século IX, o que causou o aparecimento das comunas, as quais muito avolumaram a economia e lançaram as bases materiais para o desenvolvimento da civilização do Renascimento até meados do século XIV. O protagonismo do comércio e das transformações sociais foi evidente nesse quadro, vide o aumento exponencial da riqueza na zona rural que majorou a mobilidade social para as cidades, onde havia um maior investimento comercial. Nesse contexto, foi criada uma elite mercantil que deve ser tida como peça-chave para a autonomia cívica do final do século XI.

Em virtude do incentivo papal às lutas contra o Império, no Norte e no Centro da Itália as comunas tiveram uma vocação para a autonomia, ao passo que Roma e o Sul não lograram sucesso nesse quesito. Em 1059, o papa Nicolau II se tinha aliado aos normandos, reconhecendo o seu poder na Apúlia, Calábria e em Cápua para incentivá-los a conquistar a Sicília, então domínio árabe, em troca de um pagamento anual e auxílio militar. Como os

normandos tivessem triunfado sobre a Sicília, além de ter havido a queda de Noto, o seu Estado foi estabelecido, o que liquidou quaisquer tentativas de autonomia local.

O Sul estava não apenas sob uma política centralizadora e intolerante, senão também com uma economia nos mesmos moldes. Os seus grandes portos estavam em decadência em razão das políticas normandas, que fecharam as rotas comerciais devido às disputas com o Império Oriental, assim privilegiando o Norte, e decretaram impostos aos comerciantes, o que debilitou o comércio no Sul. Não atribuíamos, porém, o fracasso econômico do Sul só a esses fatos. O Norte tinha a vantagem de estar localizado em uma rota econômica estratégica e possuía áreas agrícolas mais dinâmicas que o Sul.

Com relação às comunas do Norte e Centro, o seu ideal por liberdade as fazia rejeitar o jugo de imperadores alemães e, conseqüentemente, contrastar com o perfil político do Sul. Ainda que a sua política não estivesse livre de ameaças, havia um certo revezamento administrativo com rituais próprios, como o juramento dos cônsules, que lhe assegurava um bom funcionamento político. A sua vulnerabilidade, a saber, estava nas contendas entre facções, as quais se valiam sobretudo de laços familiares, quer de famílias específicas, quer de grupos de famílias, chamados *consorterie*. Essas contendas foram um resultado óbvio da fragilidade política das comunas. A elite de proprietários e comerciantes buscava todo índice de supremacia, tendo a vantagem de não haver um poder executivo consistente e terem crescido, como que subitamente, as cidades nos séculos XII e XIII por causa da imigração do campo. Logo: houve uma intensificação, bem como uma ampliação, da luta pelo poder.

O *popolo* surge dessa efervescência política. Tratava-se de um grupo social fundado por associações, ou *arti*, e composto por não nobres, de um militarismo burilado e instituições próprias e interesses econômicos variados. As *consorterie* antagonizavam com o *popolo*, uma vez que este desejava controlá-las em razão da intimidação externa provocada pelo Sacro Império Romano.

Um personagem digno de comentário para compreendermos essa desintegração política italiana é Frederico Barbarossa, ou Frederico I, Imperador Romano-Germânico do século XII. Em 1152, Frederico I foi eleito imperador e devotou-se a restabelecer a autoridade imperial no Norte da Itália; no entanto, derrotado na Batalha de Legnano (1176) por uma coligação de forças das cidades do Norte, reunidas na Liga Lombarda, teve de reconhecer, formalmente, a autonomia das comunas.

Também o papado foi de encontro aos interesses de Frederico I, pois o papa de então, Inocêncio III, lançou mão de um documento apócrifo, a Doação de Constantino<sup>2</sup>, para reivindicar mais taxativamente o poder temporal e garantir, com a criação de um Estado próprio no Centro italiano, a independência do papado, ameaçada, naquela altura, pelos alemães no Norte e no Sul. O papado, porém, não se servia de forças militares próprias, o que redundou no fracasso da empresa de Inocência III.

O repto entre o Sacro Império Romano e o papado durou cerca de 30 anos e redundou na destruição do poder da Casa de Hohenstaufen, de onde era oriundo Frederico I, na Itália. É certo que ambas as partes buscavam angariar o apoio do Norte: os partidos rivais nas comunas, com o propósito de identificar as suas posições, adotaram denominações diferentes, a saber, os *Ghibelline*, Gibelinos, e os *Guelf*, Guelfos. Os Gibelinos foram partidários do Império, já os Guelfos, do papado. Mas devemos saber que tais nomes eram de ordem meramente formal e tidos como uma espécie de recurso adicional na luta local por dominação política. Morto Frederico I em 1250, um número diminuto de seus aliados permaneceram no Norte. As comunas tinham ciência de que, se triunfasse o imperador, haveria então um decréscimo de sua liberdade e uma pesada imposição de tributos — daí a preferência pelo papado, que lhes parecia apresentar menos riscos.

Depois da Batalha de Benevento (1266), o resultado da guerra foi uma devastação política e econômica que manteve o quadro de desintegração da unidade política italiana. As cidades livres, que já não eram ameaçadas pelo antigo império, continuaram a lutar entre si por meio das facções dos Guelfos e dos Gibelinos, conquanto não houvesse nenhum protagonista político capaz de assumir o controle da Itália.

Os séculos seguintes experimentaram um clima de efervescência política. Sob título de exemplo, houve tentativas de criar um Estado independente no Centro da Itália, as quais moveram muitos papas a imiscuir-se na política secular, que resultaram, ulteriormente, no Exílio de Avinhão, quando o papado foi deslocado da Itália para a França, onde gozaria de mais autonomia. Nesse período, o governo das comunas, exercido majoritariamente pelo *popolo*, enfrentou uma crise de estabilidade que pôs em questão a sua validade factual.

---

<sup>2</sup> A Doação de Constantino é um documento forjado, provavelmente no século VIII, para passar-se por um édito de Constantino I (306-337). Seu texto, dirigido ao Papa Silvestre I e aos seus sucessores, anuncia a concessão da parte ocidental do Império Romano à Igreja. Apesar de não ser pertinente às questões do século IV, período que — como alegara a Igreja — Constantino o teria redigido, o suposto documento foi sobremaneira conveniente para a Igreja, tanto no século VIII quanto nos vindouros, no que concerne ao reclamo do poder temporal do papa. O humanista Lorenzo Valla (1407-1457) atestou a sua falsidade por meio de uma rigorosa e incontestada análise filológica. Esta constatou que o texto do documento apresenta palavras marcadamente medievais e construções inusuais para o latim do suposto período a que era dito pertencer.

O século XIII foi um tempo de crise. Houve estratégias para mitigá-la, como a nomeação de um ditador temporário, o *podestà*, cujo governo nas comunas era examinado e avaliado — esperava-se que fosse imparcial e eficiente —, pelas autoridades das cidades e poderia ser mais ou menos duradouro. Nesse mesmo século, emergiram os domínios permanentes (*signorie*) na Lombardia, no Vêneto, na Emília e nas Marcas, embora não tenham suprimido as instituições comuns às cidades. Nos séculos seguintes, o XIV e o XV, à medida que as antigas instituições e poderes do governo declinaram, o poder concentrou-se nas mãos dos *signori*, os líderes políticos de tais domínios. Essa forma de governo, porém, não foi geral na Itália, vide o fato de coexistir com principados eclesiásticos, como Aquileia e Trento, condados, como Saboia e Piemonte, e um reino feudal, governado pela Casa de Anjou no Sul da Itália.

Os Estados mais afamados na Itália, durante os séculos XIV e XV, eram repúblicas. São dignas de menção as cidades de Florença e Veneza. Os cidadãos venezianos, v. g., usufruíam de privilégios comerciais e podiam ter acesso a cargos públicos, além de ter funções em confrarias. Havia uma série de rituais, cortejos e tradições políticas que tornavam ingentes o orgulho cívico e a lealdade pública ao líder de Veneza, o *doge*.

No caso de Florença, a cidade tinha uma política menos estável, tendo sofrido um período de anarquia no século XIII. Seu governo era uma oligarquia e baseava-se em associações, sendo o seu poder executivo por vezes alternado e ocupado por lotes, ao passo que o legislativo era feito via assembleias populares. Florença manteve-se como república devido à sua segurança econômica, sendo a cidade mais rica de toda a Europa no século XIV, riqueza que continuou a crescer, conquanto com menor intensidade, durante o século XV.

Fato é que a atenuação do poder econômico nos Estados italianos ocorreu sob mudanças sociais significativas. No século XIII, a pobreza, que era tida como uma virtude, passou a ganhar uma conotação subversiva no século seguinte. Houve tanto movimentos heréticos, como os Apostólicos, que preconizavam a comunhão total de bens e de mulheres, quanto rebeliões civis, como o *Ciampi* (1378), em Florença, o movimento de trabalhadores sem qualificação que exigiam representação política. Tais agitações sociais, junto aos danos provocados pela Peste Negra (1348), ou mesmo a “*culpa*”, nas palavras de Duggan, podem ter aumentado, a um tempo, o grau de religiosidade entre os italianos laicos nos séculos XIV e XV e a “*tensão entre riqueza e religião*”.

No que se refere à arte desse período, foram encomendadas obras de arte não só de cunho religioso, mas também de secular. Materializada em afrescos em capelas, retratos religiosos, altares, capelas e esculturas, bem como palácios, pinturas etc., a arte tinha um

papel cívico na Itália: o governo preocupava-se em requerer obras a fim de aumentar o prestígio da cidade, como o retábulo *Maestà* (1311), de Duccio, encomendado para Siena. Seu valor social e político — recordemos que os edifícios, esculturas e quadros encomendados pelo governo muitas vezes representavam, alegoricamente, as virtudes e os vícios dos bons e maus governos, os benefícios materiais e morais, a boa direção do espírito e do Estado, entre outros —, transformou o ato de colecionar e a expertise em belas artes em lazeres elegantes. O fortalecimento do comércio e as fortunas oriundas de atividades bancárias e comerciais financiou pinturas, esculturas, desenhos, bronzes, medalhas, tapeçarias etc. Decerto esses empreendimentos artísticos foram consequência do ambiente econômico e social das cidades-Estados.

Convém mencionar que a fonte capital de inspiração para a cultura italiana naquela época foi a arte e a literatura da Antiguidade clássica. Autores como Tito Lívio, Cícero e Suetônio foram as fontes usadas para extrair um novo sistema moral, inspirado nos valores, nas técnicas e no estilo de vida romanos, que se inclinava às demandas da vida ativa de banqueiros e comerciantes nas cidades-Estados. Em todo caso, a “redescoberta” da Antiguidade clássica em meados do século XIV foi adstrita a um grupo pequeno de homens, dado que a maioria dos italianos alfabetizados, cuja educação ainda era tradicional, não foi tocada pelo humanismo; ao contrário, foram as elites instruídas que tiveram acesso à cultura humanista. Duggan defende que a Itália renascentista passou por transformações sociais, políticas e culturais incisivas: novas formas de educação, como a epistolografia, eram ensinadas junto das ditas tradicionais, como o ensino de língua latina e a teologia, e as línguas vernáculas passaram a ser mais apreciadas no meio comercial e administrativo das cidades.

Apesar do crescimento de artes pacíficas e do fortalecimento da educação, dois fatores avultavam a crise política da Península. Em primeiro lugar, o belicismo ascensional das cidades italianas. É sabido que as cidades mais ricas do Norte anexaram outros territórios italianos, como fez Florença com Prato, Pistoia, Volterra, Arezzo, Pisa e Livorno, bem como Veneza com Treviso, Vicenza, Verona, Pádua e Friul. No Sul, Alfonso de Aragão, que havia conquistado a Sicília, dominou Nápoles e iniciou guerras contra Florença, Gênova, Milão e Veneza. Em segundo lugar, à época havia um cisma papal que galvanizou esses conflitos bélicos, dado que cada papa — somando um total de 3 —, instigava os seus seguidores a lutar contra os partidários de seus adversários.

No mapa abaixo (Figura 1), visualizamos a referida fragmentação da Península ao final do século XV:

Figura 1 — Mapa da Itália em 1494.



Fonte: Wikimedia Commons (2024).

O ano 1447 marcou o início de um empreendimento para estabilizar a crise. A possibilidade de intervenção estrangeira na Península, bem como a conquista de Constantinopla pelos otomanos em 1453, que representava um perigo comercial e territorial para Veneza, impeliram Milão, Veneza, Florença, o papado e Nápoles a criar, em 1454, a Liga Itálica, cujo objetivo era restaurar a paz na Itália e salvaguardar as suas instituições políticas.

Considera-se que a França, após seu êxito na Guerra dos Cem Anos e com sua receita pública em crescimento, era a maior ameaça no quadro político, visto que reivindicava tanto o Reino de Nápoles quanto o Ducado de Milão. A Liga Itálica, porém, dissolveu-se por causa de conflitos internos, como as disputas políticas entre Alfonso de Aragão e Gênova, o confronto de Sigismondo Malatesta com o papa e a guerra entre Florença e Nápoles, decorrentes das desavenças entre o papa Sisto IV e os Médici. Dessarte, posteriormente a Itália foi invadida tanto pelos franceses, comandados por Carlos VIII, em 1494, quanto pelos otomanos, em agosto de 1480, tendo sido continuado o clima de instabilidade política.

Devemos ter em mente que é neste contexto histórico que os *Rudimenta grammatices* (1473) foram produzidos e a vida de Niccolò Perotti (1429-1480) se passa, de onde se justifica iniciarmos o primeiro capítulo deste Trabalho por esta seção.

## 1.2 Considerações sobre o Renascimento

Nesta seção, dividida em duas subseções, oferecemos uma visão geral da historiografia do Renascimento nos séculos XIX e XX de acordo com Le Goff (2015). Enumeramos cronologicamente, portanto, as interpretações dos historiadores considerados canônicos. Assim, a subseção 1.2.1 apresenta a origem do termo e da concepção moderna de “Renascimento”, servindo-se da contribuição dos historiadores Jules Michelet (1798-1874) e Jacob Burckhardt (1818-1897). A subseção seguinte, 1.2.2, apresenta um resumo das perspectivas de quatro historiadores do século XX: Paul Oskar Kristeller (1905-1999), Eugenio Garin (1909-2004), Erwin Panofsky (1892-1968) e Jean Delumeau (1923-2020), cujas pesquisas, cobrindo temas como a história da arte, o humanismo e a relação entre Idade Média e Renascimento, delineiam um longo quadro dos séculos renascentistas.

### 1.2.1 Historiografia do século XIX: Michelet e Burckhardt<sup>3</sup>

Nesta subseção, servimo-nos do capítulo “Nascimento do Renascimento”, da obra *A história deve ser dividida em pedaços?*, de Le Goff, para apreciarmos as duas principais interpretações historiográficas no século XIX concernentes ao fenômeno do Renascimento, a saber, a de Jules Michelet e a de Jacob Burckhardt.

A ideia de haver um período que representa a luz e a renovação das artes, dos saberes e das letras oposto a uma era de trevas, barbárie e obscuridade — no caso, a Idade Média —, é proposta já no século XIV por Petrarca. Convinha-lhe, uma vez que acreditava ser o último representante da Antiguidade, resgatar o modelo de pensamento e a beleza antigos, que teriam sido suprimidos no século IV após a conversão de Constantino ao cristianismo.

O termo “Renascimento”, porém, não foi cunhado por Petrarca, mas sim pelo historiador francês do século XIX Jules Michelet. A genealogia da interpretação de Michelet acerca da noção de Idade Média inicia-se em sua obra *Histoire de France* e transforma-se no decorrer de sua publicação. Em 1833, Michelet não caracteriza o Medievalismo como um período de estagnação social e cultural, mas sim de criação e de luz até os princípios do século XVI e da Reforma. Contudo, a partir de 1839, sua perspectiva torna-se pessimista. Supõe Le Goff

---

<sup>3</sup> Esta seção é uma revisão bibliográfica de Le Goff (2015).

que Michelet, em virtude da morte de sua esposa, passa a avaliar a Idade Média como "triste", "obscurantista", "petrificada" e "estéril".

Segundo Lucien Febvre (1878-1956), em seu artigo *Comment Jules Michelet inventa la Renaissance*, a primeira metade do século XIX teve uma visão positiva dos séculos XV e XVI; mas não houve um só historiador que tenha usado um termo específico para denominar esse período. É sabido que o termo é inaugurado por Michelet, que se vale dele para classificar o período de “ressurreição” histórica das artes e da cultura na Itália do século XV, que, nas palavras do historiador, é “[uma] *passagem ao mundo moderno*” e “*um retorno ao paganismo, ao gozo, à sensualidade, à liberdade*”.

Malgrado a popularidade de Michelet entre o público francês culto, dado que sua visão sobre o Renascimento é oriunda de seus cursos no Collège de France, a invenção do termo foi historicamente creditada ao historiador suíço Jacob Burckhardt. Depois de viagens à Alemanha e à Itália, Burckhardt devotou-se a redigir uma história da arte do Renascimento na Itália. No entanto, quando do processo de elaboração, redirecionou seus esforços ao tema da cultura (*kultur*), concebendo assim a sua obra principal, *Die Kultur der Renaissance in Italien*.

Apresenta-nos Le Goff uma visão geral dessa obra: a sua primeira parte, intitulada “O Estado considerado como obra de arte”, evoca os tiranos e *signori* italianos dos séculos XIII e XVI para comentar a política externa dos Estados italianos, em que haveria uma certa “*maneira objetiva de tratar a política e manifestar o talento na arte das negociações*”. Ainda nesta primeira parte, há um exame da política do papado, que, em última instância, é tachada de prejudicial para a Itália, vide as perturbações sociais em Roma e o nepotismo e a simonia dos papas.

A segunda parte relaciona a origem do individualismo à do Renascimento. Segundo Burckhardt, o homem renascentista não é atado a laços coletivos de forma incisiva, como assim era o homem medieval, substancialmente ligado à religião, ao ambiente social e às práticas comunitárias. É nesse período em que afloram a noção de *uomo universale* — aquele que é perito em diversas artes e campos do saber —, e a busca pela glória mundana, característica típica das sociedades renascentistas, que se materializa nas tumbas de famílias ilustres, no culto a homens excepcionais da Antiguidade e no surgimento de celebridades locais.

A terceira e última parte apresenta o Renascimento como a “*ressurreição da humanidade*”. A tese central de Burckhardt é a de que não foi a Antiguidade que isoladamente revivificou o Ocidente, senão a sua íntima conexão com o espírito italiano. É certo que a vida social renascentista experimentou uma “*latinização geral da cultura*”: Roma se havia tornado

objeto de culto em razão de seus restos arquitetônicos, a literatura clássica havia ganhado um impulso mais popular do que em épocas progressas, a poesia adquirira um status análogo ao que tinha na Antiguidade greco-romana e a literatura absorvera formas e funções sociais antigas, haja vista o retorno ao estilo epistolar e a produção de discursos de recepções, discursos acadêmicos, orações fúnebres e sermões. Em síntese, para Burckhardt, o Renascimento é a descoberta do homem e do humanismo, bem como do mundo, que, por consequência, redundaram na descoberta do mundo enquanto tal. E, por essa razão, nesse período ascenderam a astronomia, a botânica, a zoologia, a promoção do naturalismo na pintura pela escola flamenga, o gênero biográfico junto do autobiográfico etc.

Quanto ao Renascimento, é visível que tanto Michelet quanto Burckhardt apresentam perspectivas sobretudo românticas. Ambos convergem em elogiá-lo como uma época de criação artística e literária, renovação dos conhecimentos e iluminação geral. Ressaltamos, contudo, que os campos da moralidade e da religião apresentaram um decaimento na avaliação de Burckhardt: os sermões reformadores de Savonarola foram mal-sucedidos, a Reforma teve um sucesso somente parcial, houve a deserção de igrejas junto a acusações de ateísmo direcionadas aos humanistas, que logo no século XVI eram tidos como “pretensiosos”, “artificiais” e insinceros quanto à fé cristã. Considera-se que esse decaimento tenha sido uma das causas que conduziu à posterior laicização da Europa.

### 1.2.2 Historiografia do século XX: Kristeller, Garin, Panofsky e Delumeau<sup>4</sup>

Na esteira da subseção anterior, em que dissertamos sobre duas interpretações historiográficas tradicionais do século XIX, servimo-nos neste momento do capítulo “O Renascimento atualmente”, da mesma obra de Le Goff, para expor as interpretações de quatro historiadores do século XX respeitantes ao Renascimento: Paul Oskar Kristeller (1905-1999), Eugenio Garin (1909-2004), Erwin Panofsky (1892-1968) e Jean Delumeau (1923-2020).

No que concerne a Kristeller, sua obra principal, *Studies in Renaissance Thought and Letter* (1956), estuda o humanismo tendo por centro o conjunto de produções artísticas e literárias que, assim como Michelet e Burckhardt, denomina “Renascimento”.

Estabelece Kristeller em sua análise algumas relações entre a Idade Média e o Renascimento. Sucede que nosso autor vai de encontro a uma posição mais fervorosa sobre a faceta revolucionária do Renascimento, tido como um fenômeno independente e superior à

---

<sup>4</sup> Esta seção é uma revisão bibliográfica de Le Goff (2015).

Idade Média. Havia semelhanças entre ambos os períodos, a começar por certas organizações que, a princípio, poderiam parecer plenamente humanísticas, como o “círculo” (*circle*). Embora a historiografia contemporânea não se valha desse termo ou outro análogo, é sabido que grandes autores da Idade Média também agremiavam seus discípulos em grupos. Citamos também uma produção artística do Renascimento, o trabalho em ateliê, que se assemelha ao canteiro medieval, que reunia arquitetos, pedreiros, escultores e pintores.

Outra semelhança entre a Idade Média e o Renascimento é a demasiada influência de Santo Agostinho. Sua obra foi sobremaneira estimada em todos os períodos do Medievo e em praticamente todas as correntes teológicas e filosóficas. Igualmente assim foi no Renascimento. Depois do dito renascimento aristotélico, que triunfou sobre o pensamento medieval nos séculos XIV, XV e no final do XVI, os humanistas voltaram-se às obras dos Pais da Igreja, lendo-os continuamente e, no caso dos Pais da ortodoxia grega, traduzindo-os para o latim.

Também a música é um ponto convergente entre a cultura medieval e a renascentista. Segundo Kristeller, a música europeia conheceu dois momentos de clímax: a invenção da polifonia em Paris, na França da Idade Média central, e o esplendor da música italiana, que, depois de um hiato criativo, reaparece no século XV e XVI e domina toda a cultura europeia.

Mencionemos outra perspectiva historiográfica, a do historiador italiano Eugenio Garin. Em sua obra *L'Humanisme italien. Philosophie et vie civile à la Renaissance* (1947), constata Garin que, ao contrário do que houve no século XIX, com Michelet e Burckhardt, a maioria dos historiadores do século XX avaliou de forma positiva a Idade Média e rebaixou a reputação do Renascimento.

Para Garin, o Renascimento é caracterizado pela promoção dos *studia humanitatis*, “estudos de humanidade”, a substituição do teocentrismo das sociedades medievais pelo antropocentrismo, a reabilitação de um platonismo essencialmente contemplativo cuja definição é a de uma “*filosofia de todas as aberturas e de todas as convergências*”. Esse formato de platonismo foi sobremodo importante para a política e deve ser considerado uma continuação da tradição petrarquiana de fusão entre a renovação do pensamento e a evolução do governo e da sociedade florentina. Nesse contexto, podemos elencar o caso de Cosme de Médici (1389-1464), tido como um “*novo Platão*” pelos platonistas florentinos, dentre os quais estava Marsilio Ficino (1433-1499), que destacava em primeiro plano a figura do homem, o que é para Garin um humanismo de fato.

Quanto ao humanismo, afirma o historiador que se trata da “*retomada da confiança no homem e em suas possibilidades, e uma compreensão de sua atividade em todas as direções*”.

Tal asserção remete à outra obra de Garin, *Moyen Âge et Renaissance* (1954), na qual há um enfoque no modo por que o Renascimento considerou o poder criador do homem, tentando conferir ao humanismo um “*sentido universal*”, isto é, político, moral, filológico e poético.

Nosso terceiro historiador, Erwin Panofsky, em lugar de centralizar a sua pesquisa nas letras e no pensamento, ou seja, no humanismo, tem por foco a arte como objeto. O título da tradução francesa de sua principal obra, *Renaissance and Resuscitations in Western Art* (1960), é *La Renaissance et ses avant-courriers dans l'art d'Occident* (1976). Citamos essa informação porque o título francês apresenta o sintagma “*avant-courriers*”, isto é, “precursores”, que nos direciona a uma das principais teses do livro: o Renascimento não foi um fenômeno singular, mas plural, porquanto há outros renascimentos anteriores que lhe precederam. Sob título de exemplo, Panofsky cita o comentário de Giorgio Vasari (1511-1574) em sua obra *Les Vies de plus excellents peintres, sculpteurs et architectes italiens* (155), que afirma ter havido, após Giotto (c. 1266-1377) e a partir do século XIV, um novo período, fundamentalmente assentado em um retorno à Antiguidade clássica, chamado *Rinascita*, ou “Renascimento”.

Por último, apresentamos o testemunho do historiador francês Jean Delumeau. Suas obras principais são *La Renaissance* (1996), em parceria com Ronald Lightbown, e *Une histoire de la Renaissance* (1999). Para Delumeau, o termo “Renascimento” — excluía a concepção técnica da historiografia — e a noção que ele exprime são concepções florentinas, tendo sido concebidas por Petrarca, no século XIV, e sintetizadas, dois séculos depois, por Vasari.

Em sua obra *Une Histoire de la Renaissance*, são considerados por Delumeau como evoluções e rupturas renascentistas o papel da impressão tipográfica, o aumento exponencial da escolarização, o declínio das universidades e a importância dos cursos privados, a nova organização na pintura, com os ateliês e trabalhos sobre cavalete, o surgimento de mulheres eruditas e de um número maior de novos autores, além das sociedades científicas, que usaram amiúde o antigo termo grego “academia” em seus nomes. Quanto aos progressos técnicos, considera Le Goff que Delumeau cita apenas invenções medievais, como o relógio mecânico e a artilharia.

Na mesma obra, Delumeau propõe, no capítulo “Visão geral [*Regard d'ensemble*] sobre o Renascimento” que, conquanto tenha sido limitado no que toca ao seu alcance nos diversos campos sociais, o Renascimento foi um “grande passo” que ocorreu a bem do desenvolvimento das obras artísticas e literárias, sendo considerado o motor de duas

descobertas cruciais para a Modernidade, a saber, a descoberta da América, junto à navegação marítima mundial, e a ruptura da cristandade latina em virtude da Reforma Protestante.

Encerramos a seção 1.2 tendo apresentado, com abordar autores dos séculos XIX e XX, as perspectivas historiográficas atinentes ao fenômeno do Renascimento. Vemos que nos foi útil assim fazê-lo para que pudéssemos expor uma visão geral das transformações desse período, tocando o campo da arte, o da sociologia, o da política, o da filosofia, entre outros.

### 1.3 O cortesão e as cortes<sup>5</sup>

Esta seção é dedicada à figura do cortesão e às cortes renascentistas, elementos inerentes a quaisquer monografias sobre o Renascimento. A partir do capítulo “O cortesão”, de autoria de Burke (1991), presente na obra *O Homem Renascentista*, dirigida por Eugenio Garin, redigiremos esta seção. Isto feito, encerraremos este capítulo.

Se definir o que é a corte, ambiente “natural” do cortesão, consiste em uma certa dificuldade — dificuldade essa avistada ao menos desde o século XII, quando o clérigo e cortesão Walter Map, homem oriundo das antigas “marcas galesas”, teria entendido que “*Só Deus sabe o que é a corte*” — a definição de cortesão também não oferece facilidade alguma. Resta, portanto, que não nos percamos na busca por definições exatas. É mais produtivo, de fato, traçar alguns contornos gerais sobre esses dois elementos indissociáveis.

O humanista congregava em si não só o perfil de intelectual devotado às letras e ao conhecimento clássico, senão também o de cortesão, o que lhe conferia uma aura política, relacionada sobretudo à alta sociedade e nobreza. Isto, porém, se daria graças a que razão? Provavelmente, às cortes e aos seus diversos formatos.

Valendo-nos do pensamento de Norbert Elias, afirmamos que a corte é uma instituição social, uma “*configuração social peculiar*” e um instrumento de governo “*com uma racionalidade própria*”. A corte também é um local onde o rei, o soberano ou um nobre reunia um grupo de pessoas chamado “família”, que não condiz com a acepção contemporânea do termo, para exercer uma série de rituais, atividades e funções específicas de alta complexidade social.

Soía a família ser dividida em duas partes: a *domus magnificentiae*, i. e., a casa de magnificência, e a *domus providentiae*, i. e., a casa de providência. Estes dois grupos ofereciam seus préstimos ao ambiente da corte por meio de diversas funções, como

---

<sup>5</sup> Esta seção é uma revisão bibliográfica de Burke (1991).

cozinheiros, copeiros, capelães, lavadeiras, barbeiros etc. Igualmente fundamentais eram os fidalgos e fidalgas, que circulavam nesse meio e acrescentavam-lhe um certo grau de magnificência e prestígio. Não era obra do acaso tal agrupamento de diferentes indivíduos: aprazia ao líder político, materializado na figura do rei, do soberano ou de um nobre, o contato com a nobreza, quer porque, desse modo, era mais fácil controlá-los politicamente, quer porque era parte de uma tradição que remonta ao Medievo buscar aconselhamento com eles.

Da parte dos servidores, no entanto, essa relação era ambivalente. Se, por um lado, frequentavam as cortes para obter as *mercedes*, as graças e os favores do rei, por outro lado, também criticavam-na e transverberavam, de um ponto de vista moral e literário, o desejo de afastar-se dela. Sob título de exemplo, citamos nomes como Enea Silvio Piccolomini, Ariosto, Alain Chartier, Ulrich von Hutten e Antonio Guevara. É sabido que este último redigiu um tratado em que opunha a corte ao campo, sendo este um lugar de paz e liberdade, ao passo que aquela seria de servilismo e tumulto.

As cortes não sobreviviam somente de política. Estas se tornaram centros de cultura em virtude de suas atividades não estritamente políticas. Como os príncipes costumavam se engajar em jogos, banquetes, cortejos, no xadrez e em outras formas de arte, houve um subsequente estímulo à produção artística e ao desenvolvimento cultural nas cortes. A literatura, em particular, obteve um valor “prático”, como bem podemos notar em *O Príncipe*, de Maquiavel, ou mesmo nas obras *A Educação do Príncipe*, feita para Francisco I, e *A Educação do Príncipe Cristão*, feita para Carlos V, ambas de Erasmo de Roterdã.

Quanto ao cortesão, devemos considerá-lo a encarnação do *uomo universale*, dada a sua destreza nas armas e nas letras, além de sua aptidão para a dança, a música, a poesia, o cortejo de mulheres etc. Apesar do fato de ser uma figura típica do Renascimento, talvez por conta da obra *O Cortesão*, de Castiglione, a arte do cortesão era conhecida desde a Idade Média, sendo, realmente, uma continuidade medieval marcante.

Tinham os soberanos um certo apreço pela companhia e conversa dessa classe, de onde era comum reservar-lhes certos cargos, como pregador da corte, médico real, preceptor dos filhos do príncipe etc. Nos séculos XV e XVI cresceram exponencialmente as oportunidades de emprego para os humanistas. Como tivesse chegado a imprensa ao Ocidente, os eruditos bibliotecários receberam maior atenção em sua função e a ocupação de escritores em cargos como secretários ou historiadores da corte foi uma prática comum. Como as cortes patrocinavam as artes e a relação entre o soberano e seus servidores trazia benefícios para ambos, naturalmente surgiu um sólido sentimento, por parte do soberano, de aguardar

louvores de seus artistas, os quais produziam desde épicos sobre as gestas dos príncipes até versos para os festejos das cortes.

Nesta seção visitamos, *en passant*, as cortes, onde encontramos a figura do cortesão. Os humanistas compunham uma classe composta por intelectuais e eruditos; mas, como bem sinaliza o primeiro grupo, eram revestidos de um cariz político, pois nas cortes eram mobilizados interesses ligados não somente às artes e a outros tópicos de cultura, mas também a cargos, funções, atividades e interrelações políticas. Não convinha, portanto, dissertar a respeito do Renascimento sem ter em conta o humanista, o cortesão e as cortes, visto que são elementos capitais para a produção literária e artística do período.

## 2. ESTUDOS GRAMATICAIIS NO SÉCULO XV

Neste capítulo, dividido em quatro seções, apresentamos, na seção 2.1, valendo-nos de Nunes (2018), o contexto educacional do final da Idade Média para comentarmos o ideal formativo dos humanistas do Renascimento. Na seção 2.2, com a contribuição de Guillén (1992), expomos o estado dos estudos gramaticais até o século XVI. Em seguida, na seção 2.3, dividida em duas subseções, apresentamos uma biografia de Perotti, composta a partir do artigo de Charlet (2011), e uma descrição geral dos *Rudimenta grammatices*, que foi formada com as contribuições de Gehl (2008), Kärnä (2013) e Percival (2003; 2010). A seção 2.4, por fim, dedica-se a comentar a edição crítica eletrônica de Percival (2010), da qual nos servimos em nossa tradução.

### 2.1 A crise medieval e a educação humanista<sup>6</sup>

Dissertar sobre a educação no Renascimento exige um breve comentário à crise final da Idade Média, datada das últimas décadas do século XIV. Nesta, todos os setores da existência haviam sido atingidos, máxime a educação e as escolas. Dentre os problemas sociais que grassavam naquele período, como as consequências da Guerra dos Cem Anos, o Exílio de Avinhão e o Cisma do Oriente, uma calamidade teve destaque: a Peste Negra.

A Peste originou-se na Ásia Central ou Oriental, tendo entrado na Europa por meio da Rota da Seda. A Crimeia foi o primeiro território atingido; depois, em 1348, foram as regiões

---

<sup>6</sup> Esta seção é uma revisão bibliográfica de Nunes (2018).

mediterrâneas, as ilhas, a Itália, a Espanha e a França. Em 1349, já estava na Europa Central, na Alemanha, nas regiões germânicas, em Flandres e no Sul inglês. No ano seguinte, o Norte inglês, a Escócia, as planícies bálticas e as regiões escandinavas foram tocadas pela Peste. Calcula-se que, provavelmente, um terço da população da Europa Ocidental foi vitimada.

Há relatos de coetâneos da Peste sobre as transformações sociais, políticas e culturais por que passaram as sociedades europeias. É sabido que foram agravados o desemprego, a falta de mão-de-obra no campo, as taxas de mortalidade, principalmente a infantil, e a fome, bem como foram despovoados importantes centros de cultura, como mosteiros e conventos.

A educação foi um campo deveras atingido pela Peste. Durante o processo de decadência universitária, relatava-se que a formação de mestres era precária e feita em menor escala, havendo a necessidade das cidades de importar mestres estrangeiros. À medida que o índice de mortalidade era majorado na primeira metade do século XIV, o valor do pagamento de mestres era subtraído, seja pela crise corrente de subsídios, seja pela falta de alunos. Naquela altura, o ensino de latim encontrava-se completamente defasado.

Tais circunstâncias impeliram as escolas a traduzir e compor livros de ciências para as línguas vernáculas, como o *Tetrís of Geometrie*, tradução da segunda parte do tratado anônimo *Ars Metrica*, de Roberto, o Inglês, a tradução inglesa de 1397 do *De proprietatibus rerum*, de Bartolomeu, o Inglês, as traduções francesas da *Ética*, *Política* e *Economia*, de Aristóteles, por Nicolau Oresme, bem como a sua obra *Traité de la sphère*, um clássico por ter fornecido à língua francesa termos técnicos de geografia e astronomia.

O legado da Peste Negra na educação, portanto, foram mudanças no ensino médio, ou secundário, uma preeminência das línguas vernáculas no ensino, um aumento dos direitos estudantis e uma participação política, antes ínfima, das universidades nos negócios públicos, como fora o caso de Oxford e dos estudantes de Avinhão, que solicitavam recursos às autoridades em virtude dos prejuízos causados pela Peste. Em que pese o desastre nas escolas e universidades, houve, nas palavras de Nunes, “*a sua contraparte na dotação de colégios, na fundação de novas universidades e extensão dos privilégios das antigas escolas*”.

Tendo havido o desaparecimento de mestres e uma deterioração do ensino em geral no fim da Idade Média, o patrimônio tradicional da cultura foi transformado, impulsionando assim o nascimento de novas escolas junto a uma nova pedagogia e ideal formativo. É neste contexto em que há a descoberta de manuscritos, ao final do século XV e durante todo o século XV, que antes jaziam nas bibliotecas de palácios episcopais, mosteiros e conventos. De certo modo, esses manuscritos indicam o gosto pelos clássicos e pelas letras latinas desde

meados do século XII, em que houve uma espécie de “renascimento” dos estudos clássicos, anterior ao preconizado pelos humanistas.

No século XII, a gramática ocupava um lugar de primazia entre as demais artes liberais, tendo atingido o seu protagonismo tanto no estudo tradicional de morfologia e sintaxe quanto na leitura de autores clássicos. As obras de Cícero, Quintiliano e Plutarco, a tríade responsável pela concepção e organização educacional renascentistas, eram recomendadas como textos de estudo durante a Idade Média. É de se notar que o modo por que tais obras foram lidas pelos homens do Renascimento se distava da leitura medieval: os ideais pagãos dos autores clássicos, o seu culto de valores terrenos e a noção de que o homem é um *paruus deus*, isto é, um “pequeno deus”, moveu o Renascimento a trazer a lume um ideal formativo oposto ao medieval, considerado “*visceralmente sobrenatural e transcendente*”.

É cabível presumir que a Peste tenha sido uma das causas dessa mudança. A tese de Nunes é, em essência, moralista: em razão dos danos sociais causados pela pandemia, o clero da sociedade europeia entrou em declínio moral, as universidades tornaram-se espaços de abusos e displicência e a população, em geral, ou se comprazia ou se detinha na doença e na morte, de tal maneira que haveria uma predileção por valores menos transcendentais e, conseqüentemente, anti-clericais.

Na esteira dessa transformação no campo da educação e da cultura, o perfil de docente foi transformado. Antes, padres e monges eram figuras típicas no magistério; mas paulatinamente cederam seu lugar a estudiosos e mestres sem formação clerical. Também a participação de príncipes, nobres, eclesiásticos e burgueses ricos foi precípua para o desenvolvimento das artes e das letras, uma vez que financiaram humanistas, mestres e artistas, bem como transformaram os seus palácios e cortes em centros de cultura.

No século XV, consta dos escritos pedagógicos de Leonardo Bruni, Maffeo Vegio, Pier Paolo Vergerio e Leon Battista Alberti e do programa escolar de Vittorino da Feltre um plano educacional que valoriza tanto o desenvolvimento da personalidade e a formação e o aprimoramento intelectual, moral e físico, quanto o estudo das letras clássicas, como o grego e o latim, da gramática e da retórica. Disciplinas científicas foram adicionadas a este curso clássico, como a matemática e, posteriormente, a astronomia e as ciências naturais. Esse ideal pedagógico será consubstanciado no século XVI e ligado em alto grau à figura do cortesão<sup>7</sup>. Em que pese o fato de haver uma renovação no currículo e na prática de ensino, esse formato de educação era destinado sobretudo aos círculos nobres e aristocráticos. Sucede que a

---

<sup>7</sup> Confira a seção 1.3 deste Trabalho para mais informações sobre a figura do cortesão na Europa renascentista.

maioria daqueles que recebia algum nível de instrução continuava a ser ensinada pelo meio tradicional, porquanto a educação humanística demandava um alto custo financeiro.

Parece-nos pertinente comparar as artes liberais da Idade Média e os chamados *studia humanitatis* do Renascimento. Convém saber que as artes liberais se incorporaram ao currículo medieval e foram divididas em dois grupos: o *trivium*, que abarcava as disciplinas literárias, como a gramática, a retórica e a dialética, e o *quadrivium*, do qual constavam as disciplinas científicas, como a aritmética, a geometria, a astronomia e a música. Quanto aos *studia humanitatis*, o termo é encontrado já na Antiguidade, em Cícero e Aulo Gélcio, significando a educação literária própria ao homem livre e distinto. Entre os humanistas, compreendiam cerca de 5 disciplinas: a gramática, a retórica, a poética, a história e a filosofia moral. As disciplinas que compunham o *quadrivium*, porém, foram excluídas desse currículo, sendo ministradas de modo secundário, isto é, por acréscimo.

Esse currículo renascentista foi planejado a partir do ideário presente no *De Oratore* e no *Orator*, de Cícero, e na *Institutio Oratoria*, de Quintiliano. Sucede que tais obras privilegiavam a retórica e a oratória acima de as demais disciplinas, dado que, para tornar-se um homem sábio e eloquente, o aluno deveria tomá-las como matéria principal de seu estudo. De Cícero, os humanistas herdaram a imagem do polímata, isto é, de um orador que é perito no conhecimento das artes, da dialética, da filosofia, da matemática, da música, da poesia etc. De Quintiliano, tido por mestre pela pedagogia renascentista, o código da didática humanística, sua *Institutio Oratoria*. Para este autor, a formação do orador deveria ser, a um tempo, ética e estética, fundamentada na filosofia, na história e no direito civil — asserção tomada como meta pelos humanistas, em especial Leonardo Bruni, em seu *De studiis et litteris liber*, que a consideravam como o pacto entre a *scientia rerum* e a *peritia litterarum*, isto é, o conhecimento das coisas e a literacia.

Precedendo o barroco e a crise geral que ocorreria na Europa, a educação do século XVI sofreu um processo gradual de declínio. Ilustramos este cenário com um comentário ao estudo da língua latina à época: o estilo ciceroniano, de que se serviam os mestres de latim em seu ensino, foi deturpado em um culto à prosa de Cícero, que fora considerado o padrão ideal de expressão. Em seu livro *Ciceronianus*, Erasmo de Roterdã denunciou o quão prejudicial foi o ciceronismo para a prosa latina, pois os alunos eram orientados a repudiar quaisquer textos latinos que não reproduzissem o estilo e o vocabulário do autor romano. Copiando-o servilmente, esses alunos não tinham a capacidade, tampouco os instrumentos, para imitá-lo.

De maneira análoga ao que houve com a escolástica medieval, sucedida pelo escolasticismo a bem de seus abusos metodológicos e derrocada doutrinária, o zênite do

renascimento literário e dos estudos da latinidade do Renascimento foi sucedido pelo que Nunes chama “*gramatiquice*” do ensino da Europa e das Américas, fenômeno que, com instrumentalizar os textos clássicos, declara-os tão somente fontes para derivar regras e exceções gramaticais para se memorizar.

Nesta seção, comentamos a crise educacional ocorrida na Idade Média, que, movendo os ânimos da primeira geração de humanistas do século XIV, suscitou a mudança curricular da educação nos séculos seguintes. Também avaliamos o estado dos estudos gramaticais nesse período, à maneira de uma introdução à seção 2.2, em que dissertaremos a respeito do próprio conceito de gramática, observando o modo por que foi abordado desde Antiguidade até meados do século XVI.

## 2.2 O conceito de gramática da Antiguidade ao Renascimento<sup>8</sup>

Nesta seção, a partir da leitura do artigo *Sobre el concepto de gramática en el Renacimiento*, de Guillén, discutiremos o modo por que os renascentistas conceberam a noção de gramática. Antes convém apresentar a tradição que os precede para que sejam visualizadas as transformações que incidiram sobre o conceito de gramática no decorrer dos séculos, bem como a maneira com a qual esse patrimônio pôde ser herdado pelas gerações que lhe sucederam.

Começamos pelo período tocante à Antiguidade. Na antiga Grécia, os fenômenos linguísticos eram abordados por duas perspectivas. A primeira e mais remota é devedora de investigações filosóficas e redonda em duas teorias antagônicas, a analogista, ou analógica, e a anomalista. A segunda é de origem alexandrina e costuma ser associada a um programa de estudos filológicos que abordava desde a letra e a sílaba até as partes do discurso. No âmbito grego, é a gramática relacionada ao exame e descrições dos elementos da língua; mas, como essa atividade estivesse escorada na língua literária e considerasse somente a regularidade da língua (*analogia*), os fatos da língua falada eram excluídos, dado que a sua diversidade é desconsiderada na formação de normas.

A partir desse legado grego, os autores romanos iniciaram as suas primeiras reflexões linguístico-gramaticais. É Varrão um representante da primeira perspectiva de investigação linguística, a chamada teórica, que é dito ser menos gramatical do que literária ou filológica. Comprova-se com um fragmento de seu *De grammatica* que o incipiente conceito de

---

<sup>8</sup> Esta seção é uma revisão bibliográfica de Guillén (1992). Quando recorremos a outros autores, indicamos as devidas referências.

gramática entre os romanos é, em virtude de sua inclinação filológica, alexandrino: “*Ars grammatica, quae a nobis litteratura dicitur scientia quae a poetis historicis oratoribusque dicuntur ex parte maiore, eius praecipua officia sunt quattuor [...] scribere legere intellegere probare* [A arte gramática, que é chamada por nós “literatura”, é a ciência das coisas que são ditas pelos poetas, historiadores e oradores. São quatro as suas funções principais: escrever, ler, entender e julgar]” (fr. 234).

Esse conjunto de atividades ditas “principais” da arte gramatical foi dividido, desde Quintiliano, em duas classes: a que tinha a função estético-literária e era chamada *historice* ou *exegetice*; e a outra, de função técnico-linguística, chamada *methodice* ou *horistice*. Em todo o período imperial, as definições de gramática atenderam a essas duas classes: a literária, ou interpretativa, devotada às atividades de filologia, desde a leitura adequada de uma obra até a sua crítica com a leitura, a interpretação, a correção e a crítica; e a linguística, ou preceptiva, dedicada ao modo correto de falar e escrever, em que se aborda o estudo da letra, da sílaba, da palavra e das partes da oração, bem como vícios e virtudes de linguagem.

As gramáticas do período imperial fundamentam seus preceitos na literatura clássica. É sabido que a língua latina, em sua evolução natural, inovou nos domínios da fonética, da morfologia e da sintaxe, embora os gramáticos repudiassem o processo, dada a tendência conservadora deles em relação às novidades linguísticas desviantes da norma clássica. Esta atitude é vista desde o período republicano por meio da noção latina de correção da língua, a *latinitas*<sup>9</sup>, que é resultado de uma oposição às influências estrangeiras, rústicas e dialetais no latim.

Tendo o cristianismo triunfado nos fins da Antiguidade, a Igreja ocupou-se com o ensino de latim, o que reorientou a gramática a servir como instrumento de compreensão dos textos sagrados. Convém apresentar a definição de gramática relacionada a esse fato que foi oferecida por Isidoro de Sevilha: “*scientia recte loquendi* [ciência de falar corretamente]” e “*origo et fundamentum liberalium artium* [origem e fundamento das artes liberais]”.

---

<sup>9</sup> *Latinitas* é o conceito que, entre os gramáticos, designa a correção e a adequação à norma linguística. É sabido, porém, que a *latinitas* não se adstringia somente ao âmbito linguístico, dado que também era um modelo identitário romano que demarcava os limites entre a cultura latina e as não latinas por meio de dicotomias como: a) o latim e as chamadas “línguas bárbaras”; b) o “bom” e o “mau” latim; e c) a língua latina e a grega. A primeira vez que o termo “latinitas” surge é, provavelmente, na Retórica a Herênio (80 a.C.), uma obra de retórica cuja autoria permanece desconhecida. Nela, a *latinitas* é a correção que remove as “impurezas” e os vícios da língua, como o solecismo e o barbarismo, que a fazem ser menos latina. Ratificamos que essa “pureza” não é só linguística, porquanto se refere, com criar uma divisão entre o cidadão romano e o não romano, que não tem conhecimento da língua nem da cultura latina, à própria identidade romana. Nesse sentido, ser latino é ter domínio da língua latina em sua forma original (Fortes, 2012).

Em direção ao período medieval, a gramática foi a mais valorizada entre as chamadas artes liberais, sendo estudada por meio de duas vias já presentes na Antiguidade: a didático-prática, hegemônica até o século XI, e a especulativa, ou modista, surgida na Baixa Idade Média. A gramática didático-prática dá continuidade à tradição tardo-antiga e, com endossar o fim normativo da gramática, dissocia-a dos estudos literários. Dois pontos dessa espécie de gramática devem ser considerados: a) as amostras de que se servia não eram bem literárias, senão, em sua maioria, bíblicas ou oriundas de outras *artes* baixo-imperiais; b) era comum aos seus autores abster-se de fornecer definições de gramática, porquanto Donato e Prisciano, as fontes principais daquele período, também não o fizeram. Quando havia alguma definição, não era mencionada a sua função de crítica literária, o que não implica a falta de contato com a literatura, visto que leituras eram necessárias para aprender a língua e a arte da versificação na Idade Média.

Redescobertas as obras de Aristóteles na Baixa Idade Média, injetou-se um ânimo no estudo da dialética, o que produziu dois efeitos: uma pesada influência da dialética sobre a gramática e a perda do protagonismo desta entre as artes liberais. Neste momento, a gramática reclama para si um caráter universal e transforma-se paulatinamente em ciência, tendo por objeto os fenômenos da língua e as suas causas, bem como os princípios universais extraídos dessa relação por meio de um rigoroso método de demonstração. As definições de gramática situadas nesse período refletem essa mudança, como a de R. Bacon (século XIII): “*Grammatica una et eadem est secundum substantiam in omnibus linguis, licet accidentaliter varietur* [Gramática é, conforme a sua essência, uma só e a mesma em todas as línguas, conquanto, por acidente, seja variada]”. Ainda no século XIII, a investigação dos gramáticos modistas levou-lhes a presumir que essa dita substância seria a expressão dos conceitos da mente em orações bem-formadas. A perspectiva gramatical dominante entre os medievais, portanto, era a técnica, ou *methodice*, que tinha dois fundamentos: o prático e o teórico. O primeiro concerne aos fatos da língua; o segundo, influenciado pela hegemonia do *Organon*, de Aristóteles, às proposições apriorísticas. Eis, portanto, a razão de a gramática assumir cada vez mais contornos científicos e menos artísticos, já que seus postulados visavam unicamente ao estudo do que há de universal na língua — exigência, como afirma Guillén, primária de toda disciplina que almeja ser ciência.

No que concerne ao período renascentista, é sabido que este era conhecido por seu veemente rechaço aos desenvolvimentos gramaticais da Idade Média. Na primeira metade do

século XV, Lorenzo Valla preconizava que a única *auctoritas* [autoridade]<sup>10</sup> confiável deveria ser a tríade tardo-antiga Donato, Sérvio e Prisciano, desconsiderando toda a produção de língua latina desde Isidoro até João de Gênova. A repercussão das ideias de Valla foi tamanha que a geração de humanistas que o sucedeu não tardou em condenar, dogmaticamente, todo o método de ensino medieval, inculcando-o, sobretudo, de apresentar um modelo de língua latina contendo inúmeros barbarismos. Em que pese essa posição assumida pelos humanistas, Guillén afirma que neles neles menos se pode vislumbrar uma ruptura total com o passado que uma evolução daqueles pressupostos gramaticais medievais.

Não houve, até o século XVI, nenhuma iniciativa por parte dos humanistas de abordar a língua por um viés filosófico. Os seus tratados gramaticais distavam, talvez propositadamente, daqueles medievais, uma vez que não havia uma preocupação com um eventual suporte teórico e imperava a ênfase filológica na formação de normas. As gramáticas do século XV são úteis para compreender essa transformação: a primeira geração de humanistas enfatizava demasiadamente a noção de *usus*, o uso linguístico, para basear suas normas em fundamentos estritamente filológicos. O próprio Perotti reforça a importância do *usus* em sua definição de gramática: “*Quid est grammaticae? Est ars recte loquendi recteque scribendi, scriptorum et poetarum lectionibus observata* [O que é gramática? É a arte de falar corretamente e escrever corretamente, observando as leituras de escritores e poetas]” (*Rud. gramm.* 13). Em outras palavras, trata-se da expressão correta da língua avalizada pela recorrência de um dado fato linguístico entre os autores da Antiguidade<sup>11</sup>.

Em virtude de privilegiar excessivamente o *usus*, Perotti e os gramáticos da primeira geração de humanistas viram-se obrigados a limitar o escopo de seus textos de gramática à reprodução de paradigmas da morfologia e formação de um inventário de usos sintáticos, máxime porque não havia espaço para especulações filosóficas. Na geração que sucedeu à primeira geração de humanistas, ocorreu o inverso: a gramática readquiriu um caráter mais linguístico e filosófico, que tinha sido herdado da tradição tardo-medieval. Também havia

---

<sup>10</sup> A *auctoritas*, traduzida como "autoridade", é uma das partes integrantes da *latinitas*, que determina a correção linguística do latim. O rol de autoridades era algo flutuante. Costumava-se incluir poetas, oradores, historiadores e, não raramente, escritores gregos, eruditos e eloquentes. A interpretação mais comum é a de que os escritores antigos são os detentores da autoridade. Por exemplo, uma dada construção linguística ou um certo uso de uma palavra poderiam ser avalizados ou não de acordo com o tesouro do legado literário dos antigos (Schad, 2007, p. 48).

<sup>11</sup> Comenta Grendler (1989) que a definição de Perotti, conquanto inspirada em Quintiliano e gramáticos tardo-antigos, parece ter sido original, tendo diversos manuais de gramática a repetido à exaustão. Quando são comparadas as concepções de gramática de Isidoro de Sevilha e Perotti, evoca-se o contraste entre a Idade Média e o Renascimento, dado o interesse dos humanistas em restaurar a gramática pedagógica desde as suas raízes antigas, endossando assim a sua predileção por uma gramática inspirada no *usus*. É igualmente verdade, porém, que os mestres renascentistas se serviram de manuais e teorias medievais em suas obras. No fim das contas, a tradição renascentista combinava o que era tido por antigo, ou ultrapassado, com o novo, ou inovador.

retornado a investigação dos princípios que sustentam a multiplicidade de usos, os quais eram apresentados sem quaisquer explicações sobre a sua natureza.

Houve, então, uma espécie de reação aos abusos da noção de *usus* que grassaram entre a geração anterior de humanistas. Pertencem a essa leva de novas gramáticas aquelas que foram feitas para leitores que já tinham alguma formação, visto que elas continham acréscimos de ordem filosófica, como comentários a temas diversos e às variedades de construções possíveis no latim. É digna de menção a obra *De emendata structura Latini sermonis*, do humanista britânico Thomas Linacre (1460-1524). Trata-se de uma gramática que, além de ter uma nova organização dos conteúdos gramaticais, antes apresentados sem um esquema coeso, fornece explicações e discussões teóricas mais orientadas a um público com formação filosófica. A empreitada de Linacre acarreta na condenação aos métodos apregoados pelos humanistas, o que promoverá, depois, a proliferação de gramáticas racionalistas.

Em 1540, quando é publicada a *De Causis Linguae Latinae*, de Escalígero (1484-1558), há uma mudança radical de perspectiva. Escalígero une a tradição gramatical herdada dos medievais à lógica (*ratio*, que, no caso, é a capacidade de apreender o universal a partir do particular) e passa a considerar a gramática como um ramo da filosofia. Recupera, então, a gramática o seu caráter teórico, que a geração anterior de humanistas suprimira.

Podemos, com segurança, , com segurança, elencar algumas características das gramáticas renascentistas. Vimos que, no primeiro século humanista, no qual houve uma reação às tendências medievais, a gramática foi integrada em um conjunto de estudos filológicos e literários, inspirado sobretudo no *usus*, que foi rejeitado pelos gramáticos do século XVI. Em meados dos séculos XIII e XIV, a gramática dissocia-se dos estudos literários e torna-se uma disciplina autônoma, influenciada por uma outra disciplina, a dialética. Contra essa excessiva presença da dialética, advinda da produção especulativa baixo-medieval, os primeiros humanistas compuseram somente gramáticas de grau elementar, como o fez Perotti no século XV. A partir de Linacre, são redigidos tratados de maior complexidade, dada a sua exigência de conhecimento prévio por parte do leitor já habituado aos rudimentos da língua.

Se os gramáticos da primeira geração de humanistas tinham por único objetivo ensinar a língua, registrando uma gama de fenômenos linguísticos sem fornecer nenhuma explicação global para tal variedade, a segunda geração, por sua vez, pôs-se a produzir tanto manuais em nível elementar quanto de alta complexidade para aqueles que desejavam aprofundar-se na matéria com uma certa independência didática — a começar pela obra de Escalígero, se

empreendem com a qual uma recondução da investigação gramatical até a sistematização desses dados linguísticos e a busca das causas dos fenômenos da língua.

### 2.3 Niccolò Perotti e os *Rudimenta grammatices*

Nesta seção, apresentamos informações gerais sobre o nosso autor e a sua obra. Na subseção 2.3.1, há uma biografia de Niccolò Perotti, produzida a partir das informações constantes do trabalho *Niccolò Perotti, humaniste du Quattrocento: bibliographie critique*, de Charlet (2011). Com relação aos *Rudimenta grammatices*, preparamos na seção 2.3.2 um quadro geral de suas características, valendo-nos de uma monografia acadêmica de Gehl (2008), *Humanism for Sale*, do artigo *The Treatise on Letter Writing in Niccolò Perotti's Rudimenta grammatices* e do prefácio à edição crítica eletrônica dos *Rudimenta grammatices*, de Percival (2003; 2010).

#### 2.3.1 Vida de Niccolò Perotti<sup>12</sup>

De início, cabe comentar a grafia do nome de nosso autor. Paolo d'Alessandro a discute e defende que se adotou a forma “Perotti” por uma questão de maior ocorrência em documentos, dado que há um único documento, possivelmente contemporâneo, em língua italiana vulgar apresentando a forma “Perotto”, junto de um único “c” no primeiro nome. A forma “Perotto”, porém, chegou a ser utilizada após a morte do humanista e até em alguns estudos que o tem por objeto. Charlet opta pela forma “Perotti”, forma essa que os descendentes de Niccolò também adotaram.

No que respeita à biografia de Perotti, é sabido que seu nascimento data de agosto de 1430, em Sassoferrato, e não em Fano, como parece insinuar o próprio Perotti em suas *Cornucopiae Linguae Latinae*, talvez por uma afeição pessoal às duas cidades das quais era cidadão, visto que sua mãe o concebeu em Fano, de onde a mesma era natural. Segundo Grendler (1989), Perotti foi discípulo de Vittorino da Feltre e Guarino Veronese antes de ter sido nomeado secretário apostólico em 1455. Três anos mais tarde foi nomeado arcebispo, tendo empreendido missões diplomáticas e governado Viterbo (1464-1469), Espoleto (1471-1472) e Perúgia (1474-1477) para o papado.

---

<sup>12</sup> Esta subseção é uma revisão bibliográfica baseada em Charlet (2011). Quando recorremos a outros autores, indicamos as devidas referências.

A morte de Perotti é um tema controverso em sua biografia. Apresenta Mercati, autor da excelente monografia *Per la cronologia della vita e degli scritti di Niccolo Perotti, arcivescovo di Siponto* (1925), uma versão de sua morte valendo-se de uma nota manuscrita de Pontico Virunio, posterior a 1500: parece que Perotti teria sido envenenado pela esposa de seu sobrinho, Pirro<sup>13</sup> — a quem, aliás, os *Rudimenta grammatices* foram dedicados —, depois de tomá-la em flagrante tendo relações com seu mordomo. Este testemunho, porém, beira ao duvidoso. Um outro mais crível é a deliberação do conselho municipal de Sassoferrato, datada de 16 de dezembro de 1480, no dia seguinte à morte de Perotti, e redigida por Alberico Pagnani. Lendo-a, sabemos que Perotti não faleceu em Villa Curifugia, senão em sua residência, em Sassoferrato, tendo depois a cidade aberto um crédito para as suas despesas funerárias.

**Figura 2** — Estudo para o túmulo de Niccolò Perotti com inscrição apresentando as letras do alfabeto e a data “M·CCCCCLXXX” (c. 1480)<sup>14</sup>.



Fonte: Christie's (s. d.).

<sup>13</sup> Parece-nos que Pirro, talvez por ser sobrinho de Perotti e editor das *Cornucopiae*, teria sido um elemento importante na criação de certas narrativas difamatórias. Niccolò della Tuccia, v. g., na *Cronaca 12* de seu *Cronache di Viterbo e di altre città*, acusa Perotti, a quem chama “*pessimo sodomita*”, de ter tido relações pederásticas com Pirro; mas o editor dessa crônica, Ignazio Ciampi, e Mercati (1925, p. 56) afirmam que o relato de della Tuccia não é nada além de um disparate (Monfasani, 1976, p. 160).

<sup>14</sup> Este é o raríssimo projeto de modelo da tumba de Perotti, o qual tem a sua importância por ser a única obra que nos fornece uma visão da aparência original do monumento funerário do humanista, que foi destruído durante um terremoto em 1688 (cf. Mercati, 1925). Notamos que a obra traz, no seu canto inferior, duas informações interessantes: o ano da morte de Perotti, 1480, em algarismos romanos, e as letras do alfabeto, que é uma alusão à sua afamada gramática.

A descoberta de maior vulto sobre o fim da vida de Perotti é mérito de Dario Cingolani, que encontrou três cartas inéditas dele às autoridades municipais de Sassoferrato. As cartas relatam que Perotti alugara propriedades em áreas próximas à montanha da comuna, o que teria privado trabalhadores, em sua maioria pastores e lenhadores, de continuar as suas atividades laborais e, por consequência, obter sua renda. Não é de se espantar, portanto, que os mesmos nutrissem uma justificada antipatia pela figura do nosso humanista.

A vida de Perotti, indiscutivelmente, foi cercada por disputas polêmicas. A primeira delas foi contra Poggio Bracciolini. Desejando destacar-se no cenário intelectual da época, Perotti dirigiu invectivas a Bracciolini, que empreendia uma disputa com outro humanista de renome, Lorenzo Valla. Assim, em prol de Valla, responde Perotti a uma carta irônica de Bracciolini, datada de 17 de janeiro de 1454, com a sua *Oratio in Poggium*. No entanto, o cardeal Bessarion, à época empregador de Perotti, intervém na disputa, escuda Bracciolini e faz que Perotti redija uma outra carta rogando pelo perdão de Bracciolini, que ulteriormente o concede<sup>15</sup>.

A segunda polêmica foi contra Jorge de Trebizonda, em um contexto de disputa entre os platônicos e os aristotélicos renascentistas. Sucede que Perotti e outros membros do círculo de Bessarion estavam trabalhando na versão latina de um texto, *In calumniatorem Platonis*, que logo foi respondido por Jorge com as suas *Annotationes*. Segundo Charlet, valendo-se da reconstituição dessa polêmica feita pelo historiador John Monfasani, um certo Giorgio Benigno teria redigido uma primeira réplica ao texto de Jorge, da qual tomou nota Domizio Calderini, secretário de Bessarion após Perotti deixar o cargo. Calderini teria escrito uma refutação a Jorge de Trebizonda, revisada e ampliada por Perotti, que adicionou uma segunda parte, de espírito polêmico, contra Jorge.

A terceira polêmica é a sua disputa contra Giovanni Andrea Bussi, o bispo de Aleria, movida pela edição que este fizera da *Historia naturalis*, de Plínio, o Velho, da qual Perotti lista uma série de erros, o que o leva a sugerir ao papa a criação de um “comitê de censura” de edição de textos clássicos. Vale dizer que Perotti recomendou-se a si mesmo para o dito comitê.

A quarta, por fim, inicia-se em torno das já mencionadas *Cornucopiae*, o extenso comentário de Perotti ao *Liber spectaculorum* e ao livro I dos *Epigrammata*, de Marcial. Nosso autor moveu uma acusação de plágio contra Calderini, que o respondeu dizendo que

---

<sup>15</sup> Monfasani (1976, p. 122) relata que o jovem Perotti encomendou o assassinato de Bracciolini, à época chanceler de Florença, enviando dois mercenários de Bolonha para essa missão. Tendo sido a tentativa frustrada e os mercenários capturados, a confissão deles acusou Perotti como mandante do crime. Depois, o governo florentino enviou uma carta de protesto ao cardeal Bessarion, que, como dissemos, age em defesa de Bracciolini.

Perotti não apenas estaria com despeito como também seu ataque seria motivado pela antiga inimizade que mantinham. Parece, porém, ser quase certo que Perotti se serviu, em alguma medida, do trabalho de Calderini nas *Cornucopiae*.

Quanto à produção epistolográfica de Perotti, boa parte de suas cartas está ou perdida ou ainda por descobrir. Perotti as redigia tanto em latim quanto em italiano vulgar, se bem que em menor número, e mantinha contato com diversos destinatários, desde familiares e amigos até humanistas e papas. Os dois correspondentes para os quais há maior número de cartas, quer dizer, das que foram preservadas, são Giovanni Tortelli, contando com 7, e Papa Sisto IV, com 6. Um dos maiores interesses que há nessas cartas é a relação entre Perotti e Lorenzo Valla, pois teriam eles discutido não somente questões de filologia em suas correspondências, senão também de outras naturezas, como a investigação de Perotti acerca da quadratura do círculo.

Iniciada já em sua juventude, teve Perotti uma carreira poética prolífica, que o fez receber em Bolonha, no ano 1452, os louros poéticos do imperador Frederico III. Seus poemas estão, em sua maioria, presentes em dois conjuntos: o *Liber epigrammatum ad Sigismundum Pandulphum Maltestam*, dedicado a Sigismondo Pandolfo Malatesta, senhor de Fano e patrocinador das artes, e os *Epitomes*. O primeiro conjunto é uma coleção de 29 poemas feitos durante o pontificado de Nicolau V, cujas influências são Catulo, Horácio e Marcial. Vale notar que, tendo sido excomungado Sigismondo, em 1462, o primeiro conjunto poético de Perotti foi relegado ao esquecimento. O segundo conjunto, por seu turno, foi compilado no final do verão de 1474 e contém referências de fábulas de Fedro e de Aviano nas composições poéticas que reúne.

No campo da oratória, há a *Oratio de laudibus Federico imperatoris*, composta por ocasião da visita de Frederico III à Bolonha, em janeiro de 1452, e alguns discursos fúnebres, como a *Monodia in obitu Seueri Perotti*, dedicada ao irmão de Perotti, Severo, que deve ser tida como um simples exercício literário que acompanhava três monódias gregas traduzidas por Perotti, além da *Oratio habita in funere Petri <Riarii> cardinalis Divi Sixti*, de 1474, e um discurso religioso, provavelmente o único desse gênero em toda a sua obra, a *Oratio de assumptione Beatae Virginis*, proferido em Mântua em 15 de agosto de 1459.

Dedicou-se Perotti também ao ofício de tradutor, tendo traduzido obras gregas para o latim. Cronologicamente, a sua primeira tradução é a obra de São Basílio, *De invidia*, seguida de *De invidia et odio*, de Plutarco, em 1449. Traduziu ainda, em 1449 ou 1450, o *De Alexandri Magni fortuna aut uirtute*, também de Plutarco. No primeiro semestre de 1450, veio a lume o *Enchiridion*, de Epicteto, e, entre 1451 e 1454, temos o *De fortuna Romanorum*, de

Plutarco novamente, e o *Historiarum libri V*, de Políbio. De 1472 a 1474, foram traduzidos o *Monodia in Smyrnae deploratione*, de Aristídes, o *Monodia in funere Iuliani imperatoris*, de Libânio, e o *Monodia in obitu Manuelis Palaeologi imperatoris*, de Bessarion. Depois de 1474, há o *De uirtutibus et uitiiis*, de Pseudo-Aristóteles. É possível que Perotti tenha participado das versões latinas das obras de seu patrono, Bessarion. Apesar de não haver nenhuma resposta conclusiva a essa questão, em carta a um certo Buonconte, filho de Frederico da Montefeltro, e em uma epígrafe posta em um manuscrito da *Iliada* oferecido a Antonio da Montefeltro, afilhado de Bessarion, há indícios de que Perotti possa ter traduzido para o latim algumas obras gregas de Bessarion.

Tendo em mente os estudos de Prete, Dihle e Monfasani, Charlet pontua que Perotti seja o primeiro humanista a inaugurar, incipientemente, os princípios da crítica textual, tendo ele discutido o assunto, v. g., na carta a Guarnieri. Na carta, redigida entre os anos de 1470 e 1473, Perotti solicita que Guarnieri e o cardeal Barbo peçam auxílio do papa Sisto IV para instituir um conselho de eruditos que teriam permissão de censurar edições de textos clássicos. O próprio Perotti estaria incluído em tal conselho. O interesse de nosso autor por essa espécie de censura se deu a bem da edição feita por Giovanni Andrea Bussi da *Historia naturalis*, de Plínio, o Velho, tida como de péssima qualidade por nosso humanista. Na mesma carta, Perotti prescreve alguns cuidados na edição de textos antigos, como a consulta a diversos manuscritos, de preferência os menos corrompidos, a consulta a trechos da obra do autor em que a mesma ideia é expressa de forma mais clara, o confronto com o texto citado junto à consulta ao texto imitado e ao que Charlet chama “*vérité de l’autre langue*”, referindo-se, especificamente, à comparação com a língua grega.

Quanto aos seus trabalhos de métrica e de gramática, resta-nos comentar que nosso autor esboçou dois tratados de métrica, de curta extensão, chamados por Remigio Sabbadini “*capolavoro del secolo*”, isto é, “obra-prima do século”, e, quanto ao papel de Perotti como gramático, reservamos os comentários para a subseção seguinte.

### 2.3.2 Descrição dos *Rudimenta grammatices*<sup>16</sup>

Segundo Kärnä (2013), os *Rudimenta grammatices* são a primeira gramática humanística extensiva. Destinada a um público-alvo composto tanto por professores de alunos

---

<sup>16</sup> Nesta subseção, recorreremos a mais de um autor. Optamos, então, por fazer as referências no corpo do texto, de modo que fosse possível distingui-los.

avançados quanto por alunos em nível elementar, a obra de Perotti, que se baseia no legado da tradição gramatical europeia, cujo substrato são textos como a *Ianua*, manual amplamente utilizado na Itália medieval, e as obras dos gramáticos tardo-antigos Donato e Prisciano, logo se tornou o modelo de diversas gramáticas que a sucederam no período moderno.

É dito que, antes dos *Rudimenta grammatices*, não havia um só manual de gramática que pudesse figurar em todos os níveis do currículo gramatical. Os humanistas que precederam Perotti compuseram apenas breves manuais de gramática a seus alunos, a exemplo das *Regulae grammaticales* (c. 1418), de Guarino Veronese. Esses manuais, porém, tiveram um horizonte limitado, porquanto foram produzidos apenas para servir de suplemento a outros livros didáticos, tendo de ceder lugar à gramática de Perotti ao final da década de 60. Apesar disso, não tardou a chegada de concorrentes para os *Rudimenta grammatices*, como o compêndio *Institutiones grammaticae* (1493), de Aldo Manuzio, o *De componendis et ornandis epistolis* (c. 1475) e a *Grammatica Sulpicii Verulani cum vocabulario suo* (1486), de Giovanni Sulpizio da Veroli, e uma gramática produzida a partir da *Ianua*, a *Donatus melior* (1484), de Antonio Mancinelli.

De acordo com Percival (2010), a data do final da redação dos *Rudimenta grammatices* está situada por volta do último semestre de 1468, tendo Perotti, que residia à época em Viterbo, cerca de 30 anos. A *editio princeps* da obra foi feita por Conrad Sweynheym e Arnold Pannartz, os primeiros impressores de Roma, em 19 de março de 1473, poucos anos depois de Perotti redigir completamente o manuscrito autógrafo, preservado hoje na Biblioteca Apostolica Vaticana (Vat. Lat. 6737).

Relata-se que os *Rudimenta grammatices* foram muito bem sucedidos comercialmente. Segundo Kärnä (2013), a gramática de Perotti recebeu cerca de 132 edições até 1500, e, no século XVI, outras 44. Quanto à sua publicação, contam-se 60.000 exemplares que irromperam em toda a Europa Ocidental durante aproximadamente 27 anos.

Como dissemos antes, os *Rudimenta* foram tidos como modelo para outros gramáticos humanistas, o que redundou em adaptações da obra para outras línguas, como a alemã *Grammatica nova* (1479), de Bernhard Perger, e algumas francesas a partir de 1504. As adaptações, porém, não diziam respeito ao texto latino, que permanecia inalterado, mas sim às traduções em línguas vernáculas das amostras de que Perotti se valeu em seu texto. É evidente, então, que Perotti influenciou sobremaneira a gramaticografia europeia, estando

presente desde a Itália, a sua terra natal, até a Holanda, Alemanha e Inglaterra, seja por meio de seus discípulos, seja por meio de sua própria obra, cuja difusão foi expressiva<sup>17</sup>.

Enumera Percival (2010) 3 fatores que justificaram o sucesso da gramática de Perotti. O primeiro é a sua redação, que contém uma linguagem acessível, clara e objetiva. O segundo é o fato de a obra estar compactada em um único volume, distando assim daqueles manuais esparsos que a precederam. O terceiro, por último, são a sua estrutura e organização internas: a primeira parte é um manual para iniciantes, como a *Ars minors*, de Donato, e outros manuais desse gênero que foram populares na Idade Média. A segunda parte, intitulada “*De constructione orationis*”, recobre uma variedade de tópicos de nível intermediário, como a construção de frases, gerúndios e supinos, pronomes relativos, patronímicos, graus de comparação de adjetivos e figuras de linguagem. A terceira parte é um manual de epistolografia intitulado “*De componendis epistolis*”. Sua adição era inovadora devido ao fato de que não se ofertava conteúdos desse gênero em outros manuais de gramática, sendo cara a uma época em que a procura por instrução gramatical equivalia a ter o domínio de composição em latim clássico.

Para ilustrar a popularidade da obra, apresentamos um caso interessante que foi descoberto e comentado por Gehl (2008) e está presente no site *Humanism for Sale*: há na Newberry Library, em Chicago, um incunábulo impresso a 1478 em Veneza, o qual não é rico em anotações, mas as poucas existentes trazem informações que revelam a fama dos *Rudimenta grammatices*. Em sua contracapa (Figura 3), identificamos o que parecem ser desenhos e rascunhos infantis, ou mesmo um simples teste de pena. Não deixamos de reparar, aliás, no quadrado Sator no canto inferior da folha<sup>18</sup>.

**Figura 3** — Desenhos e rascunhos na contracapa do incunábulo 4423.5 (Newberry Library, Chicago).

---

<sup>17</sup> Perotti foi tão ilustre na França que o termo *Perot* tornou-se sinônimo de gramática de latim elementar (Gehl, 2008).

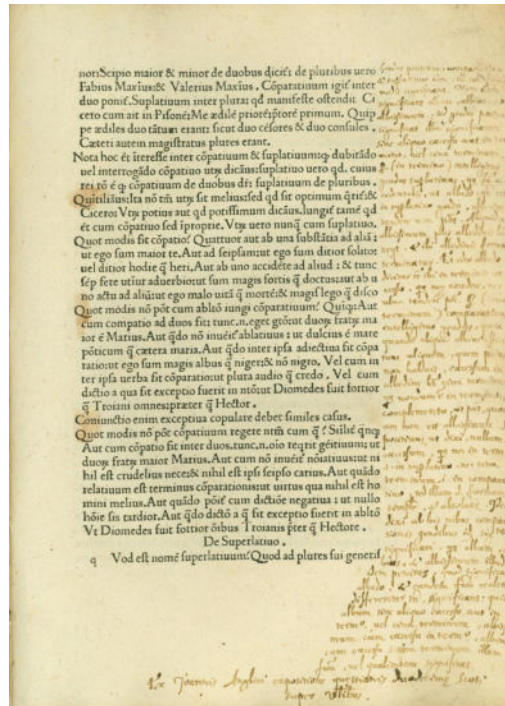
<sup>18</sup> O quadrado Sator é uma estrutura em formato de quadrado composta por quatro palavras latinas: “*sator*”, “*tenet*”, “*opera*” e “*rotas*”, e uma de origem não confirmada, que é “*arepo*”. O modo por que essas palavras foram dispostas no quadrado formam, a um tempo, um acróstico e um palíndromo. O seu significado, porém, permanece um mistério. No incunábulo, é o terceiro quadrado com letras, contando da direita para a esquerda, no canto inferior.



Fonte: Gehl (2008)

Consta da mesma edição uma longa anotação, datada do início do século XVI, na margem de uma seção sobre os comparativos e superlativos (Figura 4). Trata-se de uma citação, não a um texto de gramática, senão a um de filosofia: o comentário, de ampla circulação nos ensinos superiores, ao *Quaestiones super universae Porphyrii*, do filósofo escolástico Duns Scotus.

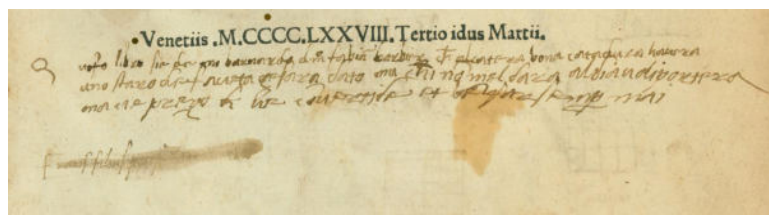
**Figura 4** — Anotação de comentário filosófico em seção sobre os comparativos e superlativos do incunábulo 4423.5 (Newberry Library, Chicago).



Fonte: Gehl (2008)

Na página final do incunábulo (Figura 5), indica Gehl que há uma marca de autoria de um comentário, “*Maestro Barnaba, filho de Maestro Fabiano, o barbeiro*”, no qual é dito ter sido aquele exemplar da obra trocado por um alqueire de grãos.

**Figura 5** — Marca de autoria de um comentário no incunábulo 4423.5 (Newberry Library, Chicago).



Fonte: Gehl (2008)

As três anotações nos encaminham a três lugares distintos: a) uma presumível sala de aula de ensino pré-universitário ou uma sessão de estudo particular; b) um ambiente universitário; e c) uma loja de um comerciante. São, portanto, três lugares de perfis variados onde a obra de Perotti poderia ser encontrada. Acreditamos que, talvez, este seja um dos maiores índices materiais da popularidade dos *Rudimenta grammatices*.

Conforme Percival (2003), há nos *Rudimenta* dois tipos de estrutura textual: pergunta e resposta, que é o método erotemático, e dissertação. Vale dizer que, da Antiguidade em diante, o primeiro tipo de estrutura foi usado amiúde por mestres de língua latina em seus

manuais elementares. A *Ars minors*, de Donato, datada do século IV d. C., é um exemplo de obra nesse formato, assim também é a *Ianua*, manual de gramática extremamente popular na Itália medieval. Pontuamos, porém, que as respostas dadas às perguntas nessas duas obras são perceptivelmente menores do que as de Perotti em sua gramática.

A maior parte dos *Rudimenta grammatices* são as seções dedicadas à morfologia e sintaxe latinas, que representam 72,70% de sua totalidade e tiveram por base manuais humanistas que as precederam, como as *Regulae grammaticales*, de Guarino Veronese. Neste Trabalho de Conclusão de Curso, traduzimos as seções que concernem ao *nomen*, isto é, às classes gramaticais substantivo e adjetivo, e suas propriedades morfológicas, ou acidentes.

No que toca àquela terceira e final parte dos *Rudimenta*, que cobre os tópicos de estilística e o tratado sobre epistolografia, dediquemos-lhe um comentário mais extenso, dado que a arte de compor epístolas, chamada também *dictamen*, foi um componente educacional importante desde a Idade Média, tendo adquirido ingente relevância na formação de tabeliães e funcionários legais no norte da Itália por volta de 1100. Comenta Percival (2003) que, entre os elementos gerais desse tratado, havia instruções para compor cartas, discussões sobre neologismos, palavras de sentido dúbio e construções inadequadas, bem como a forma correta de evitá-las, e informações de cunho lexicográfico e etimológico, estando também presentes critérios de correção sintática, o que resultou na excisão de barbarismos e de toda sorte de vícios de linguagem, junto a apontamentos para uma seleção vocabular adequada — de onde notamos a afinidade de Perotti com as *Elegantiae Linguae Latinae* (1471), de Lorenzo Valla.

Lista Percival duas características especiais do *De componendis epistolis*: a sua organização não tradicional das partes de uma carta e a sua provável finalidade. É sabido que as partes tradicionais de uma carta são *salutatio* [saudação], *exordium* [introdução], *narratio* [desenvolvimento], *petitio* [pedido] e *conclusio* [conclusão]. Apesar de haver cinco partes, Perotti restringe-se a comentar somente as duas primeiras, equiparando a saudação à introdução. Os termos *narratio*, *petitio* e *conclusio* simplesmente não são vistos nessa terceira parte, o que causa uma particular estranheza, em função de haver, em obras anteriores à de Perotti, menções a tais termos, como há no *Catholicon*, de João de Gênova, datado de 1286, no qual encontramos extensos artigos sobre *narratio* e *petitio*, ou mesmo no *De conficiendis epistolis libellus*, cuja autoria se costuma a atribuir a Lorenzo Valla, de que constam todas as cinco partes tradicionais.

Conclui Percival que essa organização de Perotti possa ser ter sido intencional. Acontece que Perotti ensina em seu tratado a produzir cartas de caráter íntimo, tendo por modelo as *Epistulae ad Familiares*, de Cícero, e não cartas de caráter

comercial, o que o desvia do objetivo comum de redigir cartas desde a Idade Média. Em termos práticos, o manual de Perotti talvez tenha sido menos útil do que aqueles produzidos nos séculos anteriores.

À guisa de conclusão, convém resumir o pensamento de Percival e resumir os pareceres da crítica mais recente dos *Rudimenta grammatices*. De acordo com Kärnä (2013), Percival, a cuja posição se assemelha Black, considera que essa gramática é um marco na história da gramaticografia, ainda que seja, em seu veio, medieval, pouco original e demasiadamente relacionada a seus predecessores, como Donato, Guarino Veronese e a *Ianua*. De modo contrário, observa Worstbrock, analisando o contexto de publicação dos *Rudimenta*, que há mérito por parte de Perotti em suas novas abordagens e na tentativa de restaurar a antiga latinidade, tal como no fato de apresentar a primeira teoria humanística da linguagem. Por fim, a própria Kärnä, que considera ambas as posições válidas, opta por dar ênfase ao perfil inovador da obra de Perotti, uma vez que esta apresenta novidades como a numeração de regras gramaticais e a introdução de um tratado de composição epistolar. Nesse sentido, assim como Percival, a autora afirma que os *Rudimenta grammatices* são um passo à frente na história da gramaticografia.

#### 2.4 A edição crítica eletrônica de Percival<sup>19</sup>

Nesta seção, comentaremos as características gerais da edição crítica eletrônica de W. K. Percival, publicada em 2010, dos *Rudimenta grammatices*, da qual nos valem para a nossa tradução. O prefácio dessa edição, cuja autoria é do próprio Percival, dá-nos notícia da fortuna crítica da obra, da biografia de Perotti e de informações concernentes ao processo de edição.

Encorajado por seus companheiros do comitê científico do Istituto Internazionale di Studi Humanistici, começou Percival a edição crítica dos *Rudimenta grammatices* por volta de 1994, finalizando-a em 2010. A edição crítica deveria ter sido publicada em formato de livro de capa dura; mas, não havendo recurso de composição tipográfica naquela ocasião nem sendo financeiramente viável para boa parte das bibliotecas no mundo, foi decidido publicá-la em formato eletrônico.

A edição crítica foi feita a partir de duas fontes primárias: o manuscrito autógrafo, que se encontra na Biblioteca Apostolica Vaticana (Vat. Lat. 6737), e a *editio princeps* de Sweynheym e Pannartz, cuja impressão data de 19 de março de 1473. Quanto às cópias da

---

<sup>19</sup> Esta seção é uma revisão bibliográfica de Percival (2010).

*editio princeps*, reporta-se a existência de apenas 5: 2 estão na British Library, em Londres; 1 está na Bodleian Library, em Oxford; 1 outro na Bibliothèque Nationale, em Paris; e 1 acredita-se ser uma cópia privada.

Um aspecto digno de comentário é a questão da paginação na edição crítica. Considerou Percival que foi um trabalho extenuante referenciar os números de páginas. Nesse sentido, ele se valeu de certas convenções ao longo desse processo: citamos, v. g., os números entre colchetes, que são referentes às folhas do manuscrito autógrafo, e os números entre barras oblíquas, referentes à edição de Sweynheym e Pannartz. Salientamos que tanto a *editio princeps* quanto o manuscrito autógrafo não têm um padrão de paginação consistente.

Porque não fosse a *editio princeps* paginada nem folheada, houve a necessidade de recorrer ao registro que consta da descrição do catálogo da British Library. O manuscrito autógrafo, embora paginado, não apresenta números de seção ou parágrafo. Dessa forma, a edição crítica foi dividida em capítulos, guiando-se pelos títulos que Perotti atribuiu a cada seção. Conquanto não seja um inconveniente grave, a numeração é considerada, mesmo por Percival, como arbitrária.

Abaixo, apresentamos um quadro que reproduz a sinopse da obra (Quadro 1). Na primeira coluna, à esquerda, temos os títulos das seções; na segunda, no centro, a localização no manuscrito autógrafo; na terceira, à direita, a localização na *editio princeps* de Sweynheym e Pannartz.

**Quadro 1** — Sinopse dos *Rudimenta grammatices*, de Niccolò Perotti

<b>Títulos</b>	<b>Autógrafo MS</b>	<b>S&amp;P 1473</b>
<Operis initium>, <munus partesque grammatices>, <de littera>	f. 1r	f. a2r
<i>De syllaba</i>	f. 2v	f. a3r
<i>De dictione</i>	f. 3r	f. a3v
<i>De oratione</i>	f. 3r	f. a3v
<i>De nomine</i>	f. 3r	f. a3v
<i>De generibus nominum</i>	f. 5r	f. a5r
De numero	f. 7v	f. a7v
<i>De figura</i>	f. 7v	f. a7v

<i>De casu</i>	f. 8r	f. a7v
<i>De prima declinatione</i>	f. 8r	f. a7v
<i>De modo examinandi</i>	f. 8r	f. a8r
<i>De secunda declinatione</i>	f. 10v	f. a9v
<i>De tertia declinatione</i>	f. 11v	f. b1r
<i>De quarta declinatione</i>	f. 14r	f. b3r
<i>De quinta declinatione</i>	f. 15r	f. b3v
<i>De uerbo</i>	f. 15v	f. b4r
<i>De modiis uerborum</i>	f. 16r	f. b4v
<i>De spetiebus uerborum</i>	f. 16v	f. b5r
<i>De figuris uerborum</i>	f. 17r	f. b5v
<i>De coniugatione</i>	f. 17v	f. b5v
<i>De personis uerborum</i>	f. 17v	f. b5v
<i>De numeris &lt;uerborum&gt;</i>	f. 18r	f. b6r
<i>De praeteritis perfectis</i>	f. 19r	f. b7r
<i>De supinis</i>	f. 22v	f. c2r
<i>De examinatione uerbi</i>	f. 24v	f. c3v
<i>De participio</i>	f. 37r	f. d4r
<i>De pronomine</i>	f. 39r	f. d5v
<i>De praepositione</i>	f. 41v	f. d7v
<i>De aduerbio</i>	f. 42r	f. d8r
<i>De interiectione</i>	f. 43r	f. d8v
<i>De coniunctione</i>	f. 43r	f. d8v
<i>De constructione orationis incipit foeliciter</i>	f. 44v	f. e1v
<i>De uerbo passiuo</i>	f. 52v	f. e8v
<i>De uerbis neutris</i>	f. 53r	f. f1r
<i>De uerbis communibus</i>	f. 60v	f. f7v

<i>De uerbis deponentibus</i>	f. 61v	f. f8v
<i>De uerbis impersonalibus incipit foeliciter</i>	f. 65v	f.g1v
<i>De infinitis</i>	f. 68r	f. g3v
<i>De gerundiis</i>	f. 68v	f. g4r
<i>De supinis uerborum</i>	f. 69r	f. g4v
<i>De participio</i>	f. 69v	f. g5r
<i>De relatiuis</i>	f. 74r	f. g8v
<i>De patronimicis</i>	f. 78v	f. h1v
<i>De comparatiuis</i>	f. 79v	f. h2v
<i>De superlatiuo</i>	f. 82r	f. h4r
<i>De aduerbiis &lt;localibus&gt;</i>	f. 84v	f. h6r
<i>De nominibus heteroclitis</i>	f. 85v	f. h7r
<i>De figuris</i>	f. 89r	f. h10r
<i>De soloecismo</i>	f. 90r	f. i1r
<i>De metaplasmis</i>	f. 91r	f. i2r
<i>De scematibus lexeos</i>	f. 92r	f. i2v
<i>De tropo</i>	f. 93r	f. i3v
<i>De punctis quibus oratio distinguitur</i>	f. 95v	f. i5v
<i>De componendis epistolis</i>	f. 96v	f. i67
<i>Peroratio</i>	f. 142v	f. m9v

Fonte: Percival (2010)

No processo de formação da edição crítica, foram destacadas algumas particularidades da escrita de Perotti no manuscrito autógrafo. Parece que boa parte das variantes no texto da *editio princeps* são oriundas da má caligrafia de nosso humanista em determinadas passagens, as quais são indicadas por Percival em nota de rodapé. Merecem atenção especial os alógrafos: por vezes usa Perotti *e* ou *e caudata* para o ditongo *ae*, ao passo que os primeiros editores usam *e* ou *æ*. Por conseguinte, neutraliza Percival a grafia *e* em *ae*. Quando

Sweynheym e Pannartz se distanciam excessivamente de Perotti, Percival opta pela ortografia deste último.

Convém reservarmos um parágrafo para comentar a questão dos diacríticos presentes no manuscrito autógrafo. Se parece inconveniente o fato de Percival ter se eximido de reproduzi-los fielmente em sua edição crítica, mais dramática é a situação da *editio princeps* e das demais edições impressas, onde tais diacríticos foram liquidados. Acontece que Perotti marcou tanto as palavras gregas quanto as latinas com os três acentos, a saber, o agudo, o circunflexo e o grave, pondo-os acima das vogais, ligeiramente à sua direita; mas Percival alega que não foi possível reproduzir essa prática no meio digital, o que justifica o fato de ter posto os acentos nas palavras à maneira convencional moderna. Quanto aos diacríticos gregos, ou espíritos, a edição crítica também não os incluiu a fim de evitar distorções no texto.

A edição crítica de Percival é-nos de suma importância por ter possibilitado o acesso aos *Rudimenta grammatices* de modo claro e nos munido com dados importantes para as fases de pesquisa e tradução deste Trabalho. Como a obra de Perotti não se encontra integralmente traduzida, foi condição *sine qua non* para bem traduzi-la uma pesquisa abrangente, que se realizou, em um primeiro momento, a partir da edição crítica de Percival.

Encerramos o segundo capítulo tendo dissertado sobre o status da gramática desde a Antiguidade até o Renascimento, a importante crise medieval na educação que precedeu as primeiras luzes do humanismo, a vida de Niccolò Perotti, as características gerais dos *Rudimenta grammatices* e a edição crítica eletrônica de Percival. Vemos que foram reunidas, satisfatoriamente, informações que respeitam ao objeto de nosso Trabalho. A seguir, no terceiro capítulo, comentaremos em pormenores a nossa proposta de tradução.

### 3. SOBRE A PROPOSTA DE TRADUÇÃO

O terceiro capítulo é dividido em três seções. Na seção 3.1, encontra-se um comentário sobre a tradução literária na história, o qual foi composto a partir da contribuição de Bassnett (2003). Na seção 3.2, apresentamos a posição a que aderimos no âmbito da tradução e os contornos gerais de nossa tradução por meio das reflexões teóricas e metodológicas de Aslanov (2015) e Berman (2013). Na seção 3.3, que se divide nas seções 3.3.1, 3.3.2 e 3.3.3, expomos e justificamos determinadas características desta tradução dos *Rudimenta grammatices* em língua portuguesa, as quais não são habituais em outras traduções de gramáticas latinas.

#### 3.1 A tradução na história<sup>20</sup>

Nesta seção, comentaremos a teoria da tradução da Antiguidade e do século XVI, o século subsequente à vida e obra de Niccolò Perotti. Sucede que, se desde a Antiguidade há uma reflexão sobre a teoria da tradução, será no século XVI que ela obterá contornos mais definidos. Presumimos que o século XV foi de grande atividade no campo da tradução, vide a profícua carreira de tradutor do próprio Perotti. Desse modo, a bem dos eventos sociais, políticos e culturais da Reforma, os debates sobre tradução puderam intensificar-se e legar novas teorias concernentes ao ato de traduzir.

Segundo Steiner, em seu *After Babel*, a história da tradução, no que concerne à sua prática e teoria, deve ser dividida em quatro períodos. O primeiro começa com os escritos de Cícero e Horácio até a publicação, em 1791, de *Essay on the Principles of Translation*, de Alexander Fraser Tytler. Este período inicial é caracterizado por sua “*focalização empírica imediata*”, ou seja, as observações atinentes ao fenômeno da tradução emergem de sua própria prática. O segundo período, por seu turno, estende-se até a publicação, em 1946, de *Sous l’invocation de Saint Jérôme*, de Larbaud. Neste período, vigoram a investigação teórica e hermenêutica e estreiam uma terminologia e metodologia novas e próprias da área. O terceiro período, iniciado na década de 40 do século XX, é marcado pela publicação dos primeiros textos sobre tradução automática e pela nova relação entre tradução, linguística estrutural e teoria da comunicação. Por último, há o quarto período, que coexiste com o seu antecessor. O

---

<sup>20</sup> Esta seção é uma revisão bibliográfica de Bassnett (2003).

período final da divisão de Steiner sucede nos anos 60 e propagandeia um “*regresso à indagação hermenêutica, quase metafísica, sobre a tradução e a interpretação*”.

Conquanto apresente alguma lucidez e utilidade, a periodização de Steiner não é conveniente para um estudo diacrônico da tradução. Ressalta Bassnett que esses períodos não encerram uns aos outros, vide o fato de haver, ainda no século XXI, traduções cujas características são sobretudo encontradas no primeiro período, que abrange a Antiguidade até o século XVIII. Além disso, vemos que a noção de periodização é problemática, uma vez que a cultura humana é por essência dinâmica e avessa a marcações temporais. A título de exemplo, a autora comenta o fato de o Renascimento, tema caro ao nosso Trabalho, apresentar um problema de periodização quanto aos seus limites temporais: o Renascimento inicia-se com Petrarca e Chaucer no século XIV? Deveríamos considerar Rabelais, autor do século XVI, um renascentista de fato ou um medieval *post hoc*? E Dante, que, embora seja medieval, se assemelha aos homens de séculos que o sucederam? Esse gênero de investigação não é considerado produtivo nem na historiografia do Renascimento nem na da tradução. E, por essa razão, aconselha Bassnett a recorrer a cronologias mais flexíveis, sem divisões temporais incisivas, da história da tradução.

A história da tradução tem sua gênese em Roma, dado que a tradução é uma invenção genuinamente romana. Embora haja uma radicalidade nessa afirmação, é lugar-comum de historiadores da tradução iniciar as suas observações a partir de autores romanos, como Cícero e Horácio. Preconizavam estes autores que a tradução de um texto deveria considerar menos a letra do que o sentido. A tradução entre os romanos vinculava-se ao princípio de enriquecimento da língua e literatura autóctones, uma vez que se relacionava com as duas principais funções do poeta, a saber, adquirir e disseminar sabedoria enquanto dever humano universal e ser versado na arte de fazer e dar forma ao poema. Pouco relevante era, então, uma noção rígida de “fidelidade”, porquanto a ênfase estava nos critérios estéticos da língua-alvo. Compreendemos assim a razão de tanto Cícero quanto Horácio recomendarem ao tradutor evitar uma tradução *ad uerbum*, que se prende às formas, às estruturas linguísticas e mesmo às palavras da língua-fonte.

Era preocupação dos tradutores romanos o enriquecimento de sua língua e literatura por meio de processos tradutórios com ênfase na estética. Mas convém mencionar que uma de suas tarefas era traduzir um texto de uma língua à outra como um “exercício de estilística comparada”, uma vez que não se exigia fazer presente o texto-fonte, quer formalmente, quer conteudisticamente. Uma consequência disto é a não fidelidade à estrutura do texto-fonte. Pode ser o caso de afirmarmos que, a bem do bilinguismo e o trilinguismo cada vez mais

habituais devido à expansão do Império Romano, a tradução romana se valeu de uma liberdade sem precedentes em sua atividade.

Em que pese o fato de haver reflexão sobre a atividade de traduzir desde a Antiguidade, pontuamos que os primeiros teorizadores são homens do século XVI. Isto se dá a bem da invenção da imprensa, no século XV, e pelo fato de que o volume de traduções aumentou exponencialmente naquele período. Um dos primeiros teorizadores chama-se Etienne Dolet (1509-1546), cuja obra *La manière de bien traduire d'une langue en autre* (1540) elenca cinco princípios para o tradutor. O primeiro é que o tradutor deve ter plena ciência do sentidos e significados constantes do autor original; o segundo é que o tradutor deve ter destreza tanto na língua de partida quanto na língua de chegada; o terceiro é que as traduções literais devem ser evitadas; o quarto é que a linguagem do tradutor não pode ser outra senão a corrente; o quinto, por último, é que o tom do texto a ser traduzido não pode ser perdido em sua tradução.

Um tradutor contemporâneo de Dolet, George Chapman (1559-1634, não apenas corroborou as ideias deste último como formulou sua teoria em sua *Epístola ao Leitor*, presente em sua tradução da *Iliada*. Segundo Champman, não se deve produzir traduções literais nem descurar das possíveis perdas que há em uma tradução. O objetivo do tradutor, nesse caso, é “atingir o ‘espírito’ do original”. Neste ponto, não é absurdamente que se qualifica o século XVI como de suma importância para a teoria da tradução. Cita Bassnett o estudo de Edmond Cary para demonstrar que, na época de Dolet, a tradução esteve no fragor da batalha entre os reformadores protestantes e a Igreja Romana, tornando-se, portanto, um assunto de Estado e Religião. Houve uma grande repercussão das obras de Dolet e Champman e, principalmente, da postura combativa deles. O tom da maioria daqueles que empreenderam alguma reflexão sobre a tradução no século XVI é, sem dúvidas, polemista e o elemento comum a todos eles é a valorização de uma tradução que se subscreve à linguagem e ao estilo contemporâneo.

É no mesmo século XVI, contudo, em que ocorrem nas traduções uma série de adaptações, omissões e mesmo censuras nos textos. Exemplifica Bassnett com o caso da obra de Philemon Holland (1552-1637), que, em sua tradução de Tito Lívio, alterou a terminologia romana por uma sua, que era inglesa e contemporânea. Surgem nesse tipo de tradução adaptações substituições algo inusitadas, como *patres* e *plebs* por *Lords* ou *Nobles and Commons*. Noutras ocasiões, Holland clarifica demasiadamente, ou indevidamente, passagens e referências obscuras. Nesse processo, é comum ver a ideologia do tradutor irromper em meio ao texto traduzido, como, no caso de Holland, o seu nacionalismo.

Para comentar a situação da Europa renascentista no campo da tradução, recorre Bassnett a Steiner mais uma vez: acontece que, na altura, a tradução servia como uma das ferramentas mais criativas para a resolução dos conflitos que representavam “*uma ameaça real de excessos e desordem*”, oriundas do nacionalismo e das disputas religiosas. Consequentemente, deve-se considerar a tradução “*um poder modelador da vida intelectual da época*” e o tradutor menos como um técnico que traz um texto de uma língua à outra do que como uma espécie de ativista ou revolucionário movido por interesses de razão ideológica.

### 3.2 A tradução como manipulação e as suas tendências deformadoras<sup>21</sup>

Nesta seção, dissertaremos sobre a natureza do tradutor e de sua atividade a partir dos livros *A tradução como manipulação*, de C. Aslanov, e *A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo*, de A. Berman, para que tornemos visíveis certas características mais gerais de nossa tradução. Valemo-nos, então, de Aslanov para expor a concepção de tradução e tradutor a que aderimos. Quanto a Berman, utilizamos a sua analítica da tradução para indicar as tendências deformadoras em nossa tradução, de modo que possamos justificar as nossas escolhas no processo tradutório e apresentar os contornos gerais de nossa tradução.

De acordo com Aslanov (2015), a tradução é uma “*difícil negociação entre uma transparência ideal e a tentação de enganar o leitor que não tem acesso ao texto original*”. Não deve ser depreendido desta definição que o tradutor é um “fingidor”, tampouco que Aslanov está aludindo a uma variação do adágio *traduttori traditori*, “tradutor, traidor”. Sucede que, em seu trabalho, o tradutor é compelido a tornar um determinado texto mais “*aceitável*”, mobilizando nesse processo uma série de subterfúgios que, comumente, manipulam as intenções que constam do texto a ser traduzido. Concebemos, portanto, o tradutor como uma entidade que, com o respaldo de seu conhecimento da língua-fonte, impõe sua autoridade sobre o autor, o texto e o leitor.

A manipulação ocorre mesmo nos casos em que o próprio autor de uma obra é também o seu tradutor. Nesse sentido, a autotradução não é uma tradução propriamente dita, senão uma outra versão do texto. E nisto reside a manipulação: o leitor acredita que, sendo o tradutor e o autor do texto um só, haveria uma plena identidade entre o original e a tradução.

---

<sup>21</sup> Esta seção é uma revisão bibliográfica de Aslanov (2015) e Berman (2013).

Ao contrário, é sabido que a personalidade de um autor é dependente da língua de que se serve, porquanto as línguas ditam “*tons*”, estilos, gostos e outras concepções de mundo. A manipulação, por conseguinte, inere à tradução, uma vez o tradutor é um “*Doppelgänger*”, um duplo maléfico do autor, enquanto o autotradutor é “*uma réplica de si mesmo*”.

Um caso emblemático de autotradução e mutação da personalidade do autor/tradutor é a autobiografia de Nabokov (1899-1977), *Conclusive Evidence* (1946-1950). Acontece que, quando Nabokov a traduziu para o russo, a primeira diferença sensível estava em seu novo título, *Другие берега* [Drugie Berega], ou seja, “Outras margens”, aludindo ao fato de Nabokov ter partido de sua pátria em um navio a 1919. Também a versão inglesa desta versão russa contava com um novo título, *Speak, Memory* (1966). Essa variedade de títulos insinua que, à medida que Nabokov passava de uma língua à outra para refletir a respeito de sua própria vida, houve mudanças em sua escrita e sensibilidade estética.

Para todos os efeitos, o sentido de manipulação não é inteiramente negativo. Tal manipulação faz menos referência a termos como “engano” ou “fraude” do que a outros como “farmácia de manipulação” ou “manipulação genética”. Duas comparações evocadas por Aslanov auxiliam-nos a compreender a tarefa do tradutor: este é como o droguista que é obrigado a dosar as substâncias da língua ou como o pesquisador em biogenética que manipula o código do DNA. Quanto a essa manipulação do traduzir, cabe ao tradutor responder, em lugar do autor, por prerrogativas e responsabilidades que não deveriam ser de sua competência.

Parece a Aslanov ser próprio ao estatuto ontológico do tradutor o malogro de sua missão, isto é, “*fazer passar de maneira transparente um texto de uma língua para outra*”. Analogamente, adire Berman (2013) a essa posição. Propõe este autor um breve exame do sistema de deformação dos textos, onipresente em todas as traduções, a que chama *analítica da tradução*. Esta analítica tem sentido duplo: da análise completa desse sistema de deformação, no sentido cartesiano do termo, e também da análise no sentido psicanalítico, dado que esse sistema, como fosse inconsciente, move forças que desviam a tradução de seu verdadeiro objetivo. Tais tendências deformadoras são, seguramente, constituintes essenciais do ser-tradutor, os quais não podem ser eliminados quando são tornados transparentes, ou conscientes, em um processo de tradução.

Constam da contagem de Berman 13 tendências deformadoras na tradução: a racionalização; a clarificação; o alongamento; o enobrecimento e a vulgarização; o empobrecimento qualitativo e o quantitativo; a homogeneização; a destruição dos ritmos; a destruição das redes significantes subjacentes; a destruição dos sistematismos textuais; a

destruição, ou a exotização, das redes de linguagens vernaculares; a destruição das locuções e idiotismos; e o apagamento das superposições de línguas. Como se enquadram melhor em nosso Trabalho, comentaremos mais detidamente apenas estas tendências: a racionalização, a clarificação, o alongamento e a destruição dos sistematismos.

A racionalização é respeitante às estruturas sintáticas do texto da língua-fonte. A racionalização submete o texto a uma ideia de *ordem* de um discurso, pendendo sobretudo à linearidade, que neutraliza repetições, proliferação em cascata de relativas e participios, incisos, frases longas, frases sem verbo etc. Nas palavras de Berman, “*a racionalização deforma o original ao inverter sua tendência de base (a concretude) e ao linearizar suas arborescências sintáticas*”.

No caso da nossa tradução, foi necessário reorganizar os sintagmas constantes da oração latina, os quais são dispostos, em maior ou menor grau, livremente, visto que o latim é uma língua sintética capaz de apresentar uma grande diversidade de estruturas sintáticas. Contudo, como o português é uma língua analítica, cujos morfemas não são aglutinados a palavras, vimo-nos mais inclinados à ordem básica e canônica da língua, S-V-O (sujeito-verbo-objeto).

Impomos o parâmetro da racionalização sobre a organização sintática quando a estrutura do texto latino, reproduzida identicamente em língua portuguesa, soava inadequada ou mal construída. O parágrafo 133 do texto latino apresenta-se como um exemplo relevante desse caso. No quadro abaixo (Quadro 2), reproduzimo-lo tal qual aparece na edição de Percival, seguido de duas versões. A “Versão 1” é a tradução de acordo com a ordem das palavras do texto latino, ao passo que a “Versão 2” é a nossa tradução final, na qual o princípio da racionalização foi observado.

**Quadro 2** — Parágrafo 133 dos *Rudimenta grammatices*

Texto latino presente na edição crítica de Percival (2010)	“ <i>Quid est numerus? Est dictionis forma quae discretionem quantitatis facere potest</i> ”
Versão 1, tradução não racionalizada	“O que é número? É da palavra a forma que a discriminação da quantidade fazer pode.”
Versão 2, tradução racionalizada e final	“O que é número? É a forma da palavra que pode fazer a discriminação da quantidade”

Fonte: O autor (2025).

Conquanto a Versão 1 não nos pareça agramatical, é mais adequada para um contexto poético, em que o próprio texto latino não deseja se inserir. A Versão 2, por sua vez, é mais fluida e inteligível, convergindo assim com o propósito didático dos *Rudimenta grammatices*.

A próxima tendência elencada por Berman é a clarificação, tida como o “corolário” da racionalização. Na clarificação é mobilizada a noção de “clareza” das palavras e seus sentidos, v. g., um texto original que é desenvolvido livremente no *indefinido* mas recebe um procedimento de clarificação, que lhe impõe um modelo de definição. De certa maneira, toda tradução apresenta graus de clarificação, visto que o explicitar é próprio ao ato de traduzir. Há, então, dois modos de clarificação: a) a explicitação de algo que não é aparente, mas ocultado ou reprimido no original; e b) a explicitação de algo que não é, tampouco quer sê-lo, no original.

Adotamos a introdução de colchetes como um recurso de clarificação. Os colchetes podem ser encontrados nas seguintes situações: a) após a primeira ocorrência de um termo técnico de gramática latina, contendo a sua tradução em português; e b) para desfazer as elipses presentes no texto latino. Reservamos o comentário ao primeiro ponto para a seção 3.3.2. Neste momento, comentaremos somente o segundo ponto.

É sabido que o latim ultrapassa o português no que se refere à sua capacidade de concisão, sendo comum a elipse, principalmente a verbal, na oração latina. Os *Rudimenta grammatices* apresentam diversos parágrafos contendo elipses. Mas, ainda que bem funcione na língua latina, a manutenção das elipses no texto português o torna pouco inteligível. Buscamos resolver essa questão por meio do uso de colchetes contendo propostas de palavras, frases e relacionados que poderiam estar em elipse no texto latino.

Na captura de tela abaixo (Figura 6), extraída da Parte II de nosso Trabalho, é possível fazer uma comparação entre os dois textos, o latino e o português, do parágrafo 246:

<b>Figura 6</b> — Comparação entre o texto latino e o português do parágrafo 246	
<i>NONA REGVLA</i>	<i>NONA REGRA</i>
<i>246. Dativus et ablativus plurales quartae declinationis fiunt á nominativo singulari mutata u in i et interposita bu, ut manibus, senatibus. Excipiuntur differentiae causa artubus, arcubus, partubus. Portubus uero, tribubus, lacubus, ficubus, arcubus, artubus, incubus, partubus. Mas, a bem da quercubus, specubus nulla cogente causa differentiae.</i>	<i>246. Dativo e ablativo plural da quarta declinação são feitos a partir do nominativo singular, modificando -u para -i e interpondo -bu, como manibus, senatibus. Excetuam-se, por causa de características distintas, portubus, tribubus, lacubus, ficubus, arcubus, quercus, specubus [não têm] nenhuma causa aparente [para suas] características distintas.</i>

Logo ao final do parágrafo, há dois colchetes, “[não têm]” e “[para suas]”, postos para clarificar o sentido da passagem. Fossem eles omitidos, teríamos um resultado que, se não for agramatical, é de difícil leitura. Nesse aspecto, a nossa tradução afastou-se da expressão latina para alinhar-se com o bom uso do vernáculo.

A próxima tendência é o alongamento, que é tido como uma consequência das duas tendências anteriores. Toda tradução tende a ser mais longa do que o original, porquanto racionalizar e clarificar são ações que exigem alongar o que está, a princípio, compactado. Uma consequência de uma tradução alongada em demasia é a destruição do ritmo original do texto, que é outra tendência que será melhor comentada na seção 3.3, quando tratarmos do uso de colchetes. Por ora, convém ressaltar que o alongamento tem graus variados em todas as línguas e é uma tendência que é própria ao ato de traduzir.

As tendências expostas até aqui nos levam à última tendência: a destruição dos sistematismos textuais. Um sistematismo de um texto consiste nas escolhas estilísticas do autor, como os tipos de orações, construções e tempos verbais. A racionalização, a clarificação e o alongamento são as principais responsáveis pela destruição do sistema de um texto, uma vez que o tradutor opta por escolhas que não foram feitas pelo autor, destruindo assim os sistemas, as estruturas e, por vezes, o sentido do texto.

Recorremos, por conseguinte, às contribuições de Aslanov e Berman com o propósito de embasar criticamente a nossa tradução. Pomos em xeque a possibilidade de haver tradução perfeita. Ao contrário, o ato de traduzir pressupõe alterações não previstas pelo autor do texto-fonte e deformações oriundas das escolhas do tradutor. Restou-nos priorizar uma tradução *ad sensum*, isto é, sentido-por-sentido, como os exemplos supramencionados apontam. É claro para nós que uma pretensa fidelidade à letra nos afastaria do sentido comunicado pelos *Rudimenta grammatices*, cuja natureza é ser uma obra, como consta de alguns prefácios de edições posteriores à *princeps*, com *suavitas* e *jucunditas*, respectivamente, suavidade e deleite<sup>22</sup>.

### 3.3 Particularidades de nossa tradução

Foi reservada esta seção para comentar particularidades de nossa tradução. Em nossa avaliação, ainda que se relacionem com o tema das tendências deformadoras e da

---

<sup>22</sup> Cf. Kárná (2013).

manipulação da tradução, essas particularidades serão vistas em uma seção que lhes será exclusiva. Demonstraremos em cada subseção a seguir as que ou são relevantes para o nosso Trabalho ou são urgentes de serem justificadas.

### 3.3.1 Explicação de termos, passagens e outros apontamentos: o uso de notas de rodapé

As notas de rodapé desempenham um papel crucial no que respeita à proposta de nossa tradução, que é ser uma tradução comentada. No mais das vezes, contam elas com aportes de especialistas em história do Renascimento, história da língua latina, gramática latina, língua e literatura latina e grega e linguística, como Buzássyová (2019), Colombat (1992) Lourenço (2022), Matthews (2014), entre outros.

As notas de rodapé explicam os termos técnicos de gramática latina e esclarecem determinadas passagens e certas peculiaridades de Perotti como autor pertencente à primeira geração de gramáticos humanistas, as quais poderiam não ser percebidas por pessoas leitoras não especializadas.

A seguir, na captura de tela abaixo (Figura 7), apresentamos a nota de rodapé atinente ao termo *suppositum*, que tem a sua primeira entrada no parágrafo 179:

**Figura 7** — Amostra de nota de rodapé da nossa tradução

<sup>94</sup> No original, *suppositum*. Trata-se de termo recorrente no vocabulário técnico da sintaxe da gramática medieval. Era empregado junto de seu par conceitual, o *appositum* [aposto], para designar os dois elementos essenciais da oração, a saber, nome e verbo, respectivamente. No Renascimento, porém, houve não só uma ausência de especulação teórica sobre esses termos, como também uma nítida tendência a omiti-los e, em seu lugar, fazer referências a marcas posicionais na oração (Rodríguez e Guillén, 1988; Trujillo, 1994). Gramáticos humanistas do século XV abandonaram tais termos e Perotti, v. g., evita o seu uso, vide haver apenas 3 menções nos *Rudimenta grammatices*.

Fonte: O autor (2025).

Na nota de rodapé, encontra-se a contribuição de especialistas para elucidar, com apresentar a história do termo e o seu uso contextual, o que é o *suppositum*. Depois, há um breve comentário sobre a situação de uso do termo no século XV e a sua função na obra de Perotti. Descobrimos que nosso humanista o usa apenas 3 vezes, optando por fazer referências locais-posicionais em sua sintaxe, sem empregar termos técnicos específicos.

### 3.3.2 Visibilizando a terminologia gramatical latina: a introdução de colchetes no corpo do texto

Como foi exposto na seção 3.2, utilizamos colchetes para sugerir as possíveis elipses no texto. A outra função dos colchetes em nosso Trabalho é apresentar, na primeira entrada de um dado termo técnico de gramática latina, a sua proposta de tradução, que a substitui em suas demais ocorrências.

Abaixo apresentamos o parágrafo 53 dos *Rudimenta grammatices* (Figura 8). Perceba-se que a entrada do termo técnico *nomen*, encontrado na forma de ablativo singular, *nomine*, recebe, no parágrafo português, ao seu lado direito, o colchetes com uma proposta de tradução, “nome”. Logo temos: “DO NOMINE [NOME]”. No mesmo parágrafo português, quando há outra ocorrência do termo *nomen*, apresentamos diretamente a tradução “nome”, e assim também é nos parágrafos restantes<sup>23</sup>:

**Figura 8** — Parágrafos 53 dos *Rudimenta grammatices*

<i>DE NOMINE</i>	<i>DO NOMINE [NOME]</i> <sup>22</sup>
53. <i>Quid est nomen? Est pars orationis cum casu corpus aut rem proprie communiterue significans.</i>	53. O que é o nome? É a parte da <i>oratio</i> [oração] <sup>23</sup> com <i>casu</i> [caso] <sup>24</sup> que significa uma matéria ou uma ideia, de modo próprio ou comum.

Fonte: O autor (2025).

Optamos por traduzir a primeira ocorrência de termos técnicos de gramática latina para torná-la visível, à maneira de um recurso didático. Em nossa observação, a leiturabilidade do texto não foi prejudicada, uma vez que o uso de colchetes ocorre exclusivamente na primeira entrada<sup>24</sup>.

### 3.3.3 Nota sobre a prática de traduzir amostras do texto latino

Tradutores há que, perante um texto de gramática latina, optam por traduzir as amostras, das quais o gramático se serve para comprovar algum fato linguístico. Sob título de exemplo, apresentamos o parágrafo 127 dos *Rudimenta grammatices* (Figura 9). O nome “rus” é uma amostra que oferece Perotti para comprovar que monossílabos com desinência

---

<sup>23</sup> Isto se dá independentemente do caso em que estiver a palavra latina. Quando a entrada de um termo de gramática latina é traduzida, com os colchetes ao seu lado direito, fazemos referência à forma que se encontra no texto em latim. Nas demais ocorrências desse mesmo termo, porém, não procedemos assim, pois que a referência já foi antes feita e a disposição dos elementos visuais desarranjar-se-ia.

<sup>24</sup> De acordo com Lieberman (1977, p. 84), a leiturabilidade, em inglês, “readability”, é “*the ease with which the eye can absorb the message and move along the line* [a facilidade com que o olho pode absorver a mensagem e seguir ao longo da linha] (tradução nossa)”. Leiturabilidade não é legibilidade, que Lieberman define como “*the ease with which one letter can be told from the other*” [a facilidade com que uma letra pode ser distinguida de outra] (tradução nossa).

em *-us* são neutros, ao passo que as demais, como “*crus*”, “*thus*”, “*iuuentus*” etc., demonstram que há exceções à regra colocada:

**Figura 9** — Parágrafo 127 dos *Rudimenta grammatices*

XXVII	XXVII
127. <i>Rus cuius generis? Neutri, quia in us productam desinentia monosyllaba neutra sunt, supra syllabam uero feminina, ut crus, thus, iuuentus, senectus, incus. Excipitur hic mus, hic et haec sus, grus.  f. 7v]</i>	127. De que gênero [é] <i>rus</i> ? Do neutro, porque [nomes] monossilabos com desinência em <i>-us</i> alongada são neutros, mas, com mais de uma sílaba, [são] femininos, como <i>crus, thus, iuuentus, senectus, incus</i> . Excluem-se <i>hic mus, hic et haec sus, grus</i> .

Fonte: O autor (2025).

Urge justificar a razão por que não há tradução de nenhuma amostra no corpo do texto da tradução. Existem edições dos *Rudimenta grammatices* em que há traduções em italiano vulgar para as amostras latinas. Essas traduções, porém, não estão inseridas no corpo do texto, senão em sua margem. Em virtude da formatação deste Trabalho estar de acordo com as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), não nos seria possível reproduzir tal disposição textual.

No caso do parágrafo 127, por exemplo, traduzir “*rus*” por “campo” é inadequado, porquanto a língua portuguesa não comporta uma marca morfológica similar à latina para indicar o gênero neutro, esvaziando assim o sentido do restante do enunciado. Porém, se pusessemos a tradução entre colchetes na amostra “*rus*”, que se tornaria “*rus [campo]*”, e assim também nas demais com suas respectivas traduções, provocaríamos um efeito visual negativo na leitura do texto, dado que o parágrafo português seria demasiadamente alongado, o que seria evidenciado pela presença do parágrafo latino à sua esquerda. Quanto à possibilidade de pôr a tradução das amostras em notas de rodapé, vimos que a leitura do texto seria prejudicada, pois, para cada parágrafo, haveria ao menos uma nota de rodapé. Sanando um problema, seríamos levados a contragosto a um outro.

É regra entre os tradutores e exigência dos periódicos de línguas clássicas apresentar as amostras traduzidas, quer entre colchetes, quer em notas de rodapé. Por essa razão, elaboramos um glossário (Apêndice A – Glossário de amostras latinas) com todas as amostras latinas e suas respectivas traduções em ordem alfabética. Consultando o Glossário é possível obter informações mais detalhadas do mesmo. Defendemos que esta é a única alternativa para não prejudicar a leitura de nossa tradução e conciliar-nos com as práticas habituais do meio da tradução de gramática latina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, consideramos as asserções de diversos autores sobre o nosso objeto de pesquisa, entre eles Percival (2003; 2010), que atribui aos *Rudimenta grammatices* um valor histórico sem precedentes, já que seriam a primeira gramática e estilística de língua latina, inclusive em relação à Antiguidade clássica, no Ocidente. Perante a uma afirmação desse porte, convém a nós, os pesquisadores da história da gramática em língua latina e áreas relacionadas, perscrutar tal objeto a que se atribui tamanha relevância.

Como foi dito na apresentação deste Trabalho, nosso propósito é fazer, durante a graduação, uma humilde contribuição na pesquisa dos *Rudimenta grammatices* e de Niccolò Perotti. Vemos, porém, que esta pesquisa tem o potencial de se desenvolver, no tocante à sua proposta de estudo e continuação de sua tradução comentada, no âmbito da pós-graduação.

Até este momento, ponderamos sobre a educação humanística, que emergiu da crise da educação e da própria cultura medieval, e a tradição gramatical no Ocidente, tendo antes passado pelas questões geopolíticas que lançaram as bases para o Renascimento italiano e por uma coleção de comentários de historiadores, tidos como referências em seus respectivos estudos, do período do Renascimento. Apresentamos também uma *vita* de Niccolò Perotti e uma descrição geral de sua obra, os *Rudimenta grammatices*, junto do subsequente comentário à edição crítica eletrônica de Percival (2010). Por fim, dedicamos todo o terceiro capítulo para justificar, com embasá-la criticamente, as particularidades de nossa tradução.

Os capítulos desta Parte I encaminham-se para isto: preparar a pessoa leitora para a Parte II. Esta, a saber, é o produto final deste Trabalho e pôde vir a lume, na forma em que será apresentado, em virtude das pesquisas que mobilizamos durante a Parte I. Depois das referências, há um glossário sob o formato de apêndice, o qual esperamos que seja um auxílio no decorrer da leitura de nossa tradução.

## PARTE II

Texto latino, proposta de tradução e notas

DE NOMINE

DO NOMINE [NOME]<sup>25</sup>

53. *Quid est nomen? Est pars orationis cum casu corpus aut rem proprie communiterue significans.*

53. O que é o nome? É a parte da *oratio* [oração]<sup>26</sup> com *casu* [caso]<sup>27</sup> que significa uma matéria ou uma ideia, de modo próprio ou comum.

54. *Vnde dicitur nomen? Nomen dicitur quasi notamen, quod hoc notemus uniuscuiusque substantiae qualitatem, uel á Graeco, quod est ὄνομα.*

54. De onde se nomeia “nome”? “Nome” é nomeado quase como *notamen*, dado que designamos com ele a qualidade de cada substância, ou do grego, que é *ὄνομα*<sup>28</sup>.

55. *Quot accidit nomini? Quinque: speties, genus, numerus, figura, et casus.*

55. Quantos são os acidentes<sup>29</sup> do nome? Cinco: *speties* [espécie]<sup>30</sup>, *genus* [gênero]<sup>31</sup>, *numerus*

---

<sup>25</sup> No original, *nomen*. A definição de Perotti é convencional entre os gramáticos que o precederam, como Diomedes, Donato, Audax e Consêncio, cujas definições são substancialmente as mesmas (Schad, 2007, p. 267). Ulteriormente, Perotti enxertará este parágrafo em um outro ligado à análise morfossintática da palavra *poeta* (*Rud. gramm.*, 151).

<sup>26</sup> No original, *oratio*. Essa definição é extraída de Prisciano (*Inst. gramm.* 2. 53. 28-29), “*Est ordinatio dictionum congruam sententiam perfectamque demonstrans* [É a ordenação de palavras que significa uma sentença suficiente e perfeita]”. A divisão de partes da oração em declináveis e indeclináveis também segue a esteira de gramáticos anteriores, sobretudo Varrão (*Ling.* 10. 14). Não se preocupa Perotti em definir quais seriam as partes essenciais do discurso, como costumam fazê-lo o mesmo Varrão, Donato e Prisciano, dividindo-as antes entre declináveis e indeclináveis (Schad, 2007, p. 287-288).

<sup>27</sup> No original, *casus*. Trata-se da categoria morfológica que indica a comutação que ocorre no fim das palavras, que podem ser substantivos, adjetivos, pronomes ou certas formas verbo-nominais. Sua materialidade é vista nos sufixos, que têm função sintática. A definição de Perotti é semelhante à de Consêncio (*Gramm. lat.* 5.350.16), embora o último cinja sua lição ao *nomen*, “*commutatio ultimae syllabae in nomine* [mudança da última sílaba no nome]” (Schad, 2007, p. 58).

<sup>28</sup> Há influência de Prisciano (*Inst. gramm.* 2. 57) sobre Perotti nessa definição: era teoria popular na Antiguidade dizer que *nomen* derivasse de *ὄνομα* ou fosse a forma contraída de *notamen*, que vem de *nota* [sinal] ou *notare* [designar]. Diversos autores relatam essa informação, como o já citado Prisciano, Sêrvio, Pompeio e Cledônio (Schad, 2007, p. 267).

<sup>29</sup> No original, *accido*. A pergunta deve ser traduzida, literalmente, como “quantas coisas se aplicam ao nome?”. *Accido* é o verbo que, na terminologia gramatical, exprime a qualidade da palavra de ter acidentes. O termo *accidentia* [acidentes], que é tradução do grego *παρεπόμενα* [o que acompanha], deriva da ontologia e não tem definição precisa. Os *accidentia* não são essenciais às partes do discurso, mas se lhes acoplam como categorias atinentes a algo suplementar em relação ao sentido primeiro de uma palavra (Buzássoyová, 2019, p. 410).

<sup>30</sup> No original, *speties*. É o acidente que faz a distinção entre itens lexicais primitivos e derivativos. Não tem definição exata, como se verá no caso de *figura* (cf. *Rud. gramm.* 55).

<sup>31</sup> No original, *genus*. No parágrafo, trata-se do gênero gramatical de um nome. Interessa-nos apontar que Perotti não traz uma definição de gênero nem oferece sua etimologia tradicional, mas apresenta os diversos gêneros dos nomes (cf. *Rud. gramm.*, 167) e a razão por que um nome pertence a um determinado gênero (cf. *Rud. gramm.*, 166).

[número]<sup>32</sup>, *figura* [forma]<sup>33</sup> e caso.

56. *Quotuplex est nomen? Duplex: substantium et adiectium.* 56. Quantas são as espécies do nome? Dois: *substantium* [substantivo] e *adiectium* [adjetivo].
57. *Quod est nomen substantium? Est illud cui praeponitur unum articulare tantum, ut hic liber; uel duo ad summum, [f. 3v] ut hic et haec homo.* 57. O que é o nome substantivo? É aquele que se lhe antepõe somente um único pronome demonstrativo<sup>34</sup>, como *hic liber*; ou dois no máximo, como *hic et haec homo*.
58. *Quotuplex est nomen substantium? Duplex: proprium et appellatium.* 58. Quantos são os tipos de nome substantivo? Dois: *proprium* [próprio] e *appellatium* [comum].
59. *Quod est nomen proprium? Quod uni soli conuenit, ut Pyrrhus et Penelope.* 59. O que é o nome próprio? O que convém a um só, como *Pyrrhus* e *Penelope*.
60. *Quod est appellatium? Quod est commune multorum, ut homo, leo.* 60. O que é [o nome] comum? O que é comum a muitos, como *homo*, *leo*.
61. *Quod est nomen adiectium? Quod uariatur per tres diuersas uoces ut probus, proba, probum; uel per tres articulos, ut hic et haec et hoc foelix. /f. a4r/* 61. O que é o nome adjetivo? O que varia em três formas diferentes, como *probus*, *proba*, *probum*; ou em três demonstrativos, como *hic et haec et hoc foelix*.

---

<sup>32</sup> No original, *numerus*. Trata-se, de acordo com a definição dada por Perotti (*Rud. gramm.*, 133; 171), que, vale dizer, é a mesma de Prisciano (*Inst. gramm.* 2. 172. 2), do traço gramatical que discrimina a quantidade numérica que uma palavra apresenta. A língua latina, como a portuguesa, apresenta dois valores numéricos distintos: singular, quando expressa um só ente ou uma só coleção de entes, ou plural, quando indica mais de um ente ou de uma coleção de entes (Schad, 2007, p. 272-273). Segundo Matthews (2019, p. 98), Donato e alguns gramáticos recomendavam o uso de expressões como “cada um destes” ou “ambos” para sanar a falta de um correlato latino do dual grego.

<sup>33</sup> No original, *figura*. É a propriedade do nome que diz respeito à sua estrutura e formação tendo em vista a forma escrita das letras. Não se encontra definição de *figura* nas gramáticas latinas, dado que sua compreensão se dava por meio das especificações de suas manifestações, comumente vistas sob a forma de oposições binárias e exemplos elementares (Buzássyová, 2019); A forma pode ser simples, composta ou derivada da composta. É simples quando se trata de um único elemento, constituindo uma palavra simples; é composta quando se trata de dois elementos formando palavra composta; é derivada da composta (também denominada *parasyntheta*, transliteração de *παρασύνθετα*) quando é uma palavra composta formada por mais de dois elementos. Grande parte dos gramáticos latinos distinguia apenas duas formas, a simples e a composta, mas Prisciano (*Gramm. lat.* 5. 56), a quem Perotti segue nesta passagem, incluía como terceira a derivada da composta (Schad, 2007).

<sup>34</sup> No original, *articulus*. Como a língua latina não tivesse artigos, era empregado o pronome demonstrativo, também chamado *articulus* [artigo] (Cled. *Gramm. Lat.* 5. 50. 19). Gramáticos há, como Diomedes (*Gramm. Lat.* 1. 330. 35) e Cledônio (*Gramm. Lat.* 5. 15. 8), que dividiam os pronomes demonstrativos em prepositivos, quando estão antepostos aos nomes, como ocorre no exemplo, *hic poeta*, e pospositivos, ou relativos, no sentido de serem anafóricos, como *is*. A tradução adequada ao pronome articular é ou artigo (“o” e “a” e suas formas plurais) ou pronome demonstrativo (“este” e “esta” e suas formas plurais mais “isto”).

62. *Quot sunt speties nominum tam propriorum quam appellatiuorum? Duae: quanto dos comuns, dos nomes? Duas: primitiua primitiua, ut Iulus, mons; deriuatiua, ut Iulius, montanus.* [primitiva], como *Iulus, mons*; [derivativa], como *Iulius, montanus*.

63. *Quot sunt speties propriorum nominum? Quatuor: praenomen, quod praepositur differentiae causa, ut Cneus; nomen, quod est cuiusque proprium, ut Paulus; cognomen, quod est cognationis commune, ut Scipio; agnomen, quod ab aliquo euentu imponitur, ut Africanus.* Quatro: *praenomen* [prenome], que é anteposto como diferença, como *Cneus*; nome, que é próprio a cada um, como *Paulus*; *cognomen* [cognome], que é comum de parentesco, como *Scipio*; *agnomen* [agnome], que é assinalado por conta de algum acontecimento, como *Africanus*.

64. *Quot sunt speties tam primitiuorum quam deriuatiuorum nominum communes? Vigintiquinque: corporale, incorporale, omonymum, synonymum, incorporale proprium, appellatiuum, substantiuum, adiectiuum, ad aliquid dictum, quasi ad aliquid dictum, gentile, patrium, aliquid dictum, interrogatiuum, infinitum, relatiuum, quasi ad aliquid dictum collectiuum, diuiduum, fictitium, generale, completamente dependente] gentile* Vinte e cinco: *corporale* [concreto]<sup>35</sup>, [abstrato]<sup>36</sup>, *omonymum* [homônimo]<sup>37</sup>, *synonymum* [sinônimo]<sup>38</sup>, próprio<sup>39</sup>, comum<sup>40</sup>, substantivo<sup>41</sup>, adjetivo<sup>42</sup>, *ad aliquid dictum* [termo relativo dependente]<sup>43</sup>, [termo relativo não completamente dependente]<sup>44</sup>, *gentile*

<sup>35</sup> No original, *corporalis*. Trata-se do nome concreto, que possui uma substância física e passível de ser apreendida pelos sentidos. O nome concreto opõe-se ao nome *incorporalis*, isto é, abstrato, que designa seres cuja substância não é física nem passível de ser apreendida pelos sentidos.

<sup>36</sup> Cf. nota anterior.

<sup>37</sup> No original, *omonymum*. Trata-se do tipo de nome que partilha a mesma forma grafia com outro, mas tem um significado diferente. O nome homônimo opõe-se ao nome *synonymum*, isto é, sinônimo, que converge em sentido com alguns nomes de grafias diferentes.

<sup>38</sup> Cf. nota anterior.

<sup>39</sup> No original, *proprium*. Trata-se do nome próprio, que designa e identifica um ser de modo específico, ao contrário do seu oposto, o nome *appellatiuum*, isto é, comum, que indica o ser de uma espécie de forma genérica. Logo: *Heitor* é um nome próprio, ao passo que *homo* é comum, sendo que este enquadra o primeiro especificado.

<sup>40</sup> Cf. nota anterior.

<sup>41</sup> No original, *substantiuum*. Define-o Perotti (*Rud. gramm.* 57) pela via da sintaxe, afirmando que é um nome substantivo se aceita ser anteposto por um pronome demonstrativo, ou *articularis*.

<sup>42</sup> No original, *adiectiuum*. Este tipo de nome é definido por Perotti (*Rud. gramm.* 61) pela via da morfologia, uma vez que o nome adjetivo pode apresentar as formas masculina, feminina e neutra. No mesmo parágrafo, Perotti faz menção ao uso do nome adjetivo substantivado, que deverá aceitar antes de si os demonstrativos que também variam entre os gêneros.

<sup>43</sup> No original, *ad aliquid dictum*. Trata-se de um nome que funciona como uma espécie de termo de relação, v. g., “pai” e “filho”. O grau de explicitude dessa relação é variável, mas os gramáticos antigos assentem que, para se apreender o seu significado, um termo relativo dependente remete a uma outra palavra. Logo: o sentido de “pai” só pode ser compreendido à medida que se compreende o de “filho”. O *ad aliquid dictum* difere do *quasi ad aliquid dictum*, isto é, o termo relativo não completamente dependente, dado que este, malgrado exigir outro termo para ser compreendido, não lhe é completamente conectado, como “dia” e “noite” (Schad, 2007).

<sup>44</sup> Cf. nota anterior.

*spetiale, ordinale, numerale, absolutum, [gentílico]<sup>45</sup>, patrium [patronímico]<sup>46</sup>,  
temporale, locale. interrogatuum [interrogativo]<sup>47</sup>, infinitum  
[indefinido]<sup>48</sup>, relatiuum [relativo]<sup>49</sup>, collectiuum  
[coletivo]<sup>50</sup>, diuiduum [divisível]<sup>51</sup>, fictitium  
[fictício]<sup>52</sup>, generale [geral]<sup>53</sup>, spetiale  
[especial]<sup>54</sup>, ordinale [ordinal]<sup>55</sup>, numerale  
[numeral]<sup>56</sup>, absolutum [absoluto]<sup>57</sup>, temporale  
[temporal]<sup>58</sup>, locale [local]<sup>59</sup>.*

65. *Quod est nomen corporale? Quod corpus significat, ut homo.* 65. O que é o nome concreto? O que significa uma matéria, como *homo*.

66. *Quod incorporale? Quod non significat corpus, ut uirtus.* 66. O que é [o nome] abstrato? O que não significa uma matéria, como *uirtus*.

<sup>45</sup> No original, *gentilis*. Trata-se do tipo de nome que indica a origem étnica de um indivíduo. A definição de Perotti é idêntica à de Prisciano (Schad, 2007, p. 184). Não deve ser tido como idêntico ao *patrium*, ou *patronymicum*, isto é, patronímico, que faz referência à terra natal de um indivíduo.

<sup>46</sup> Cf. nota anterior.

<sup>47</sup> No original, *interrogatuum*. Trata-se de um tipo de pronome, o interrogativo como conhecemos na gramática portuguesa, tomado como nome tanto por Prisciano quanto por Perotti.

<sup>48</sup> No original, *infinitum*. Trata-se do pronome indefinido, tido também como nome.

<sup>49</sup> No original, *relatiuum*. Trata-se do pronome relativo anafórico, tido também como nome.

<sup>50</sup> No original, *collectiuum*. Trata-se do tipo de nome que, apresentando-se em uma forma singular, significa um grupo de seres. Atesta-se o termo, segundo Schad (2007, p. 66), somente em Prisciano, tendo sido referido por paráfrases em outros autores. Perotti, baseando-se em Prisciano, usa o termo em sua gramática.

<sup>51</sup> No original, *diuiduum*. Trata-se do tipo de nome que impõe uma relação entre dois objetos ou funciona à maneira de um operador distributivo (Peres, 1984). A definição de Perotti é inspirada na de Prisciano, que, por sinal, é exclusividade sua na Antiguidade (Schad, 2007, p. 140).

<sup>52</sup> No original, *fictitium*. Trata-se do que entendemos por onomatopéia, o processo de formação de palavras a partir da imitação de determinados sons e ruídos, como parece indicar a definição dada por Perotti (*Rud. gramm.* 78).

<sup>53</sup> No original, *generalis*. Trata-se do tipo de nome oposto ao *specialis*, porquanto indica um gênero, e não uma espécie ou categoria. Ensina Perotti (*Rud. gramm.* 79; 80) que *animal* [animal] é um nome geral, dado que é relativo ao gênero, ao passo que *homo* é *specialis*, por ser uma espécie de um gênero. Com efeito, o ser humano é uma espécie de animal, que se dista de outras por ser racional.

<sup>54</sup> Cf. nota anterior.

<sup>55</sup> No original, *ordinalis*. Trata-se do tipo de nome que indica a ordem das coisas. De acordo com Schad (2007, p. 279), o termo é encontrado apenas em Prisciano (Souter, TLL), de quem Perotti (*Rud. gramm.* 81) se vale para apresentar a sua definição.

<sup>56</sup> No original, *numeralis*. Trata-se do tipo de nome que indica os números cardinais. Não se deve assimilá-lo ao nome ordinal, porquanto este indica a ordem na qual um determinado número está incluído, como “primeiro”, “segundo”, “terceiro”, ao passo que o nome numeral designa uma quantidade absoluta, como “um”, “dois”, “três”. Não fosse a alteração na escolha do verbo, *significo* em lugar de *demonstro*, a definição dada por Perotti (*Rud. gramm.* 82) seria idêntica à de Prisciano (Schad, 2007, p. 272).

<sup>57</sup> No original, *absolutum*. A definição oferecida por Perotti (*Rud. gramm.* 83), que é uma versão reduzida da de Prisciano, diz ser o nome absoluto “*o que é inteligido por si [mesmo]*”. Vemos que o nome absoluto é aquele que não depende de outros conceitos para ser compreendido, ou melhor, que rejeita outros nomes que complementem seu sentido, dado que é simples, afirmativo e não conotativo, como os nomes *deus* e *ens*.

<sup>58</sup> No original, *temporalis*. Trata-se do tipo de nome que indica alguma noção temporal, como “mês” e “ano”, conforme a definição de Perotti (*Rud. gramm.* 84), a qual está também em Prisciano.

<sup>59</sup> No original, *localis*. Trata-se do tipo de adjetivo, agrupado também como nome, que faz referência a uma determinada posição local. A definição de Perotti (*Rud. gramm.* 85) é praticamente igual à de Prisciano.

67. *Omonima quae sunt? Quae uoce non significatione conueniunt, ut nepos, filius filii, uel luxuriosus.* 67. Quais são os [nomes] homônimos? Os que convergem na pronúncia, [e] não no significado, como *nepos, filius filii*, ou *luxuriosus*.
68. *Quae sunt synonyma? Quae non uoce sed significatione conueniunt, ut ensis, gladius, mucro.* 68. Quais são os [nomes] sinônimos? Os que convergem no significado, [e] não na pronúncia, como *ensis, gladius, mucro*.
69. *Quod est ad aliquid? Quod sine intellectu eius ad quod | [f. 4r] dicitur proferri non potest, ut filius, pater.* 69. O que é o termo relativo dependente? O que não pode ser expresso sem o entendimento daquele a que se refere, como *filius, pater*.
70. *Quasi ad aliquid quod est? Quod quamuis habeat aliquod contrarium, et quasi semper adhaerens, tamen neque ipso nomine significat etiam illud, nec secum interimit, ut nox, dies.* 70. O que é termo relativo não completamente dependente? O que, conquanto tenha algum contrário, e quase sempre adjacente, nem com o próprio nome significa aquele nem consigo [o] liquida, como *nox, dies*.
71. *Gentile quod est? Quod gentem significat, ut Graecus Latinus.* 71. O que é o [nome] gentilício? O que significa uma nação, como *Graecus, Latinus*.
72. *Patrium quod est? Quod á patria summitur, ut Romanus.* 72. O que é o [nome] patronímico? O que é atribuído a partir da pátria, como *Romanus*.
73. *Quod est interrogatiuum? Quod cum interrogatione profertur ut quis, qualis, quantus, quot.* 73. O que é o [nome] interrogativo? O que é expresso com interrogação, como *quis, qualis, quantus, quot*.
74. *Infinitum quod est? Quod est interrogatiuo contrarium, ut quis, qualis, quantus, cum graui accentu proferuntur.* 74. O que é o [nome] indefinido? O que é contrário ao interrogativo, como *quis, qualis, quantus*, quando são pronunciados com acento grave.
75. *Relatiuum quod est? Quod refert antecedens, ut qui, quae, quod, et talis, tantus.* 75. O que é o [nome] relativo? O que se refere a um antecedente, como *qui, quae, quod* e *talis, tantus*.
76. *Collectiuum quod est? Quod in singulari numero multitudinem significat, ut populus.* 76. O que é o [nome] coletivo? O que significa, no número *singulari* [singular], um conjunto, como *populus*.
77. *Diuiduum quod est? Quod á duobus uel á pluribus ad singulos habet* 77. O que é o [nome] distributivo? O que forma uma relação de dois ou de vários para indivíduos

*relationem, uel ad plures in numeros pares* únicos, ou de vários distribuídos em números distributos, *ut uterque, alter, quisque,* pares, como *uterque, alter, quisque, singuli.*  
*singuli.*

78. *Fictitium quod est? Quod á proprietate sonorum factum est, ut /f. a4v/ turtur, grus, taratantara.* 78. O que é o [nome] fictício? O que é formado a partir da propriedade dos sons, como *turtur, grus, taratantara.*

79. *Quod est generale? Quod in diuersas speties potest diuidi, ut animal, arbor.* 79. O que é o [nome] geral? O que pode ser dividido em diversas espécies, como *animal, arbor.*

80. *Quod est spetiale? Quod á genere diuiditur, ut homo, laurus.* 80. O que é o [nome] especial? O que é deduzido a partir de um gênero, como *homo, laurus.*

81. *Quod est ordinale? Quod ordinem significat, ut primus, secundus.* 81. O que é o [nome] ordinal? O que significa uma ordem, como *primus, secundus.*

82. *Quod est numerale? Quod numerum significat, ut unus, duo.* 82. O que é o [nome] numeral? O que significa um número, como *unus, duo.*

83. *Quod est absolutum? Quod per se intelligitur, ut ens, deus.* 83. O que é o [nome] absoluto? O que é inteligido por si [mesmo], como *ens, deus.*

84. *Quod est temporale? Quod tempus significat, ut mensis, annus.* 84. O que é o [nome] temporal? O que significa um tempo, como *mensis, annus.*

85. *Quod est locale? Quod locum significat, ut propinquus, longinquus.* 85. O que é o [nome] local? O que significa um lugar, como *propinquus, longinquus.*

86. *Quot sunt deriuatiuorum nominum speties proprie? Nouem: patronimicum, possessiuum, comparatiuum, superlatiuum, diminutiuum, comparatiuum, denominatiuum, uerbale, participiale, aduerbiale. | [f. 4v]* 86 Quantas são, propriamente, as espécies dos nomes derivativos? Nove: *patronimicum* [patronímico], *possessiuum* [possessivo], *comparatiuum* [comparativo], *superlatiuum* [superlativo], *diminutiuum* [diminutivo], *comparatiuum* [comparativo], *denominatiuum* [denominativo], *uerbale* [verbal], *participiale* [participial], *aduerbiale* [adverbial].

87. *Quod est nomen patronimicum? Quod á nominibus propriis patrum deriuatur, secundum formam Graecam, et significat cum genitiuo primitiui filium uel nepotem,* 87. O que é nome patronímico? O que é derivado a partir dos nomes próprios dos ancestrais, segundo a forma grega, e significa, com o genitivo do primitivo, “filho” ou “neto”, como

*ut Eacides: filius uel nepos Eaci.*

*Eacides: filius uel nepos Eaci.*

88. *Quod est nomen possessiuum? Quod cum genitiuo primitiui significat aliquid eorum quae possidentur, ut Euandrius ensis, id est ensis Euandri.*

88. O que é nome possessivo? O que, com o genitivo do primitivo, significa as coisas que são possuídas, como *Euandrius ensis*, isto é, *ensis Euandri*.

89. *Comparatiuum quod est? Quod significat magis sum positiuo, ut fortior, id est magis fortis.*

89. O que é o [nome] comparativo? O que significa que é mais do que o positivo, como *fortior*, isto é, *magis fortis*.

90. *Quae nomina comparantur? Appellatiua duntaxat qualitatem aut quantitatem significantia: qualitatem, ut bonus, malus; quantitatem, ut magnus, paruus.*

90. Quais nomes se comparam? Os comuns, meramente, que significam qualidade ou quantidade: qualidade, como *bonus, malus*; quantidade, como *magnus, paruus*.

91. *Comparatiuum cui casui seruit? Ablatiuo utriusque numeri sine praepositione. Dicimus enim doctior illo uel doctior illis.*

91. O [nome] comparativo serve a que caso? Ao ablativo de ambos os números, sem praepositione [preposição]. Dizemos, por isso, *doctior illo* ou *doctior illis*.

92. *Superlatiuum quod est? Quod per se prolatum intellectum habet cum ualde aduerbio positum, uel ad plures sui generis comparatum superponitur omnibus, ut Aeneas piissimus, id est ualde pius, optimus Teucrorum, id est bonus super omnes Teucros.*

92. O que é o [nome] superlativo? O que, por si mesmo, tem o significado entendido quando posicionado com o advérbio *ualde*, ou, comparado aos demais de seu gênero, sobrepõe-se a todos, como *Aeneas piissimus*, isto é, *ualde pius, optimus Teucrorum*, isto é, *bonus super omnes Teucros*.

93. *Superlatiuum cui casui seruit? Genitiuo tantum plurali. Dicimus enim doctissimus poetarum.*

93. O [nome] superlativo serve a que caso? Ao genitivo *plurali* [plural], somente. Dizemos, por isso, *doctissimus poetarum*.

94. *Diminutiuum quod est? Quod diminutionem sui deriuatiui absolute demonstrat, ut regulus, id est paruus rex.*

94. O que é o [nome] diminutivo? O que demonstra, diretamente, a diminuição de seu derivativo, como *regulus*, isto é, *paruus rex*.

95. *Quot causis proferuntur diminutiua? Tribus: necessariae significationis, urbanitatis, et adulationis gratia. ut tantillus, ingeniolum, corculum.*

95. Por quais razões são usados os diminutivos? Por três [razões]: [por] exatidão do significado, [por] urbanidade e [por] adulação, como *tantillus, ingeniolum, corculum*.

96. *Denominatiua quae sunt? Quae á nomine deriuantur, ut á saxo saxosus.* 96. Quais são os [nomes] denominativos? Os que são derivados de um nome, como *saxosus*, de *saxum*.

97. *Verbalia quae sunt? Quae á uerbo deriuantur, ut á domo domitor. /f. a5r/* 97. Quais são os [nomes] verbais? Os que são derivados de verbo, como *domitor*, de *domus*.

98. *Participialia quae sunt? Quae á participiis deriuantur, ut a mandus et reuerendus, hoc est dignus amari et reuerendus, isto é, dignus amari e reuereri.* 98. Quais são os [nomes] participiais? Os que são derivados de participios, como *amandus* e *reuerendus*, isto é, *dignus amari* e *reuereri*.

99. *Aduerbialia quae sunt? Quae ab aduerbiis deriuantur, ut hodiernus, | /f. 5r/ crastinus.* 99. Quais são os [nomes] adverbiais? Os que são derivados de advérbios, como *hodiernus*, *crastinus*.

#### DE GENERIBVS NOMINVM

#### DOS GÊNEROS DOS NOMES

100. *Quot sunt genera nominum? Septem: masculinum, femininum, neutrum, commune, omne, promiscuum, et neutrum* [masculino], *femininum* [feminino], *commune*, *omne*, *promiscuum*, *et neutrum* [neutro], *commune*<sup>60</sup> [comum], *omne incertum*. *Masculinum, cui praeponitur* [inclusivo]<sup>61</sup>, *promiscuum* [promíscuo]<sup>62</sup> e *unum articulare pronomen hic, ut hic incertum* [incerto]<sup>63</sup>. Masculino, ao qual é anteposto um único pronome demonstrativo, *hic*, como *hic Pyrrhus*. Feminino, ao qual é anteposto um único pronome demonstrativo, *haec*, como *haec Penelope*. Neutro, ao qual é anteposto *hoc*, como *hoc animal*. Comum, ao qual são antepostos *hic* e *haec*, como *hic et haec homo*. Inclusivo, ao qual são antepostos os três pronomes demonstrativos, como *hic et haec et*

<sup>60</sup> No original, *communis*. Trata-se do quarto gênero incluído por alguns gramáticos junto aos outros três principais, a saber, masculino, feminino e neutro. Nomes de gênero comum têm uma única forma válida para os gêneros masculino e feminino, como os substantivos de terceira declinação referentes a pessoas ou animais com uma terminação única para ambos os sexos, v. g., *homo* [ser humano], *sacerdos* [sacerdote] e *canis* [cão]. Evidentemente, para diferenciar os gêneros nesse caso, os antigos valiam-se de formas pronominais, como *hic* ou *haec*.

<sup>61</sup> No original, *omne*. O gênero inclusivo apresenta uma única forma válida para o masculino, o feminino e o neutro no nominativo singular (Schad, 2007, p. 277).

<sup>62</sup> No original, *promiscuum*. O gênero promíscuo se assenta em uma única forma válida para os sexos de cada animal, não recebendo mais de uma forma pronominal. Logo: *haec aquila* [esta águia], por ser nome feminino, mas não *hic aquila\** [este águia\*], mesmo que seja um animal do sexo masculino. Perotti também o chama “epiceno”, embora seja visto em outros gramáticos como “*subcommune* [subcomum]” (Schad, 2007, p. 151-152).

<sup>63</sup> No original, *incertus*. É o gênero atribuído a nomes que apresentam, via de regra, uma transitividade entre os gêneros masculino, feminino e neutro, e por isso mesmo recusam uma classificação exclusiva (Schad, 2007, p. 207).

*quod sub una uoce et uno articulo denotat animalia utriusque sexus, ut hic passer, haec aquila. Incertum, quod nulla ratione cogente sola auctoritas ueterum sub diuerso genere protulit, ut hic uel haec silex, finis, talpa, cortex, grus, dama, dies, margo, bubo, pantera, clunis, serpens, lynx, aluus, adeps uel adipēs.*

*hoc foelix.* Promíscuo, que também é chamado *epicenum* [epiceno], o qual denota, por meio de uma única forma e um único pronome demonstrativo, animais de cada sexo, como *hic passer, haec aquila.* Incerto, que, sem quaisquer razões aparentes, por si mesma a autoridade dos antigos apresentou em diversos gêneros, como *hic* ou *haec silex, finis, talpa, cortex, grus, dama, dies, margo, bubo, pantera, clunis, serpens, lynx, aluus, adeps* ou *adipēs.*

#### PRIMA REGVLA

101. *Pyrrhus cuius generis? Masculini. Quare? Quia omnia nomina propria uirorum cuiuscunque sint terminationis, masculini sunt generis.*

#### PRIMEIRA REGRA

101. De que gênero [é] *Pyrrhus*? Do masculino. Por que? Porque todos os nomes próprios de homens, sejam de qualquer terminação, são do gênero masculino.

#### II

102. *Penelope cuius generis? Feminini, quia omnia nomina mulierum cuiuscunque sint terminationis feminini generis sunt, ut Penelope, Glycerium.*

#### II

102. De que gênero [é] *Penelope*? Do feminino, porque todos os nomes [próprios] de mulheres, sejam de qualquer terminação, são do gênero feminino, como *Penelope, Glycerium.*

#### III

103. *Pirus cuius generis? Feminini, quia omnia nomina arborum feminini sunt generis, fructuum uero et lignorum, ut plurimum, neutri. Excipitur hic oleaster, et haec ficus pro fructu, nam hoc siler, hic rubus, et hic dumus non numerantur inter arbores.*

#### III

103. De que gênero [é] *pirus*? Do feminino, porque todos os nomes de árvores, frutos e são do gênero feminino, mas [nomes] de frutos e troncos, em sua maioria, [são] do neutro. Excluem-se *hic oleaster, haec ficus*, como fruto, *hoc siler, hic rubus* e *hic dumus*, visto que não são contados entre as árvores.

#### III

104. *Aprilis cuius generis? Masculini, quia omnia nomina mensium sunt masculini generis.*

#### III

104. De que gênero [é] *aprilis*? Do masculino, porque todos os nomes de meses são do gênero masculino.

#### V

105. *Decem cuius generis? Omnis, quia omnia nomina numeralia á quatuor usque ad centum omnis sunt generis, et indeclinabilia, caetera uero et declinantur et discreta sunt, praeter | [f. 5v] mille,*

#### V

105. De que gênero [é] *decem*? Inclusivo, porque todos os nomes numerais de quatro até cem são do gênero inclusivo e indeclináveis, mas os demais se declinam e diferenciam, salvo *mille*, que é dos três gêneros e indeclinável.

*quod trium generum et indeclinabile est.*

VI /f. a5v/

106. *Metaurus cuius generis? Masculini, quia omnia nomina fluviorum sunt masculini generis.*

VI

106. De que gênero [é] *metaurus*? Do masculino, porque todos os nomes de rios são do gênero masculino.

VII

107. *Coniuvia cuius generis? Communis, quia omnia nomina cuiuscunque sint terminationis si ex ipsa significatione rerum ad mares uel feminas solum pertinent, masculini uel feminini sunt generis. Sin utriusque sexus esse possunt nisi diuersas habeant uoces communia sunt. Si in significatione neutris et iam coniungi possunt, omnis sunt generis, ut hic uir, haec mulier, hic et haec parricida, hic et haec et hoc sospes.*

VII

107. De que gênero [é] *coniuvia*? Do comum, porque todos os nomes, sejam de qualquer terminação, se a partir do próprio significado se referem tão somente a homens ou mulheres, são do gênero masculino ou feminino. Se, contudo, podem ser de ambos os sexos, são comuns, a menos que tenham várias formas. Se no significado podem ser conectados aos neutros, são do gênero inclusivo, como *hic uir, haec mulier, hic et haec parricida, hic et haec et hoc sospes*.

VIII

108. *Bonus cuius generis? Masculini, quia est prima uox adiectiui. Bona? Feminini, quia est secunda uox adiectiui. Bonum? Neutri, quia est tertia uox adiectiui.*

VIII

108. De que gênero [é] *bonus*? Do masculino, porque é a primeira forma do adjetivo. *Bona*? Do feminino, porque é a segunda forma do adjetivo. *Bonum*? Do neutro, porque é a terceira forma do adjetivo.

IX

109. *Musa cuius generis? Feminini, quia omnia nomina Latina quae in nominatiuo singulari desinunt in a feminina sunt, ut aqua, cera. Pluralia uero quae desinunt in a neutra sunt, ut arma.*

IX

109. De que gênero [é] *musa*? Do feminino, porque todos os nomes latinos que no nominativo singular terminam em *-a* são femininos, como *aqua, cera*. Mas os plurais que terminam em *-a* são neutros, como *arma*.

X

110. *Graeca nomina cuius generis? Graeca quae in as uel in is longam desinunt, et similiter in a apud eos desinentia neutra, et quaecunque terminationem suam seruant, genus suum apud nos seruant, ut hic Boreas, crater, Titan, Sosia, poeta, scema, et reliqua.*

X

110. De que gênero [são] os nomes gregos? Os [nomes] gregos que terminam em *-as* ou em *-is* longas, e identicamente na desinência neutra *-a* entre os gregos, e qualquer um que conserve a sua terminação, conserva o seu gênero entre nós, como *hic Boreas, crater, Titan, Sosia, poeta, scema*, entre outros.

## XI

111. *Cubile cuius generis? Neutri, quia omnia nomina quae in nominatiuo singulari in e correptam uel in i desinunt neutra sunt, ut monile, gumi. Excipiuntur á genitiuis composita omnis generis, ut eiusmodi. Nam nihil, frugi, mancipi obliqui sunt casus cum omnibus casibus et generibus figurate adiuncti.*

## XI

111. De que gênero [é] *cubile*? Do neutro, porque todos os nomes que terminam em *-e* abreviada e em *-i* no nominativo singular são neutros, como *monile, gumi*. Excluem-se os compostos por genitivos de gênero inclusivo, como *eiusmodi*. De fato, *nihil, frugi, mancipi* são do caso oblíquo, conectados, de modo figurativo, em todos os casos e gêneros.

## XII

112. *Sermo cuius generis? Masculini, quia omnia nomina quae in nominatiuo singulari in o desinunt, nisi sint uerbalia antecedente i, et nisi in do uel in go exeant o in i mutantia in genitiuo, quae feminini sunt generis, | [f. 6r] praeter hic ordo, cardo, et Cupido pro deo, ut haec actio, oratio, dulcedo, origo, masculina sunt, praeter caro, carnis, quod est femininum. Margo tam masculini quam feminini generis inuenitur. Virgo communis etiam generis inuenitur.*

## XII

112. De que gênero [é] *sermo*? Do masculino, porque todos os nomes que terminam em *-o* no nominativo singular, a menos que sejam derivados de verbo com *-i* antecedente, e não terminem em *-do* ou em *-go*, mudando *-o* para *-i* no genitivo, que são do gênero feminino, como *haec actio, oratio, dulcedo* e *origo*, salvo *hic oratio, dulcedo, origo, masculina sunt, praeter caro, carnis, quod est femininum*. masculinas. Excluem-se *caro* [e] *carnis*, que são femininas. Encontra-se *margo* tanto no gênero masculino quanto no feminino. Encontra-se *virgo* também no gênero comum.

## XIII

113. *Cornu cuius generis? Neutri, quia omnia nomina in u, uel in /f. a6r/ c, uel in d, uel in l, uel in m, uel in t in nominatiuo singulari desinentia neutra sunt, ut genu, lac, aliquid, ceruical, caput, templum. Excipitur hic sal, quod tamen apud ueteres neutrum inuenitur; hic pugil, hic sol, hic et haec praesul, exul, uigil, hic et haec et hoc nequam.*

## XIII

113. De que gênero [é] *cornu*? Do neutro, porque todos os nomes [que têm] a terminação em *-u*, ou em *-c*, ou em *-d*, ou em *-l*, ou em *-m*, ou em *-t*, no nominativo singular, são neutros, como *genu, lac, aliquid, ceruical, caput, templum*. Excluem-se *hic sal* — que, no entanto, entre os antigos é encontrado [na forma] neutra —, *hic pugil, hic sol, hic et haec praesul, exul, uigil, hic et haec et hoc nequam*.

## XIII

114. *Numen cuius generis? Neutri, quia omnia nomina in n desinentia si producunt ultimam aut si á canendo componuntur masculina sunt. Sin corripiunt, nisi á canendo composita, neutra sunt, ut hic lien, ren, splen, hoc solamen, semen, flamen. Hic tubicen, hoc solamen, semen, flamen. Hic tubicen,*

## XIII

114. De que gênero [é] *numen*? Do neutro, porque todos os nomes com desinência em *-n*, se alongam a última [sílabas], ou se são conectadas pela pronúncia, são masculinas. Se, contudo, abreviam[-na], a menos que conectadas por pronúncia, são neutros, como *hic lien, ren, splen, solamen, semen, flamen*. *Hic tubicen,*

*cornicen, fidicen. Excipitur hic pecten, hic flamen pro sacerdote. Graeca uero in n genus suum seruant, ut hic Titan, haec syren, hic delphin, haec Heleusin.* *cornicen, fidicen. Excluem-se hic pecten, hic flamen como sacerdote. Mas as [palavras] gregas em -n conservam seu gênero, como hic Titan, haec syren, hic delphin, haec Heleusin.*

XV

115. *Laquear cuius generis? Neutri, quia omnia nomina desinentia in ar neutra sunt ,ut instar, lacunar. Excipitur hic Bostar, hic Lar, hic et haec et hoc par et sua composita.*

XV

115. De que gênero [é] *laquear*? Do neutro, porque todos os nomes com desinência em *-ar* são neutros, como *instar, lacunar*. Excluem-se *hic Bostar, hic Lar, hic et haec et hoc par* e seus compostos.

XVI

116. *Cancer cuius generis? Masculini, quia omnia nomina in er desinentia masculina sunt, praeter nomina tertiae declinationis b uel u loco consonantis ante er habentia, uel terrae foetus significantia, ut hic puer, ager, auster, hoc tuber, suber, uber, cadauer, hoc siler, papauer, cicer. Excipitur hic imber, et ab eo composita September, Mulciber, hoc iter, spinter, cancer pro morbo. Degener, pauper, uber communis uel potius omnis sunt generis.*

XVI

116. De que gênero [é] *cancer*? Do masculino, porque todos os nomes com desinência em *-er* são masculinos, salvo nomes da terceira declinação<sup>64</sup> que tenham *-b* ou *-u* como consoante antes de *-er*, ou que signifiquem produtos da terra, como *hic puer, ager, auster, tuber, suber, uber, cadauer, hoc siler, papauer, cicer*. Excluem-se *hic imber* e seus compostos *September, Mulciber, hoc iter, spinter, cancer* como doença. *Degener, pauper, uber* são do gênero comum ou, de preferência, inclusivo.

XVII

117. *Vir cuius generis? Masculini, quia in ir desinentia | [f. 6v] nomina masculini sunt, ut hic leuir, Treuir, Abadir. Excipiuntur hoc Gadir, hoc ir.*

XVII

117. De que gênero [é] *uir*? Do masculino, porque nomes com desinência em *-ir* são masculinos, como *hic leuir, Treuir, Abadir*. Excluem-se *hoc Gadir, hoc ir*.

XVIII

118. *Honor cuius generis? Masculini, quia omnia nomina in or desinentia masculina sunt, ut labor, lector, praeter comparatiua, quae communis sunt generis. Excipiuntur hic senior, haec arbor, hoc marmor, aequor, ador, cor, et hic haec memor, immemor. Et á decore, corpore, uel colore*

XVIII

118. De que gênero [é] *honor*? Do masculino, porque todos os nomes com a desinência em *-or* são masculinos, como *labor, lector*, salvo os comparativos, que são de gênero comum. Excluem-se *hic senior, haec arbor, hoc marmor, aequor, ador, cor* e *hic haec memor, immemor*, e os compostos de *decore, corpore* ou *colore*,

<sup>64</sup> No original, *declinatio*. A declinação é o conjunto de padrões flexionais que incide sobre o fim dos nomes, adjetivos e pronomes, modificando-lhes a função sintática. Segundo Lourenço (2022, p. 66), o termo deriva de *declino*, que seria "inclinat" ou "desviar". As declinações, portanto, são como que formas que se "desviam" da consubstanciação modelar da palavra, que é a forma de nominativo.

*composita, quae communia sunt, ut* como *dedecor, bicorpor, discolor*, que são *dedecor, bicorpor, discolor. Auctor etiam* comuns. *Auctor* é também do gênero comum, *est communis generis, nisi cum eum* menos que signifique *qui auget*. Então, faz *significat qui auget, tunc enim aucatrix* *aucatrix* o feminino. *facit femininum*.

XIX /f. a6v/

119. *Robur cuius generis? Neutri, quia in ur desinentia nomina neutra sunt, ut iecur, guttur; praeter nomina deorum uel gentilia uel appellatiua auium x uel t ante ur habentia, quae masculina sunt, ut Anxur, Astur, turtur, furfur. Verbalia uero quae hominibus imponuntur si sunt tertiae declinationis communia sunt, ut augur, fur, trifur, quibus additur Ligur. Sin secundae masculina, ut satur.*

XIX

119. De que gênero [é] *robur*? Do neutro, porque nomes com desinência em *-ur* são neutros, como *iecur, guttur*; salvo os nomes de deuses, ou de nações, ou os comuns de aves que têm *-x* ou *-t* antes de *-ur*, que são masculinos, como *Anxur, Astur, turtur, furfur*. Mas derivados de verbos, que se aplicam aos seres humanos, se são de terceira declinação, [são de gênero] comum, como *augur, fur, trifur*, aos quais se adiciona *Ligur*. Se, contudo, [são] da segunda [declinação], [são] masculinos, como *satur*.

XX

120. *Ciuitas cuius generis? Feminini, quia in as desinentia nomina feminina sunt, ut pietas, praeter patria et gentilia, quae communia sunt, ut Arpinâs, Capenâs, Archâs. Excipiuntur hic mas, maris; uas, uadis; as, assis; hoc uas, uasis; fas, nefas, et nugas omnis generis indeclinabile.*

XX

120. De que gênero [é] *ciuitas*? Do feminino, porque nomes com a desinência em *-as* são femininos, como *pietas*, salvo patronímicos e gentílicos, que são [de gênero] comum, como *Arpinâs, Capenâs, Archâs*. Excluem-se *hic mas, maris; uas, uadis; as, assis; hoc uas, oasis; fas, nefas* e *nugas* [são] indeclináveis de gênero inclusivo.

XXI

121. *Gurges cuius generis? Masculini, quia in es correptam desinentia quae nullam significationis naturalem communionem habent cum feminis masculina sunt, ut trames, limes. Excipiuntur duo in ges: haec seges et teges; compes, compedis. Item inquies quod omnis generis inuenitur.*

XXI

121. De que gênero [é] *gurges*? Do masculino, porque [nomes] com a desinência em *-es* abreviada que não têm nenhuma relação natural de significado com mulheres são masculinos, como *trames, limes*. Excluem-se dois [que terminam] em *-ges*: *haec seges* e *teges; compes, compedis*. Tal-qualmente [se exclui] *inquies*, que é encontrado no gênero inclusivo.

XXII

122. *Clades cuius generis? Feminini, quia in es productam feminina sunt, ut labes. Excipitur hic uerres pro porco, et dies,*

XXII

122. De que gênero [é] *clades*? Do feminino, porque [nomes] em *-es* prolongada são femininos, como *labes*. Excluem-se *hic uerres*,

*quod in singulari incerti generis est, in plurali masculini semper; sicut ab eo compositum meridies; et hic pes, pedis.* como *porco*, e *dies*, que no singular são de gênero incerto [e], no plural, sempre masculinos; assim como o seu composto *meridies*; e *hic pes*, *pedis*.

### XXIII

123. *Classis cuius generis? Feminini, quia in is desinentia | [f. 7r] nomina feminina sunt . Excipiuntur habentia n uel duas consonantes in eadem syllaba, uel duplicem consonantem ante is, et quae penultimam syllabam una ex liquidis terminant, uel una syllaba crescunt in genitio, quae masculina sunt. Excipitur hic caulis, haec bipennis, haec febris, pestis, neptis, uestis, uallis, turris, peluis, cuspis, cassis, lis. Molaris cum adiectiuum est communis est generis, cum ad dentem uel lapidem refertur mas est. Rudis cum uirgam significat qua gladiatores donabantur femininum est. Finis et clunis incerti sunt generis.*

### XXIII

123. De que gênero [é] *classis*? Do feminino, porque nomes com desinência em *-is* são femininos. Excluem-se os que têm *-n* ou duas consoantes na mesma sílaba, ou consoante dúplice antes de *-is*, e os que terminam com a penúltima sílaba em uma das [consoantes] líquidas, ou adicionam uma sílaba no genitivo, que são masculinos. Excluem-se *hic caulis*, *haec bipennis*, *haec febris*, *pestis*, *neptis*, *uestis*, *uallis*, *turris*, *peluis*, *cuspis*, *cassis*, *lis*. *Molaris*, quando é adjetivo, é de gênero comum, [mas] quando se refere a *dens* ou *lapis* é [substantivo] masculino. *Rudis*, quando significa *uirgam*, com a qual eram agraciados os gladiadores, é feminina. São de gênero incerto *finis* e *clunis*.

### XXIII

124. *Flos cuius generis? Masculini. Quia in os desinentia masculina sunt, praeter cos, glos, dos feminina; et custos, sacerdos, bos, compos, impos communia; et os oris, et os ossis neutra. /f. a7r/*

### XXIII

124. De que gênero [é] *flos*? Do masculino. Porque [nomes] com desinência em *-os* são masculinos, salvo os femininos *cos*, *glos* [e] *dos*, os comuns *custos*, *sacerdos*, *bos*, *compos*, *impos* e os neutros *os*, *oris* e *os*, *ossis*.

### XXV

125. *Ventus cuius generis? Masculini, quia in us correptam desinentia secundae et quartae declinationis masculina sunt, ut annus, sexus. Excipiuntur haec cristallus, costus, phaselus, artus. Item haec acus, humus, aluus; praeterea haec domus, colus; item anus, nurus, socrus et manus, tribus, porticus; idus tantum plurale. Hoc pelagus, hoc acus aceris purgamentum frumenti, uulgus tam masculinum quam neutrum inuenitur. Hoc etiam uirus et pus indeclinabilia. Specus uero et penus tam*

### XXV

125. De que gênero [é] *uentus*? Do masculino, porque [nomes] de segunda e quarta declinação com desinência em *-us* abreviada são masculinos, como *annus*, *sexus*. Excluem-se *haec cristallus*, *costus*, *phaselus*, *artus*. Também [se excluem] *haec acus*, *humus*, *aluus*; além de *haec domus*, *colus*; do mesmo modo *anus*, *nurus*, *socrus* e *manus*, *tribus*, *porticus*; *idus* somente no plural. *Hoc pelagus*, *hoc acus*, *aceris*, o purgamento do trigo, *uulgus* encontra-se tanto como masculino quanto como neutro. Mas *hoc uirus* e *pus* [são] indeclináveis. *Specus* e *penus*,

*masculini quam feminini et neutri generis esse inueniuntur.*

porém, [podem] ser encontrados tanto no gênero masculino quanto no feminino e neutro.

XXVI

126. *Munus cuius generis? Neutri, quia in us correptam desinentia tertiae declinationis neutra sunt. Excipitur hic lepus, haec Venus, hic et haec Ligus, hic et haec et hoc uetus, haec pecus pecudis, nam hoc pecus pecoris facit.*

XXVI

126. De que gênero [é] *munus*? Do neutro, porque [nomes] da terceira declinação com desinência abreviada em *-us* são neutros. Excluem-se *hic lepus, haec Venus, hic et haec Ligus, hic et haec et hoc uetus, haec pecus, pecudis*, visto que faz *hoc pecus, pecoris*.

XXVII

127. *Rus cuius generis? Neutri, quia in us productam desinentia monosyllaba neutra sunt, supra syllabam uero feminina, ut crus, thus, iuuentus, senectus, incus. Excipitur hic mus, hic et haec sus, grus. | f. 7v]*

XXVII

127. De que gênero [é] *rus*? Do neutro, porque [nomes] monossílabos com desinência em *-us* alongada são neutros, mas, com mais de uma sílaba, [são] femininos, como *crus, thus, iuuentus, senectus, incus*. Excluem-se *hic mus, hic et haec sus, grus*.

XXVIII

128. *In aus desinentia feminina sunt, ut laus, fraus.*

XXVIII

128. [Nomes] com desinência em *-aus* são femininos, como *laus, fraus*.

XXIX

129. *In aes diphthongum unum mas: praes praedis, et unum neutrum inuenitur: aes aeris.*

XXIX

129. [Há] um único [nome] masculino em ditongo<sup>65</sup> *-aes: praes, praedis*; e é encontrado um único neutro [em *-aes*]: *aes, aeris*.

XXX

130. *In t desinentia neutra sunt, ut caput, occiput.*

XXX

130. [Nomes] com desinência em *-t* são neutros, como *caput, occiput*.

XXXI

131. *Pax cuius generis? Feminini, quia in x desinentia nomina feminina sunt, ut fornax, nex, nix, nisi e ante x habeant supra syllabam, nec sint foetus terrae; tunc enim masculina sunt, ut ueruex, uertex, exlex, pulex, culex, apex, cimex. Excipiuntur haec pellex, obex, supellex, culex, apex, cimex.*

XXXI

131. De que gênero [é] *pax*? Do feminino, porque nomes com desinência em *-x* são femininos, como *fornax, nex, nix*, a menos que tenham *-e* antes de *-x*, com mais de uma sílaba, e não sejam coisas naturais. Nesse caso, são masculinos, como *ueruex, uertex, exlex, pulex, culex, apex, cimex*. Excluem-se *haec pellex,*

<sup>65</sup> Segundo Percival (apud Moniz e Manso, 2024, p. 71), divide Perotti os ditongos entre pronunciáveis e impronunciáveis, insinuando que não havia certeza quanto à pronúncia dos ditongos latinos na década de 70 do século XV, quando da publicação dos *Rudimenta grammatices*. Esta questão, um pouco mais ao final do século XV, foi resolvida por Antonio de Nebrija (1444-1522).

*uibex, praeterea hic rex, grex, calix, uarix, fornix, frutex, natrix, anguis genus; hic uel haec cortex, silex. Sciendum quod uerbalia in trix, quamuis sint feminina, in obliquis tamen casibus et in plurali neutris etiam iunguntur, ut uictricia tollite signa, et uictrici signo.* *obex, supellex, uibex, além de hic rex, grex, calix, uarix, fornix, frutex, natrix — espécie de cobra —, hic ou haec cortex, silex. Deves saber que os derivados de verbo em -trix, conquanto sejam femininos, são construídos também nos casos oblíquos e no plural dos neutros, como uictricia tollite signa e uictrici signo<sup>66</sup>.*

### XXXII

132. *Ars cuius generis? Feminini, quia in duas desinentia consonantes monosyllaba feminina, supra syllabam uero masculina sunt, ut gens, /f. a7v/ fors, scrobs, sors, ops, frons, mors, mens, puls, trabs, lens, urbs, stirps, hic manceps, auceps, dodrans, triens, quadrans, adeps, forceps. Exciipiuntur hic mons, fons, Mars, pons, dens, et haec cohors, hyems. Quid in his agendum in quibus ueteres genera confuderunt? Frequentiori auctorum usui adhaerendum est.*

### XXXII

132. De que gênero [é] *ars*? Do feminino, porque [nomes] monossílabos com desinência em duas consoantes [são] femininos, mas, com mais de uma sílaba, são masculinos, como *gens, fors, ops, frons, mors, mens, puls, trabs, lens, urbs, stirps, hic manceps, auceps, dodrans, triens, quadrans, adeps, forceps*. Excluem-se *hic mons, fons, Mars, pons, dens e haec cohors, hyems*. O que deve ser feito com estes [nomes], de cujos gêneros os antigos tinham incerteza? Deve-se aderir ao uso mais frequente dos autores.

### DE NVMERO

133. *Quid est numerus? Est dictionis forma quae discretionem quantitatis facere potest.*

### DO NÚMERO

133. O que é número? É a forma da palavra que pode fazer a discriminação da quantidade.

134. *Quot sunt numeri nominum? Duo: singularis, ut homo; pluralis, ut homines.*

134. Quantos são os números dos nomes? Dois: singular, como *homo*; plural, como *homines*.

### DE FIGVRA

135. *Quot sunt figurae nominum? Tres: simplex, composita, et decomposita. Simplex, ut animus; composita, ut magnanimus; decomposita, ut magnanimitas.*

### DA FORMA

135. Quantas são as formas dos nomes? Três: *simplex* [simples], *composita* [composta] e *decomposita* [derivada da composta]. Simples, como *animus*; composta, como *magnanimus*; e derivada da composta, como *magnanimitas*.

136. *Quot modis nomina componuntur? Quatuor: ex duobus | [f. 8r] integris, ut suburbanus; ex duobus corruptis, ut efficax, municeps; ex integro et corrupto,*

136. De quantos *modis* [modos] os nomes são compostos? Quatro: a partir de dois [nomes] inalterados, como *suburbanus*; a partir de dois alterados, como *efficax e municeps*; a partir de

<sup>66</sup> Cf. *Luc.* 1. 347.

*ut ineptus, insulsus; ex corrupto et* um inalterado e um alterado, como *ineptus e integro, ut nugigerulus; aliquando ex insulsus*, e a partir de um alterado e um *compluribus, ut inexpugnabilis*, inalterado, como *nugigerulus*; às vezes, a partir de vários outros, como *inexpugnabilis e imperterritus*.

#### DE CASV

#### DO CASO

137. *Quid est casus? Est motus casualium dictionum qui maxime fit in fine.* 137. O que é caso? É a mudança de palavras declinadas que ocorre, particularmente, no final.

138. *Quot sunt casus nominum? Sex: nominatiuus, genitiuus, datiuus, accusatiuus, uocatiuus, et ablatiuus.* 138. Quantos são os casos dos nomes? Seis: *nominatiuus* [nominativo]<sup>67</sup>, *genitiuus* [genitivo]<sup>68</sup>, *datiuus* [dativo]<sup>69</sup>, *accusatiuus* [acusativo]<sup>70</sup>, *uocatiuus* [vocativo]<sup>71</sup>, e *ablatiuus* [ablativo]<sup>72</sup>.

139. *Vnde dicitur casus? A cadendo, quod quasi á recto cadere uideantur; unde rectus improprie dicitur casus.* 139. De onde se nomeia “caso”? De *cadere*, pelo fato de parecerem cair de uma [posição] correta, daí que o *rectus* [reto]<sup>73</sup> é impropriamente nomeado um “caso”.

<sup>67</sup> No original, *nominatiuus*. É o caso que exprime a ideia lógica de sujeito, com os atributos e as aposições que lhe são relacionadas (Ravizza, 2020; Ernout e Thomas, 1953). Seu nome deriva, possivelmente, de *nomen*. Notamos que, para muitos gramáticos gregos e latinos, o nominativo não seria um caso propriamente dito, pois não é flexionado (cf. *Rud. gramm.* 139). São os demais casos que, para serem formados, se flexionam a partir de uma forma nominativa. Por conta do perfil escolar da obra, Perotti absteve-se de abordar o assunto mais detidamente.

<sup>68</sup> No original, *genitiuus*. É o caso que exprime a ideia lógica de complemento ou adjunto de especificação ou restritivo (Ravizza, 2020). É dito ser o caso próprio da noção de origem, conquanto seu ascendente grego, *πῶσις γενική*, como tivesse diversas funções sintáticas, significasse “caso geral” ou “caso generalista” (Lourenço, 2022, p. 68).

<sup>69</sup> No original, *datiuus*. É o caso que exprime a ideia lógica de complemento ou objeto indireto (Ravizza, 2020). Seu nome deriva do verbo *dare* [dar]. É dito também ser o caso da pessoa, ou coisa personificada, a que se encaminha o enunciado, ou então da que nesse tem algum interesse (Ernout e Thomas, 1953).

<sup>70</sup> No original, *accusatiuus*. É o caso que exprime a ideia lógica do complemento objetivo ou objeto direto (Ravizza, 2020). Seu nome parece derivar do verbo *accuso* [acusar], mas isso é uma tradução equivocada. O termo grego de que procede é chamado *πῶσις αἰτιατική* [caso causal]. Apesar de o termo se originar de *αἰτία* [causa], os gramáticos latinos atribuíram a origem do adjetivo *αἰτιατική* ao verbo *αἰτιᾶσθαι* [acusar] (Lourenço, 2022, p. 69).

<sup>71</sup> No original, *vocatiuus*. É o caso que indica a pessoa ou coisa a que se dirige no discurso (Ravizza, 2020). É sabido que seu nome deriva do verbo *uocare* [chamar].

<sup>72</sup> No original, *ablatiuus*. É o caso que exprime a ideia lógica de complemento em suas diversas formas (Ravizza, 2020). Seu nome relaciona-se com *ablatum*, supino do verbo *aufero* [remover]. Inicialmente, exprimia uma ideia de movimento de um lugar a outro; as funções do ablativo, porém, não se encerram somente nesse sentido, visto que, tendo retido certas funções de casos indo-europeus, incidem sobre ele noções de “meio”, “agente”, “lugar”, entre outras (Lourenço, 2022, p. 70).

<sup>73</sup> Era usada a denominação latina *rectus* para indicar os casos nominativo e vocativo, ao passo que os demais eram chamados *obliquus*. Oferece Perotti uma etimologia para a palavra *casus*, derivando-a do verbo *cadere*, e defende ser errôneo tomar o *rectus* como um caso específico, que deve ser assimilado ao nominativo e vocativo, que são, em seu sistema, casos propriamente ditos. De todo modo, Perotti não se exime de usar em sua terminologia o termo “oblíquo” para se referir aos outros casos.

140. *Quot sunt litterae terminales* 140. Quantas são as letras finais dos nomes de *nominum quibus Latini utuntur?* que os latinos se valem? Quatorze: cinco *uocales* *Quatuordecim: uocales quinque a e i o u;* [vogais], *a, e, i, o, u;* seis *semiuocales* *semiuocales sex l m n r s x; mutae tres c d* [semivogais]<sup>74</sup>, *l, m, n, r, s, x;* três *mutae* [mudas], *c, d, t.*

141. *Quot sunt declinationes nominum?* 141. Quantas são as *declinationes* [declinações] dos nomes? Cinco. A primeira, cujo genitivo singular termina no ditongo *-ae*, ou, se forem *Graeca sint nomina, in es longam, desinit,* nomes gregos, em *-es* longo<sup>75</sup>, como *Musa, ut Musa Musae et rhetorice rhetorices; Musae e rhetorice, rhetorices;* a segunda, cujo genitivo singular termina em *-i* prolongada, *productam desinit, ut herus heri;* *tertia,* como *herus, heri* ; a terceira, cujo genitivo singular termina em *-is* abreviado,<sup>76</sup> como *pater, desinit, ut pater patris;* *quarta, cuius patris;* a quarta, cujo genitivo singular termina em *-us* ou *-u* prolongado,<sup>77</sup> como *uisus, uisus e productam desinit, ut uisus uisus et cornu cornu, cornu;* a quinta, cujo genitivo singular termina em *-ei*, sílabas divididas, como *dies, diei.*

<sup>74</sup> No original, *semiuocalis*. A distinção aqui estabelecida remonta a Platão, que classificou letras e elementos do discurso em *phōnēnta*, “soantes”, e *áphōna*, “não soantes”. Os gramáticos antigos valeram-se dessa divisão para assentar uma taxonomia de dois critérios. O primeiro critério era verificar se uma letra poderia formar uma sílaba por si mesma: as que poderiam fazê-lo, as *phōnēnta*, são as *uocales* [vogais], já as que não o poderiam, as *áphōna*, são as *consonantes* [consoantes]. O segundo critério era o da pronunciabilidade de uma letra, ou melhor, se fisicamente poderia ser pronunciada isolada. Vogais se enquadram nessa definição, bem como determinadas consoantes, as chamadas *hēmíphōna*, isto é, *semiuocales* [semivogais], como as líquidas *l, m, n e r*, a sibilante *s* e as letras duplas, no caso latino, *x* (ks), e no grego, *ψ* (ps). Esse valor semântico antigo do termo se manteve em gramáticas pós-medievais, o que explica a sua presença nos *Rudimenta* (Matthews, 2014, p. 10-11).

<sup>75</sup> A quantidade silábica é um fenômeno específico da língua latina. Segundo Ravizza (2020, p. 27), trata-se de “*o maior ou menor espaço de tempo empregado na prolação de umas sílabas em relação a outras do vocabulo*”. No que toca às sílabas, podem ser ou breves ou longas ou comuns, isto é, ou longa ou breve. Na enunciação uma sílaba longa tem o dobro de unidade de tempo de uma breve, conquanto na Antiguidade não tivesse sido absolutamente rigorosa essa proporção. Quanto aos termos *longa, producta, brevis e correpta*, os antigos gramáticos romanos distinguiam-nos deste modo: uma dada sílaba era descrita como *longa* [longa] ou *brevis* [breve], já uma dada vogal era descrita como *producta* [prolongada] ou *correpta* [abreviada]. Os termos *longa* e *producta*, portanto, são correspondentes, tal-qualmente *brevis* e *correpta*, diferenciando-se apenas no que respeita a sua classificação: *longa* e *brevis* é um par relativo à sílaba; *producta* e *correpta*, à vogal. Essa terminologia, no entanto, não é plenamente observada nos *Rudimenta*, pois ora se denomina longas as vogais, ora se denomina prolongadas as sílabas. Em todo caso, nesta tradução priorizamos a fidelidade ao texto e o tornar visível a terminologia que adota, ainda que incorramos o erro de prejudicar uma possível uniformidade textual.

<sup>76</sup> Cf. nota anterior.

<sup>77</sup> O paradigma da declinação de *cornu*, como é encontrado atualmente nas gramáticas latinas disponíveis no mercado, não foi unânime entre os gramáticos renascentistas. Ensina Perotti (*Rud. gramm.* 250) que o dativo singular termina em *-ui, cornui*, mas gramáticos como R. Donatus (1651) e Cellarii (*Lateinische Grammatica*) propunham, como o fez Charisius na Antiguidade, que toda a declinação de *cornu* fosse em *-u*, fato esse interessante, dado que não será, considerando sobretudo o genitivo singular em *-u*, recorrente em gramáticas modernas. Outras fontes modernas que se alinham a estes são o *Dictionarium* (1640) de Petri Gothus, “*in singulari indeclinabile*”, o *Lexicon Latino-Svecanum* (1790) de Lindblom, “*indecl. in sing.*” e as edições do séc. XIX de Forcellini. Mencionamos, como um contraponto, a posição de Vossius em seu *De Arte Grammatica*, aliás atualizada por uma série de citações de Lucano, a qual afirma que o genitivo singular de *cornu* termina em *-us* (Helander, 2001).

*in ei diuisas syllabas desinit, ut dies diei.*

DE PRIMA DECLINATIONE /f. a8r/

DA PRIMEIRA DECLINAÇÃO

142. *Prima declinatio per quot genera declinatur? Tria: masculinum, femininum, et commune.*

142. Por quantos gêneros a primeira declinação é declinada? Três: masculino, feminino e comum.

PRIMA REGVLA

PRIMEIRA REGRA

143. *Nominatiuus primae declinationis quot terminationes habet? Quatuor: a, e, as, es; et unam Hebream am, ut poeta, rhetorice, Aeneas, Anchises, Abraam.*

143. Quantas terminações tem o nominativo da primeira declinação? Quatro: *-a, -e, -as, -es*, e uma hebraica *-am*, como *poeta, rhetorice, Aeneas, Anchises, Abraam*.

SECUNDA REGVLA

SEGUNDA REGRA

144. *Genitiuus et datiuus singularis, et nominatiuus et uocatiuus pluralis in ae diphthongum desinunt, semper exceptis genitiuis singularibus eorum quae terminant | [f. 8v] in e longum, qui terminant in es, ut rhetorice rhetorices.*

144. Genitivo e dativo singulares e nominativo e vocativo plurais terminam em ditongo *-ae*, excetuados sempre os genitivos singulares das [palavras] terminadas em *-e* longa, os quais terminam em *-es*, como *rethorice, rethorices*.

TERTIA REGVLA

TERCEIRA REGRA

145. *Accusatiuus singularis in am uel in an uel in en terminatur, ut poetam, Anchisen.*

145. Acusativo singular é terminado ou em *-am*, ou em *-an*, ou em *-en*, como *poetam, Anchisen*.

QVARTA REGVLA

QUARTA REGRA

146. *Vocatiuus singularis in a facit uel in e quando uenit ab es uel ab e, uel in am quando uenit ab am, ut ó Aenea, Anchise, rhetorice, Abraam.*

146. Vocativo singular faz em *-a* ou em *-e* quando vem de *-es* ou *-e*, ou em *-am* quando vem de *-am*, como *oh Aenea, Anchise, rhetorice, Abraam*<sup>78</sup>.

QVINTA REGVLA

QUINTA REGRA

147. *Ablatiuus singularis in a desinit, uel*

147. Ablativo singular termina em *-a*, ou em *-e*

---

<sup>78</sup> Quanto ao vocativo, não é obrigatória em sua formação a interjeição *ó/oh*. Isto nada mais é do que um recurso didático de nosso autor. A função da interjeição é propiciar, como visto na prosa latina clássica e no grego homérico, um caráter afetivo, ou patético, à expressão. À medida que o grego ático penetrava na literatura e na língua, tal nuance se perdeu (Ernout e Thomas, 1953).

*in e quando fit ab es uel ab e, ut á poeta, Anchise, rhetorice.* quando provém de *-es* ou *-e*, como *a poeta, Anchise, rhetorice.*

#### SEXTA REGVLA

#### SEXTA REGRA

148. *Genitiuus pluralis in arum desinit et plerunque per concisionem in um, ut Troiugenarum et Troiugenum.* 148. Genitivo plural termina em *-arum* e, comumente por contração, em *-um*, como *Troiugenarum* e *Troiugenum*.

#### SEPTIMA REGVLA

#### SÉTIMA REGRA

149. *Datiuus et ablatiuus pluralis in is desinunt. Feminina tamen pauca transfígurata ex masculinis non habentibus neutra quae per sexum discernuntur, faciunt datiuum et ablatiuum in bus, ut natabus, filiabus, libertabus, asinabus. His adduntur animabus, ambabus, et duabus.* 149. Dativo e ablativo plural terminam em *-is*. Poucas palavras femininas, porém, transformadas a partir das masculinas que não têm neutros que se discernem pelo sexo, fazem dativo e ablativo em *-bus*, como *natabus, filiabus, libertabus, asinabus*. A estas são acrescentadas: *animabus, ambabus* e *duabus*.

#### OCTAVA REGVLA

#### OITAVA REGRA.

150. *Accusatiuus pluralis semper terminatur in as.* 150. Acusativo plural sempre é terminado em *-as*.

#### DE MODO EXAMINANDI

#### DO MODO DE EXAMINAR

151. *Poeta quae pars est? Nomen est. Quid est nomen? Est pars orationis cum casu corpus aut rem proprie communiterue significans.* 151. Que parte [da oração] é *poeta*? É nome. O que é nome? É a parte da oração com caso que significa uma matéria ou uma ideia, de modo próprio ou comum.

152. *Poeta est pars declinabilis aut indeclinabilis? Declinabilis.* 152. *Poeta* é parte *declinabilis* [declinável] ou *indeclinabilis* [indeclinável]? Declinável<sup>79</sup>.

153. *Quot sunt partes orationis* 153. Quantas são as partes declináveis da

---

<sup>79</sup> No original, *declinabilis* e *indeclinabilis*. É *declinabilis* a qualidade da palavra que se flexiona, diferentemente de *indeclinabilis*, que é a da que não se flexiona. *Poeta* apresenta casos e flexiona-se, logo é declinável.

*declinabiles? Quatuor: nomen, uerbum, oração*<sup>80?</sup> Quatro: nome, *uerbum* [verbo]<sup>81</sup>,  
*participium, et pronomen.* *participium* [participio]<sup>82</sup> e *pronomen*  
 [pronome]<sup>83</sup>.

154. *Quot sunt partes orationis* 154. Quantas são as partes indeclináveis da

<sup>80</sup> A divisão de partes da oração foi assunto tratado desde a Antiguidade. Platão o fez em certos diálogos seus, v. g., *Crátilo*, *Sofista* e *Teeteto*. Estabeleceu ele que o *logos* [discurso] fosse composto por *onoma* e *rhema*: este seria o que se entende hoje por verbo e predicado; aquele, porém, subsume as noções de nome e sujeito. Posteriormente, Aristóteles recorreu a essa terminologia em sua filosofia da linguagem. Em *Da Interpretação*, texto constante do *Órganon*, discorre a respeito dos termos da proposição, retomando as noções de *onoma* e *rhema*. É valioso o capítulo 20 de sua *Poética*, em que são enumerados os 8 constituintes da enunciação: *stoicheion* [fonema], ou som elementar da fala; *syllabe* [sílabas]; *syndesmos* [conectivo]; *arthron* [artigo]; *onoma* [nome]; *rhema* [verbo]; *ptosis* [caso]; e *logos* [oração, frase, texto]. Aristóteles dividiu-os em unidades significativas (os nomes e os verbos) e unidades fônicas (as sílabas e os fonemas). A partir desse repertório terminológico, os estóicos formaram novas categorias gramaticais, assim como as dividiram por meio de dois critérios: se há presença ou não de variação gramatical ou se há presença ou não de flexão de caso. Logo há 3 categorias: a das palavras variáveis com flexão de caso, como o nome, o pronome e o artigo; a das palavras variáveis sem flexão de caso, como o verbo; e a das palavras invariáveis, como a preposição e a conjunção. Esse desenvolvimento estóico foi bem aproveitado por sábios e eruditos alexandrinos, como Dionísio Trácio (séc. II a.C.), a quem se atribui a tida por mais antiga descrição sistemática do grego, a *Tékhnē Grammatiké*, que tem uma divisão de constituintes em 8 classes: nome; verbo; *metoche* [participio]; artigo; *antonymia* [pronome]; *prothesis* [preposição]; *epirrhemata* [advérbios]; e conectivo ou conjunção. No que concerne à gramática latina, Donato e Prisciano se desviaram do paradigma estóico, baseando-se mais em Dionísio Trácio e os demais alexandrinos, o que explica o elenco de 8 classes distintas, tal qual o faz o gramático grego, embora os dois latinos lhes apliquem algumas modificações, como a substituição do artigo, inexistente na língua latina, pela interjeição. É essa a classificação a que segue Perotti no parágrafo, separando-as depois em declináveis e indeclináveis (Matthews, 2014).

<sup>81</sup> No original, *uerbum*. Trata-se da classe gramatical verbo. A definição de Perotti (*Rud. gramm.* 265) é idêntica à de Prisciano: "*Verbum quid est? Est pars orationis declinabilis cum modis et temporibus, sine casu, agendi uel patiendi significatiua* [O que é verbo? É a parte declinável da oração com modos e tempos, sem caso, com significado de ação ou paixão]". O termo tinha, entre os gramáticos antigos, variados usos e sentidos, tais como "verbo" ou mesmo "palavra" em geral. Quanto a essa última acepção, Steintal comenta que o uso generalizado de *uerbum* como "palavra", contrapondo-se à prática grega de usar *ὄνομα* — se bem que os latinos também utilizassem *nomen* muito raramente —, sugere certa apreciação do importante papel desempenhado por verbos na linguagem (Schad, 2007, 417-418). Esse último sentido, porém, não é comum na obra de Perotti.

<sup>82</sup> No original, *participium*. Trata-se da forma verbo-nominal participio, tal qual a conhecemos hoje, embora acumule, na língua latina, mais funções. A definição de Perotti (*Rud. gramm.* 440) assemelha-se à de Prisciano (*Inst. gramm.* 2. 552. 18), mas reduzida, por não mencionar os acidentes do verbo sem distinção de pessoas e modos: "*Est pars orationis declinabilis, quae pro uerbo ponitur, ex quo deriuatur, genus et casum habens ad similitudinem nominis* [É a parte declinável da oração, posta em lugar do verbo, do qual é derivada, tendo gênero e caso em semelhança ao nome]". Naturalmente, como visto na definição, o participio partilha características com o nome, como caso e gênero, e com o verbo, como tempo e diátese.

<sup>83</sup> No original, *pronomen*. Trata-se da classe gramatical pronome. A definição de Perotti (*Rud. gramm.* 477) é oriunda de Prisciano (Percival, 2010, p. 103): "*Quid est pronomen? Est pars orationis declinabilis quae pro nomine proprio uniuscuiusque accipitur, personasque finitas recipit* [O que é pronome? É a parte declinável da oração que é aceito em lugar do nome próprio e recebe as funções definidas de cada pessoa]". É sabido que na gramática latina os pronomes funcionavam à maneira de artigos, conquanto não o sejam de forma legítima, haja vista a inexistência da classe gramatical artigo entre os latinos.

*indeclinabiles? Quatuor: /f. a8v/ oração? Quatro: preposição<sup>84</sup>, aduerbium praepositio, aduerbium, interiectio, et [advérbio]<sup>85</sup>, interiectio [interjeição]<sup>86</sup> e coniunctio. coniunctio [conjunção]<sup>87</sup>.*

155. *Quare dicitur nomen? Quasi notamen, quod hoc notemus uniuscuiusque substantiae qualitatem, uel á Graeco, quod est ὄνομα.* 155. Por que é chamado “nome”? Do mesmo que *notamen* [sinal de designação], pelo fato de que com ele designamos a qualidade de cada substância, ou, do grego, o que é *ὄνομα*.

156. *Nomini quot accidunt? Quinque: speties, genus, numerus, figura, et casus.* 156. Quantos são os acidentes do nome? Cinco: espécie, gênero, número, forma e caso.

157. *Cuius speties? Deriuatiuae. Vnde deriuatur? A poesis.* 157. De que espécie [é *poeta*]? Da *deriuatiua* [derivativa]. De onde é derivada? De *poesis*.

158. *Quot sunt speties nominum? Duae: primitiua, ut Iulus et mons; deriuatiua, ut Iulius | [f. 9r] et montanus.* 158. Quantas são as espécies os nomes? Duas: primitiva, como *Iulus* e *mons*; derivativa, como *Iulius* e *montanus*.

159. *Quale nomen est? Substantiuum. Quare? Quia praeponitur ei unum articulare tantum, ut hic poeta.* 159. Que tipo de nome é [*poeta*]? Substantivo. Por quê? Porque lhe é anteposto somente um único [pronome] demonstrativo, como *hic poeta*.

160. *Quotuplex est nomen? Duplex,* 160. De quantos tipos é o nome? De dois:

---

<sup>84</sup> No original, *praepositio*. Trata-se da classe gramatical preposição, incluindo prefixos prepositivos (Schad, 2007, p. 315). É provável que a definição de Perotti (*Rud. gramm.*, 528), “*Quid est praepositio? Est pars orationis indeclinabilis quae aliis partibus orationis in appositione uel compositione praeponitur* [O que é preposição? É a parte indeclinável da oração que é anteposta, em aposição ou composição, a outras partes da oração]”, tenha provindo de Prisciano ou mesmo da *Ianua* (Percival, 2010, p. 108). É exigência das preposições reger uma palavra declinada em caso oblíquo, jamais em caso reto, quer dizer, no nominativo. Lourenço (2022, p. 245) relata que não havia, na norma culta latina, quaisquer ambiguidades relativas ao caso correto de uma dada preposição, mas na língua popular de praxe sucediam deslizes, como nos grafitos nas paredes de Pompeios em que as preposições regiam indiscriminadamente o acusativo, falha que tornar-se-ia, por sinal, comum no latim tardio.

<sup>85</sup> No original, *aduerbium*. Trata-se da classe gramatical advérbio. Define-o Perotti (*Rud. gramm.* 539): “*Quid est aduerbium? Est pars orationis indeclinabilis quae adiecta uerbo significationem eius explanat aut implet* [O que é advérbio? É a parte indeclinável da oração que, em contato com o verbo, explica ou completa o sentido dele]”. Segundo Percival (2010, p. 110), a presente definição deriva de Donato; mas Perotti, sob a influência de Prisciano (*Inst. gramm.* 3. 60. 2-3), atribui ao advérbio a propriedade de ser indeclinável, contrapondo-se aos gramáticos latinos, que a rejeitaram por haver advérbios que aceitavam certos graus de comparação (Dezotti, 2011, p. 82).

<sup>86</sup> No original, *interiectio*. Trata-se da classe gramatical interjeição. A definição de Perotti (*Rud. gramm.*, 574), “*Est pars orationis indeclinabilis uoce incondita mentis affectum significans* [É a parte indeclinável da oração que significa um afeto da mente por meio de uma voz inarticulada]”, é em boa parte extraída de Donato (*Gramm. lat.* 602. 2), tendo somente adicionado a propriedade de ser indeclinável.

<sup>87</sup> No original, *coniunctio*. Trata-se da classe gramatical conjunção. A definição de Perotti (*Rud. gramm.*, 579), “*Quid est coniunctio? Est pars orationis indeclinabilis adnectens ordinansque sententiam* [O que é conjunção? É a parte indeclinável da oração que conecta e arranja a sentença], é idêntica à de Donato em sua *Ars minor* (Holtz, 1981, p. 599, 13-14).

*substantiuum et adiectiuum;* substantivo e adjetivo; substantivo, ao qual é *substantiuum, cui praeponitur unum* anteposto somente um único articular, como *hic articulare tantum, ut hic liber; uel duo ad liber*, ou dois a mais, como *hic et haec homo*; e *plus, ut hic et haec homo; et adiectiuum*, adjetivo, que é variado em três formas diferentes, *quod uariatur per tres diuersas uoces, ut* como *probus, proba, probum*, ou em três *probus proba probum, uel tres articulos*, demonstrativos, como *hic et haec et hoc foelix. ut hic et haec et hoc foelix.*

161. *Quale nomen substantiuum est poeta? Appellatiuum. Quotuplex est nomen substantiuum? Duplex. Quod? Proprium est quod uni soli conuenit, ut Pyrrhus et Penelope; et appellatiuum quod est commune multorum, ut homo leo.* 161. Qual nome substantivo é *poeta*? Comum. De quantos tipos é o nome substantivo? De dois tipos. Quais? Próprio, é o que convém a um único somente, como *Phyrrus* e *Penelope*; e comum, que é o comum a muitos, como *homo*, *leo*.

162. *Cuius spetiei tam primitiuorum quam deriuatiuorum est poeta? Corporalis, quia corpus significat.* 162. De que espécie, tanto dos primitivos quanto dos derivativos, é *poeta*? Concreto, porque denota a matéria.

163. *Quot sunt speties tam primitiuorum quam deriuatiuorum nominum? Vigintiquinque: corporale, incorporale, omonimum, synonymum, proprium, appellatiuum, substantiuum, adiectiuum, ad aliquid dictum, quasi ad aliquid dictum, gentile, patrium, interrogatiuum, infinitum, relatiuum, collectiuum, diuiduum, fictitiuum, generale, spetiale, ordinale, numerale, absolutum, temporale, locale.* 163. Quantas são as espécies, tanto dos primitivos quanto dos derivativos, dos nomes? Vinte e cinco: concreto, abstrato, homônimo, sinônimo, próprio, comum, substantivo, adjetivo, termo relativo dependente, termo relativo não completamente dependente, gentílico, patronímico, interrogativo, indefinido, relativo, coletivo, divisível, fictício, geral, especial, ordinal, numeral, absoluto, temporal, local<sup>88</sup>.

164. *Cuius spetiei deriuatiuorum propriae? Denominatiuae, quia á nomine deriuatur, quod est poesis.* 164. De que espécie própria dos derivativos? Da denominativa, porque é derivada do nome, que é *poesis*.

165. *Quot sunt deriuatiuorum nominum speties propriae? Nouem: patronimicum, possessiuum, comparatiuum, superlatiuum, diminutiuum, denominatiuum, uerbale, participiale, aduerbiale.* 165. Quantos são as espécies próprias dos nomes derivativos? Nove: patronímico, possessivo, comparativo, superlativo, diminutivo, denominativo, verbal, participial, adverbial.

<sup>88</sup> Trata-se de uma reexposição de §64.

166. *Cuius generis poeta? Masculini, quia praeponitur ei unum articulare pronomen hic.* 166. De que gênero [é] *poeta*? Masculino, porque *hic* é anteposto um único pronome articular, *hic*.

167. *Quot sunt genera nominum? Septem: masculinum, cui praeponitur hic, ut hic Pyrrhus; femininum, cui praeponitur haec, ut haec Penelope; neutrum, cui praeponitur hoc, ut hoc animal; commune, cui hic et haec, ut hic et haec homo; omne, cui tria articularia pronomina praeponuntur, ut hic et haec et hoc foelix; promiscuum, quod sub una uoce et uno articulo denotat | [f. 9v] animalia utriusque sexus, ut hic passer, haec aquila; incertum, quod nulla ratione cogente sola auctoritas ueterum sub diuerso genere protulit, ut hic et haec silex, finis, talpa, et reliqua.* 167. Quantos são os gêneros dos nomes? Sete: masculino, ao qual é anteposto *hic*, como *hic Pyrrhus*; feminino, ao qual é anteposto *haec*, como *haec Penelope*; neutro, ao qual é anteposto *hoc*, como *hoc animal*; comum, ao qual são antepostos *hic* e *haec*, como *hic et haec homo*; inclusivo, ao qual os três pronomes demonstrativos são antepostos, como *hic et haec et hoc foelix*; promíscuo, que por meio de um gênero e um pronome demonstrativo denota os animais de cada sexo, como *hic passer* e *haec aquila*; incerto, que, sem nenhuma razão aparente, por si mesma a autoridade dos antigos empregou em gêneros diversos, como *hic et haec silex, finis, talpa* e outros.

168. *Poeta per quam regulam est generis masculini? Per decimam de generibus, quae in as uel in is longam /f. a9r/ desinent, et similiter in a apud eos desinentia neutra et quaecunque terminationem suam seruant, genus suum apud nos seruant, ut hic boreas, crater, Titan, Sosia, poeta, et reliqua.* 168. Por qual *regulam* [regra]<sup>89</sup> *poeta* é do gênero masculino? Pela décima dos gêneros, por meio da qual se anota que todos os nomes gregos que terminam em *-as* ou *-is* longa, e, da mesma sorte, os que terminam na desinência neutra *-a*, entre eles, e quaisquer que conservem sua terminação, conservam seu gênero em nossa língua, como *hic boreas, crater, Titan, Sosia, poeta* e outros.

169. *Prima declinatio per quot genera declinatur? Tria: masculinum, femininum, et commune.* 169. Por quantos gêneros a primeira declinação é declinada? Três: masculino, feminino e comum<sup>90</sup>.

170. *Cuius numeri poeta? Singularis, quia singulariter profertur.* 170. De que número é *poeta*? Singular, porque é apresentado de modo singular<sup>91</sup>.

171. *Quid est numerus? Est dictionis* 171. O que é o número? É a forma da palavra

<sup>89</sup> No original, *regula*. Trata-se aqui de uma regra linguística específica. De acordo com Schad (2007, p. 345-346), o termo *regula* comporta mais acepções, como: a) sistema racional da língua, tendo em mente que Carísio afirma ser a língua latina governada pela *regula* e sujeita à *ratio*; b) regra linguística específica; c) terminação, ou flexão (cf. *Rud. gramm.* 214).

<sup>90</sup> Trata-se de reexposição do §142.

<sup>91</sup> No parágrafo, bem como nos §173 e §306, são apresentadas definições tautológicas.

*forma quae discretionem quantitatis* que pode fazer a discriminação da quantidade<sup>92</sup>.  
*facere potest.*

172. *Quot sunt numeri nominum? Duo:* 172. Quantos são os números dos nomes? Dois:  
*singularis, ut homo, pluralis, ut homines.* singular, como *homo*; plural, como *homines*.

173. *Cuius figurae poeta? Simplicis.* 173. De qual forma é *poeta*? Simples. Por quê?  
*Quare? Quia simpliciter profertur.* Porque é apresentado de modo simples.

174. *Quot sunt figurae nominum? Tres:* 174. Quais são as formas do nome? Três:  
*simplex, ut animus, composita, ut magnanimus,* simples, como *animus*; composta, como  
*decomposita, ut magnanimitas.* derivada da composta, como  
*magnanimitas.*

175. *Quot modis nomina componuntur?* 175. De quantos modos os nomes são  
*Quatuor: ex duobus integris, ut suburbanus;* compostos? Quatro: a partir de dois [nomes]  
*ex duobus corruptis, ut efficax, municeps;* inalterados, como *suburbanus*; a partir de dois  
*ex integro et corrupto, ut ineptus, insulsus;* alterados, como *efficax* e *municeps*; a partir de  
*ut ineptus, insulsus;* um inalterado e um alterado, como *ineptus* e  
*ex corrupto et integro, ut nugigerulus;* e a partir de um alterado e um  
*aliquando ex pluribus, ut inexpugnabilis, imperterritus.* inalterado, como *nugigerulus*; às vezes, a partir  
de vários outros, como *inexpugnabilis* e  
*imperterritus*<sup>93</sup>.

176. *Capsis quomodo componitur? Ex pluribus corruptis: cape si uis.* 176. Como é composto *capsis*? A partir de vários  
alterados: *cape, si, uis*<sup>94</sup>.

177. *Poeta cuius casus? Nominatiui, uocatiui, et ablatiui singularis. Quare? Quia in talibus casibus declinando reperitur.* 177. De que caso [é] *poeta*? Do nominativo,  
vocativo e ablativo singular. Por quê? Porque é  
visto declinando nesses casos.

178. *Poetae cuius casus? Genitiui et datiui singularis, nominatiui et uocatiui pluralis.* 178. De que caso [é] *poetae*? Genitivo e dativo  
singular, nominativo e vocativo plural.

179. *In hoc loco poeta currit, poeta cuius casus? Nominatiui, quia est suppositum poeta?* 179. No trecho “*poeta currit*”, de que caso [é]  
visto declinando nesses casos? Do nominativo, porque é o *suppositum*

<sup>92</sup> Trata-se de reexposição do §133.

<sup>93</sup> Trata-se de uma reexposição do §136.

<sup>94</sup> O conteúdo da resposta, por sinal incorreta, é visto também em Cícero (*Or.* 45, 154). Contra essa asserção, recorremos a Quintiliano (*Inst. Or.* 1, 5, 66), que não vislumbra possibilidade de atribuir à língua latina a formação de uma palavra por meio de três outras, “[...] *nam ex tribus nostrae utique linguae non concesserim* [em todo caso, não admito que a nossa língua forme a partir de três]”.

*huius uerbi currit, quod requirit ante se* [suposto]<sup>95</sup> do verbo *currit*, que requer antes de si um nominativo.

180. *Quid est casus? Est motus casualium dictionum qui maxime fit in fine.* 180. O que é caso? É a mudança de palavras declinadas que ocorre, particularmente, no final<sup>96</sup>.

181. *Vnde dicitur casus? A cadendo, quod quasi á recto cadere uideatur, unde rectus improprie dicitur casus.* 181. De onde se nomeia "caso"? De *cadere*, pelo fato de parecerem cair de uma [posição] correta, daí que o reto é impropriamente nomeado um "caso"<sup>97</sup>.

182. *Quot sunt casus nominum? Sex: nominatiuus, ge- | [f. 10r] nituius, datiuus, accusatiuus, uocatiuus, ablatiuus.* 182. Quantos são os casos dos nomes? Seis: nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo, ablativo.

183. *Quae littera terminatur poeta? A uocali.* 183. Qual é a última letra de *poeta*? -A, uma vogal.

184. *Quot sunt terminales litterae nominum quibus Latini utuntur? Quatuordecim: uocales quinque a, e, i, o, u; semiuocales sex: l, m, n, r, s, x; mutae tres: c, d, t.* 184. Quantas são as letras finais dos nomes de que os latinos se valem? Quatorze: cinco vogais (a, e, i, o, u); seis semivogais (l, m, n, r, s, x); três mudas (c, d, t)<sup>98</sup>.

185. *Quot sunt declinationes nominum? Quinque: prima, cuius genitiuus singularis in ae diphthongon uel in es longam desinit, ut poeta poetae, et poetae e rhetorice, rhetorices; secunda, cuius genitiuus singularis, et reliqua ut supra.* 185. Quantas são as declinações dos nomes? Cinco: a primeira, cujo genitivo singular termina no ditongo -ae ou em -es longo, como *poeta*, *longam desinit, ut poeta poetae, et poetae e rhetorice, rhetorices*; a segunda e as demais, cujo genitivo singular conforme acima.

186. *Poeta cuius declinationis? Primae. Quare? Quia eius genitiuus singularis in ae diphthongon desinit.* 186. *Poeta* [é] de que declinação? Da primeira. Por quê? Porque seu genitivo singular termina no ditongo -ae.

---

<sup>95</sup> No original, *suppositum*. Trata-se de termo recorrente no vocabulário técnico da sintaxe da gramática medieval. Era empregado junto de seu par conceitual, o *appositum* [aposto], para designar os dois elementos essenciais da oração, a saber, nome e verbo, respectivamente. No Renascimento, porém, houve não só uma ausência de especulação teórica sobre esses termos, como também uma nítida tendência a omiti-los e, em seu lugar, fazer referências a marcas posicionais na oração (Rodríguez e Guillén, 1988; Trujillo, 1994). Gramáticos humanistas do século XV abandonaram tais termos e Perotti, v. g., evita o seu uso, vide haver apenas 3 menções nos *Rudimenta grammatices*.

<sup>96</sup> Trata-se de reexposição do §137.

<sup>97</sup> Trata-se de reexposição do §139.

<sup>98</sup> Da mesma sorte que as duas notas anteriores, é reexposição do §140.

187. *Nominatiuus singularis primae declinationis quot terminationes habet? Quatuor: a, e, as, es, et unam Hebream am, ut poeta, rhetorice, Aeneas, Anchises, Abraam.* 187. Quantas terminações tem o nominativo singular da primeira declinação? Quatro: *-a, -e, -as, -es* e uma única hebraica, *-am*, como *poeta, rhetorice, Aeneas, Anchises, Abraam*.

188. *Poeta quomodo facit in genitiuo? Facit in genitiuo et datiuo singulari et nominatiuo et uocatiuo plurali poetae.* 188. Como faz *poeta* no genitivo? Faz no genitivo e dativo singular, bem como no nominativo e vocativo plural, *poetae*.

189. *Per quam regulam? Per secundam primae declinationis, qua dicitur quod genitiuus et datiuus singularis et nominatiuus et uocatiuus /f. a9v/ pluralis in ae diphthongon desinunt semper, exceptis genitiuis singularibus eorum quae terminant in e longam, qui genitiui terminant in es.* 189. Por qual regra? Pela segunda da primeira declinação, por meio da qual se diz que sempre terminam em ditongo *-ae* o genitivo e dativo singulares e o nominativo e vocativo plurais, excetuados genitivos singulares das [palavras] que terminam em *-e* longo, as quais, no genitivo, terminam em *-es*.

190. *Poeta quomodo facit in accusatiuo singulari? Poetam.* 190. Como faz *poeta* no acusativo singular? *Poetam*.

191. *Per quam regulam? Per tertiam primae declinationis, qua notatur quod accusatiuus singularis in am uel in an uel in en terminatur, ut poetam, Aenean, et Anchisen.* 191. Por qual regra? Pela terceira da primeira declinação, por meio da qual se anota que o acusativo singular é terminado ou em *-am*, ou *-an* ou *-en*, como *poetam, Aenean* e *Anchisen*.

192. *Quomodo facit in uocatiuo singulari? Facit in uocatiuo et ablatiuo singulari poeta.* 192. Como faz [*poeta*] no vocativo singular? Faz, no vocativo e ablativo singular, *poeta*.

193. *Per quam regulam? Per quartam et quintam primae declinationis, quibus notatur quod uocatiuus et ablatiuus singularis in a terminatur, uel in e quando ueniunt ab es uel ab e, ut ó Aenea, Aenea, Anchise e rethorice, ab Aenea, Anchise, rethorice.* 193. Por qual regra? Pela quarta e quinta da primeira declinação, por meio das quais se anota que vocativo e ablativo singular terminam em *-a*, ou em *-e* quando provêm de *-es* ou *-e*, como *ó Aenea, Aenea, Anchise* e *rethorice, ab Aenea, Anchise, rethorice*.

194. *Quomodo facit in genitiuo plurali? Poetarum.* 194. Como faz [*poeta*] no genitivo plural? *Poetarum*.

195. *Per quam regulam? Per sextam primae declinationis, qua notatur [f. 10v] quod genitiuus pluralis in arum desinit, et plerunque per concisionem in um, ut Troiugenarum et Troiugenum.* 195. Por qual regra? Pela sexta da primeira declinação, por meio da qual se anota que o genitivo plural termina em *-arum* e, comumente por contração, em *-um*, como *Troiugenarum* e *Troiugenum*.<sup>99</sup>

196. *Quomodo facit in datiuo plurali? Facit in datiuo et ablatiuo plurali poetis.* 196. Como faz [*poeta*] no dativo plural? Faz no dativo e ablativo plural, *poetis*.

197. *Per quam regulam? Per septimam primae declinationis, qua notatur quod datiuus et ablatiuus pluralis in is desinunt. Feminina tamen pauca, et reliqua.* 197. Por qual regra? Pela sétima regra da primeira declinação, por meio da qual se anota que dativo e ablativo plural terminam em *-is*. [Palavras] femininas, embora poucas, e outras.

198. *Poeta quomodo facit in accusatiuo plurali? Poetas.* 198. Como faz *poeta* no acusativo plural? *Poetas*.

199. *Per quam regulam? Per octauam primae declinationis, qua notatur quod accusatiuus pluralis semper terminatur in as.* 199. Por qual regra? Pela oitava da primeira declinação, por meio da qual se anota que o acusativo plural termina, sempre, em *-as*.

200. *Poeta quomodo declinatur?* 200. De que modo [a palavra] *poeta* é declinada?

201. *Nominatiuo hic poeta; genitiuo huius poetae; datiuo huic poetae; accusatiuo hunc poetam; uocatiuo ó poeta; ablatiuo ab hoc poeta. Et pluraliter: nominatiuo hi poetae; genitiuo horum poetarum; datiuo his poetis; accusatiuo hos poetas; uocatiuo ó poetae; ablatiuo ab his poetis.* 201. No nominativo, *hic poeta*<sup>100</sup>; no genitivo, *poetae*; no dativo, *huic poetae*; no acusativo, *hunc poetam*; no vocativo, *ó poeta*; no ablativo, *ab hoc poeta*. E no plural: no nominativo, *hi poetae*; no genitivo, *horum poetarum*; no dativo, *his poetis*; no acusativo, *hos poetas*; no vocativo, *ó poetae*; no ablativo, *ab his poetis*.

202. *Nominatiuo haec Musa; genitiuo huius Musae; datiuo huic Musae; accusatiuo hanc Musam; uocatiuo ó* 202. No nominativo, *haec Musa*; no genitivo, *huius Musae*; no dativo, *huic Musae*; no acusativo, *hanc Musam*; no vocativo, *ó*

<sup>99</sup> Trata-se de reexposição do §148.

<sup>100</sup> A memorização era uma técnica cara aos humanistas. No caso em tela, há frases explanatórias com o propósito de auxiliarem na memorização de paradigmas. Grendler (1989, p. 173) defende que Perotti teria inaugurado o uso de paradigmas, os quais não eram empregados por nenhuma gramática medieval. Esse padrão de frases explanatórias ocorre nestas seções do texto: §§201-203, para a primeira declinação; §§215-218, para a segunda declinação; §§230-236, para a terceira declinação; §§ 248-250, para a quarta declinação; e §§259-264, para a quinta declinação.

*Musa; ablatiuo ab hac musa. Et* ablativo, *ab hac Musa*. E no plural: no pluraliter: *nominatiuo hae Musae; nominatiuo, hae Musae; no genitivo, harum genitiuo harum Musarum; datiuo his Musarum; no dativo, his Musis; [no acusativo, Musis; <accusatiuo has Musas>; uocatiuo has Musas]; no vocativo, ó Musae; no ablativo, ó Musae; ablatiuo ab his Musis. ab his Musis.*

203. *Nominatiuo hic et haec aduena; 203. No nominativo, hic et haec aduena*<sup>101</sup>; no genitiuo *huius aduenae; datiuo huic aduenae; no genitivo, huius aduenae; no dativo, huic aduenae; accusatiuo hunc et hanc aduenae; no acusativo, hunc et hanc aduenam; aduenam; uocatiuo ó aduena; ablatiuo ab no vocativo, ó aduena; no ablativo, ab hoc et ab hoc et ab hac aduena. Et pluraliter: hac aduena. E no plural: no nominativo, hi et nominatiuo hi et hae aduenae; genitiuo hae aduenae; no genitivo, horum et harum horum et harum aduenarum; datiuo his aduenarum; no dativo, his aduenis; no acusativo aduenis; accusatiuo hos et has aduenas; hos et has aduenas; no vocativo ó aduenae; no uocatiuo ó aduenae; ablatiuo ab his ablativo, ab his aduenis. aduenis.*

*DE SECVNDA DECLINATIONE /f. a10r/ DA SEGUNDA DECLINAÇÃO /f. a10r/*

*PRIMA REGVLA*

*PRIMEIRA REGRA*

204. *Nominatiuus secundae declinationis 204. O nominativo da segunda declinação tem quot terminationes habet? Sex: er, ir, ur, quantas terminações? Seis: -er, -ir, -ur, -us, -um, us, um, eus; ut caper, Alexander, Hiber, -eus, como caper, Alexander, Hiber, Hispanus, e Hispanus, et fluuius, qui etiam Hiberus fluuius, que também é chamado Hiberus, que dicitur, quod solum produxit er in hac somente nesta declinação faz -er longa, de onde declinatione, et ab eo compositum o composto Celtiber. Em verdade, por conta do Celtiber; nam pro gente quae est iuxta povo que se encontra próximo dos armênios, é Armenos Hiber Hiberis dicitur. In ir et ur | dito Hiber, Hiberis. Em -ir e -ur tão somente [f. 11r] Latinorum tantum masculinorum, [palavras] latinas masculinas, como uir e satur; ut uir et satur; in us, ut platanus. In um em -us, como platanus. Em -um, [tão somente] neutrorum et figurate femininorum, ut neutros e, figuradamente, femininos, como regnum, Glycerium. In eus Graeca tantum regnum, Glycerium. Em -eus, somente [palavras] et masculina, ut Theseus, gregas e masculinas, como Theseus, Tydeus. Tydeus.*

205. *Secunda declinatio per quot genera 205. Por quantos gêneros a segunda declinação é declinatur? Tria: masculinum, femininum, declinada? Três: masculino, feminino e neutro. et neutrum.*

<sup>101</sup> Dicionaristas modernos registram a palavra como substantivo masculino, conquanto admitam que a sua forma adjetiva seja compatível com os gêneros masculino e o feminino, sendo possível, inclusive, ser aplicada ao gênero neutro (Faria, 2020). No *Dictionarivm*, de Calepino, datado do séc. XVI, se atesta que *advena* é palavra acentuada na penúltima sílaba abreviada e de gênero comum, e assim também a considera Perotti.

SECUNDA REGVLA

SEGUNDA REGRA

206. *Genitiuus singularis in i desinit; et in ir uel in ur uel in eus desinentia una semper syllaba uincunt in genitiuo; in us uero et in um pares habent syllabas.*

206. Genitivo singular termina em *-i*. As palavras que terminam em *-ir*, *-ur* ou *-eus* no genitivo sempre excedem uma sílaba<sup>102</sup>. Mas em *-us* e *-um* têm o mesmo número de sílabas.

TERTIA REGVLA

TERCEIRA REGRA

207. *Datiuus et ablatiuus secundae declinationis fiunt á genitiuo i mutata in o, ut huius Luciferi, huic et hoc Lucifero; huius Typhoei, huic et hoc Typhoeo.*

207. Dativo e ablativo da segunda declinação ocorrem a partir de genitivo *-i* modificado em *-o*, como *huius Luciferi, huic et hoc Lucifero; huius Typhoei, huic et hoc Typhoeo*.

QVARTA REGVLA

QUARTA REGRA

208. *Accusatiuus singularis secundae declinationis desinit in um, ut Priamum, Theseum. Graeca uero in eus desinunt in a, caetera uero in on terminantur, ut Thesea, Priamon.*

208. Acusativo singular da segunda declinação termina em *-um*, como *Priamum, Theseum*. Mas [palavras] gregas em *-eus* terminam em *-a*; mas outras são terminadas em *-on*, como *Thesea, Priamon*.

QVINTA REGVLA

QUINTA REGRA

209. *Vocatiuus singularis secundae declinationis quando in r uel in m desinit nominatiuus similis ei est. In eus uero desinentibus propriis Graecus est uocatiuus, qui á nominatiuo fit ablata s, ut ó Theseu. In us desinentia mutata us in e faciunt uocatiuum. Si tamen ante us i sit in propriis abiecta us faciunt uocatiuum, ut Virgilius, ó Virgili. Dicimus enim fili pro filie. Dicunt etiam Christiani deus, agnus, uulgus, populus, pelagus, fluuius in uocatiuo.*

209. Quando o vocativo singular da segunda declinação termina em *-r* ou *-m*, o nominativo é idêntico a ele. Mas, terminando elas mesmas em *-eus*, há o vocativo grego, que se faz retirado o *-s* do nominativo, como *ó Theseu*. As palavras que terminam em *-us*, modificadas de *-us* para *-e*, fazem vocativo. Se, porém, antes de *-us* houver *-i* nos [nomes] próprios, tirando *-us* [elas] fazem o vocativo, como *Virgilius, ó Virgili*. Dizemos, então, *fili* em lugar de *filie*. Dizem também os cristãos *deus, agnus, uulgus, populus, pelagus e fluuius* no vocativo.

SEXTA REGVLA

SEXTA REGRA

210. *Pluralis nominatiuus et uocatiuus*

210. Nominativo e vocativo plural da segunda

<sup>102</sup> Palavras terminadas em *-ir*, *-ur* e *-eus* são imparassilábicas, isto é, a sua forma genitiva tem uma sílaba a mais do que a nominativa. Aquelas terminadas em *-us* e *-um*, no entanto, são parassilábicas, dado que suas formas nominativa e genitiva têm número idêntico de sílabas.

*tam masculinus quam femininus secundae declinationis similis est genitio singulari. Neutri uero generis nominatiuus accusatiuus et uocatiuus plurales finiunt in a. In omnibus enim neutris tres casus sunt similes: nominatiuus accusatiuus et uocatiuus, et in plurali numero semper desinunt in a nisi sint Graeca, ut Tempe, cepe. /f. a10v/*

#### SEPTIMA REGVLA

#### SÉTIMA REGRA

211. *Genitiuus pluralis secundae declinationis fit in omni genere addita rum ablatiuo singulari, ut magistro magistrorum. Multa tamen per syncopen dicuntur; ut denum septenum, senum, tricenum, numum, sextertium, modium, liberum, fabrum, elementum, iugerum.*

211. Genitivo plural da segunda declinação faz, em todos os gêneros, adicionando *-rum* ao ablativo singular, como *magistro, magistrorum*. Muitas [palavras], porém, são pronunciadas por meio de síncope, como *denum, septenum, senum, tricenum, numum, sextertium, modium, liberum, fabrum, elementum, iugerum*.

#### OCTAVA REGVLA

#### OITAVA REGRA

212. *Datiuus et ablatiuus pluralis secundae declinationis fiunt ab ablatiuo singulari mutata o in is longam.*

212. Dativo e ablativo plural da segunda declinação fazem-se a partir do ablativo singular, modificando *-o* em *-i* longo.

#### NONA REGVLA

#### NONA REGRA

213. *Accusatiuus pluralis secundae declinationis tam masculinus quam femininus fit addita s ablatiuo singulari.*

213. Acusativo plural da segunda declinação, tanto masculino quanto feminino, faz adicionando *-s* ao ablativo singular.

#### DECIMA REGVLA

#### DÉCIMA REGRA

214. *Nomina quae secundum modum pronominis declinantur sunt octo: unus, totus, solus, alius, ullus, alter, et quis ou qui com seus compostos, qui<s> uel qui cum suis compositis, quae*

214. Os nomes que são declinados à maneira de pronome são oito: *unus, totus, solus, alius, ullus, alter*<sup>103</sup>, e *quis* ou *qui* com seus compostos, que os antigos declinavam segundo a *regulam*

<sup>103</sup> Dista *alter* de *alius* pelo fato de que este se refere a “outro” em uma contagem indefinida, já aquele a um “outro” que, em geral, é o segundo de uma contagem de dois. Parece ter havido algumas exceções à regra, como o uso intercambiável de Júlio César (*DBC*. 3, 21, 2).

*etiam secundum mobilium nominum* [terminação]<sup>104</sup> dos nomes *mobiles* [móveis]<sup>105</sup>, à *regulam ueteres declinabant, praeter quis.* exceção de *quis*. Mas *neuter, neutra* e *Neuter tamen neutra neutrum cum utroque neutrum*<sup>106</sup>, embora tenham sido expressos de *modo sicut simplex suum diceretur, apud* ambos os modos, como *uter*, [que é] simples, são *iuniores secundum mobilia nomina* declinados entre os autores mais recentes de *declinatur. Horum feminina sunt una, tota,* acordo com os nomes móveis. As femininas *sola, alia, ulla, altera, utra, quae; neutra* destes são: *una, tota, sola, alia, ulla, altera, utra, unum, solum, aliud, ullum, alterum, quae;* as neutras: *unum, solum, aliud, ullum, utrum, quid uel quod, quorum genitiui alterum, utrum, quid* ou *quod*, cujos genitivos *unius, solius, totius, alius, ullius, utrius; et* são: *unius, solius, totius, alius, ullius, utrius;* ora *corripiunt et producunt penultimam,* abreviam ora alongam a penúltima [sílabas]; *alterius semper corripit.* *alterius* sempre abrevia<sup>107</sup>.

215. *Nominatiuo hic magister; genitiuo huius magistri; datiuo huic magistro; accusatiuo hunc magistrum; uocatiuo ó magister; ablatiua ab hoc magistro. Et pluraliter: nominatiuo hi magistri; genitiuo horum magistrorum; datiuo his magistris; accusatiuo hos magistros; uocatiuo ó magistri; ablatiua ab his magistris.* 215. No nominativo *hic magister*; no genitivo, *huius magistri*; no dativo, *huic magistro*; no acusativo, *hunc magistrum*; no vocativo, *ó magister*; no ablativo, *ab hoc magistro*. E no plural: no nominativo, *hi magistri*; no genitivo, *horum magistrorum*; no dativo, *his magistris*; no acusativo, *hos magistros*; no vocativo, *ó magistri*; no ablativo, *ab his magistris*.

216. *Nominatiuo haec pinus; genitiuo huius pini; datiuo huic pino; accusatiuo hanc pinum; uocatiuo ó pine; ablatiua ab hac pino. Et pluraliter: nominatiuo hae pini; genitiuo harum pinorum; datiuo his pinis; accusatiuo has pinos; uocatiuo ó pini; ablatiua ab his pinis.* 216. No nominativo, *haec pinus*; no genitivo, *huius pini*; no dativo, *huic pino*; no acusativo, *hanc pinum*; no vocativo, *ó pine*; no ablativo, *ab hac pino*. E no plural: no nominativo, *hae pini*; no genitivo, *harum pinorum*; no dativo, *his pinis*; no acusativo, *has pinos*; no vocativo, *ó pini*; no ablativo, *ab his pinis*.

217. *Nominatiuo hoc templum; genitiuo* 217. No nominativo, *hoc templum*; no genitivo,

<sup>104</sup> No original, *regula*. Não é referência a uma regra linguística específica, senão ao paradigma das terminações de gênero.

<sup>105</sup> No original, *mobilis*. De acordo com Ravizza (2020, p. 32), um nome móvel é o que forma outros gêneros via acréscimo de desinências diferentes, v. g., *bonus, bona* e *bonum*. Na variação de gêneros dos nomes foi estabelecida uma oposição morfológica concernente a sua mobilidade ou fixidez, daí haver as noções de nome *fixus* [fixo], ou *immobilis* [imóvel], e *mobilis*. Se o nome é fixo, ou imóvel, não se pode mudar seu gênero, porque se aplica a um único sexo; mas, se for móvel, pode-se mudar seu gênero, porque não se aplica a um único sexo. Esta mesma oposição será o fundamento para a oposição substantivo-adjetivo na tradição pedagógica medieval e humanista (Colombat, 1992).

<sup>106</sup> Estabelece Prisciano (*Inst. gramm.* 6, 3-5) a mesma distinção e salienta que, em oposição aos demais pronomes, os quais eram igualmente declinados como adjetivos normais entre os autores antigos, unicamente o termo *neuter* resistiu a essa tendência entre os *iuniores* [contemporâneos].

<sup>107</sup> Os pronomes latinos com terminação em *-ius* no genitivo singular têm a penúltima sílaba *anceps* [ancípites], isto é, que pode ser breve ou longa indiferentemente (Cart et al., 1986).

*huius templi; datiuo huic templo; huius templi; no dativo, huic templo; no accusatiuo hoc templum; uocatiuo ó acusativo, hoc templum; no vocativo, ó templum; templum; ablatiuo ab hoc templo. Et no ablativo, ab hoc templo. E no plural: no pluraliter: nominatiuo haec templa; nominativo, haec templa; no genitivo, horum genitiuo horum templorum; datiuo his templorum; no dativo, his templis; no acusativo, templis; accusatiuo haec templa; uocatiuo haec templa; no vocativo, ó templa; no ablativo, ó templa; ablatiuo ab his templis. ab his templis.*

218. *Nominatiuo ullus ulla ullum; genitiuo ullius; datiuo ulli; accusatiuo /f. b1r/ ullum ullam ullum; ablatiuo ab ullo ulla ullo. Et pluraliter: nominatiuo ulli ullae ulla; genitiuo ullorum ullarum ullorum; datiuo ullis; accusatiuo ullos ullas ulla; ablatiuo ab ullis.* 218. No nominativo, *ullus, ulla e ullum*; no genitivo, *ullius*; no dativo, *ulli*; no acusativo /f. *b1r/ ullum, ullam, ullum*; no ablativo, *ab ullo, ulla, ullo*. E no plural: no nominativo, *ulli, ullae e ulla*; no genitivo, *ullorum, ullarum, ullorum*; no dativo, *ullis*; no acusativo, *ullos, ullas, ulla*; no ablativo, *ab ullis*.

#### DE TERTIA DECLINATIONE

#### DA TERCEIRA DECLINAÇÃO

219. *Tertia declinatio per quot genera declinatur? Per omnia.* 219. Por quantos gêneros a terceira declinação é declinada? Por todos.

#### PRIMA REGVLA | [f. 12r]

#### PRIMEIRA REGRA

220. *Quot sunt terminationes nominum tertiae declinationis? Quinquaginta quatuor. Quae? In a, ut poema; in e, ut monile; in o, ut leo; in ac, ut lac; in ec, ut alec; in id Hebraea et barbara, ut David; in al, ut sal; in el, ut mel; in il, ut pugil; in ol, ut sol; in ul, ut consul; in an, ut Titan; in en, ut splen; in in, ut Phorcin; in on, ut Sidon; in ar, ut par; in er, ut pater; in ir ut Gadir; in or, ut amor; in ur, ut turtur; in as, ut Pallas; in es, ut comes; in is, ut collis; in os, ut compos; in us, ut lepus; in abs, ut trabs; in ebs; ut celebs; in ibs, ut calibs; in obs, ut scrobs; in urbs, ut urbs; in uls, ut puls; in ems, ut hyems; in ans, ut dodrans; in ens, ut dens; in ins, ut Tirins; scrobs; in ons, ut fons; in uns, ut Aruns; in aps, ut puls;* 220. Quantas são as terminações dos nomes da terceira declinação? Cinquenta e quatro. Quais? Em *-a*, como *poema*; em *-e*, como *monile*; em *-o*, como *leo*; em *-ac*, como *lac*; em *-ec*, como *alec*; em *-id*, na língua hebraica e estrangeira, como *David*; em *-al*, como *sal*; em *-el*, como *mel*; em *-il*, como *pugil*; em *-ol*, como *sol*; em *-ul*, como *consul*; em *-an*, como *Titan*; em *-en*, como *splen*; em *-in*, como *Phorcin*; em *-on*, como *Sidon*; em *-ar*, como *par*; em *-er*, como *pater*; em *-ir*, como *Gadir*; em *-or*, como *amor*; em *-ur*, como *turtur*; em *-as*, como *Pallas*; em *-es*, como *comes*; em *-is*, como *collis*; em *-os*, como *compos*; em *-us*, como *lepus*; em *-abs*, como *trabs*; em *-ebs*, como *celebs*; em *-ibs*, como *calibs*<sup>108</sup>; em *-obs*, como *scrobs*; em *-urbs*, como *urbs*; em *-uls*, como em *-ems*, como *hyems*; em *-ans*, como

<sup>108</sup> Tanto o manuscrito quanto a edição impressa trazem a forma *calibs* em lugar de *chalybs*, que é o registro com a grafia correta e mais usual. De acordo com Percival (2010), Perotti comete uma falha quanto à ortografia, porquanto Giovanni Tortelli ensina que a palavra deve ser escrita com *ch* aspirado, um só *l*, a letra *y*, que indica ser palavra grega, e *bs*, *chalybs*.

*daps; in eps, ut manceps, in ips, ut Cinips; dodrans; em -ens, como dens; em -ins, como in ops, ut Ops, mater deorum; irps, ut Tirins<sup>109</sup>; em -ons, como fons; em -uns, como stirps; in ax, ut fax; in ex, ut fex; in ix, ut Aruns; em -aps, como daps; em -eps, como phenix; in ox, ut uelox; in ux, ut crux; in manceps; em -ips, como Cinips; em -ops, como aes, ut praes; in aus, ut fraus; in ut, ut Ops, mater deorum<sup>110</sup>; em -irps, como stirps; em caput; i alx, ut calx; in anx, ut lanx; in -ax, como fax; em -ex, como fex; em -ix, como arx, ut arx; in unx, ut phenix; em -ox, como velox; em -ux, como crux; em -aes, como praes; em -aus, como fraus; em -ut, como caput; em -alx, como calx<sup>111</sup>; em -anx, como lanx; em -arx, como arx; em -unx, como coniunx.*

#### SECUNDA REGVLA

#### SEGUNDA REGRA

221. *Genitiuus singularis tertiae declinationis in is correptam desinit. Excipitur uis: huius uis, quod producitur.* 221. Genitivo singular da terceira declinação termina em *-is* abreviada. É tomada à parte *uis*, *huius uis*, que é pronunciada como longa.

#### TERTIA REGVLA

#### TERCEIRA REGRA

222. *Datiuus singularis tertiae declinationis fit á genitiuo abiecta s.* 222. Dativo singular da terceira declinação faz retirando *-s* do genitivo.

#### QVARTA REGVLA

#### QUARTA REGRA

223. *Accusatiuus singularis tertiae declinationis fit á genitiuo singulari is mutata in em. In is tamen terminata propria uel Graeca similem habentia nominatiuum genitiuo in im terminant* 223. Acusativo singular da terceira declinação faz a partir do genitivo singular *-is* modificado em *-em*. [Nomes] próprios terminados em *-is* ou [nomes] gregos que têm o nominativo idêntico ao genitivo terminam em *-im* no acusativo, como *tibrim, Ararim, Neapolim. tibrim, Ararim, Neapolim*. Estas [palavras] *Praeterea Latina haec inueniuntur: latinus foram inventadas: turrim, Tiburim, burim, turrim, Tiburim, burim, securim, puppim, securim, puppim, sitim, restim, uim, peluim, sitim, restim, uim, peluim, tussim, tussim, magudarim. Puppem e securem e turrem magudarim. Puppem etiam et securem et* e *restem* ainda aprenderás. Nas [palavras] gregas,

<sup>109</sup> A edição de Percival não fornece informação segura sobre a ortografia desta palavra. Parece-nos ser, porém, uma falha a forma *Tirins*, dada a sua origem grega, *Τίρυνς*. Confirma esse ponto um seu registro latino com a letra *-y*, que indica a estrangeiridade.

<sup>110</sup> A despeito de sua investida clássica, a gramática de Perotti apresenta usos desviantes desse modelo. Do parágrafo consta a forma *Ops*, não atestada no nominativo singular no latim dos antigos romanos, sendo *Opis* a forma vista nos autores clássicos.

<sup>111</sup> Atesta Sêneca (*Ep.* 18.108.30-33) que a palavra *calx* é arcaica, tendo sido substituída por *creta*. Este fato corrobora a hipótese de que os humanistas, no que concerne à seleção de vocabulário de latim, estavam mais interessados no fato de uma certa palavra poder ser encontrada em um texto de um autor clássico, considerando-a clássica, do que no seu real estado de uso.

*turrem et restem inuenies. In Graecis uero tam in hac quam in aliis declinationibus Graeca terminatio in a inuenitur; ut Paeana, Titana. Paeana, Titana.*

#### QVINTA REGVLA

#### QUINTA REGRA

224. *Vocatiuus singularis tertiae declinationis similis est nominatiuo singulari, nisi sit uocatiuus Graecus, qui fit á nominatiuo ablata s uel á genitiuo /f. b1v/ ablata tis, ut Thebai, Chalcan, Palla, Xenophon. | [f. 12v].*

224. Vocativo singular da terceira declinação é idêntico ao nominativo singular, a não ser que seja vocativo grego, que se faz a partir do nominativo retirando -s ou a partir do genitivo [retirando] -tis, como *Thebai, Chalcan, Palla, Xenophon*.

#### SEXTA REGVLA

#### SEXTA REGRA

225. *In e correptam neutra, nisi sint propria, similem habent ablatiuum singularem datiuo singulari, ut ab hoc mari, natali, monili. Excipitur ab hoc gausape, quod ueteres et hic gausapes et haec gausapa et hoc gausape et gausape, como os antigos determinaram. De gausapium dixerunt. Similiter in ar neutra et in al penultimam in obliquis producentia, et in er et in is adiectiua, si faciunt in e neutra et quae im tantum terminant accusatiuum, et in is uel in er nomina mensium, in i productam faciunt ablatiuum singularem, ut tribunali, lupanari, celeri, utili, Tibri, Aprili, Tibri, Aprili, Septembri; excipitur ab hoc farre. Omnia uero quae in im uel in em faciunt accusatiuum et quae omnis generis sunt et quae in uis uel in ctis uel in ptis uel in mnis uel in gnis exeunt, et omnia fere quae duas ante is consonantes in eadem habent syllaba comparatiua, et similiter*

225. [Palavras] neutras em -e abreviada, a não ser que sejam [nomes] próprios, têm ablativo singular idêntico ao dativo singular, como *ab hoc mari, natali, monili*. À exceção de *ab hoc gausape, hic gausapes, haec gausapa* e *hoc gausape et gausape*, como os antigos determinaram. De modo idêntico, [sílabas] neutras em -ar e em -al penúltima são alongadas nos oblíquos; e em -er e em -is, [sendo] adjetivais, se fazem em -e neutras; e as que somente em -im terminam, o acusativo; e em -is ou em -er [fazem] os nomes dos meses; em -i prolongada fazem o ablativo singular, como *tribunali, lupanari, celeri, utili, Tibri, Aprili, Tibri, Aprili, Septembri*; à exceção de *ab hoc Septembri*; excipitur *ab hoc farre*. Todas as [palavras] que, de fato, fazem acusativo em -im ou em -em, e que pertencem ao gênero inclusivo, e que terminam em -uis ou em -ctis ou em -ptis ou em -mnis ou em -gnis, e que quase sempre têm duas consoantes antes de -is [e] sílaba comparativa, e de modo idêntico todas as femininas derivadas de verbo e circunflexas<sup>112</sup>

<sup>112</sup> No original, *circumflexus*. Segundo Percival (2010), no manuscrito autógrafo todas as palavras, gregas ou latinas, podem apresentar acentos. As gregas sempre recebem os três acentos, ao que as latinas podem receber o agudo, ocasionalmente o circunflexo e, rarrissimas vezes, o grave. É improvável que os acentos fossem distinguidos consistentemente por falantes de latim na Antiguidade, todavia os gramáticos antigos estavam convictos de que, como a língua grega tivesse um sistema de acentos, a latina também haveria de ter. Nessa esteira, já no séc. XV, os mestres de latim adotaram a marcação de acentos em vogais, prática mantida pelos editores de suas obras. Há no parágrafo a única ocorrência, em toda a obra, do termo *circumflexus*.

*omnia in ix feminina uerbalia et* em *-ix*, que entre os antigos terminavam em *-tis*, *circunflexa, quae apud ueteres in tis* tanto em *-e* quanto em *-i* fazem o ablativo, como *desinebant, tam in e quam in i faciunt secure* ou *securi, uigile* ou *uigili, uetere* ou *ablatiuum, ut secure uel securi, uigile uel ueteri, pare* ou *pari, inope* ou *inopi, ancipite* ou *uigili, uetere uel ueteri, pare uel pari, ancipiti, naue* ou *nauis, uecte* ou *uecti, nepte* ou *inope uel inopi, ancipite uel ancipiti, naue nepti, amne* ou *amni, igne* ou *igni, angue* ou *uel nauis, uecte uel uecti, nepte uel nepti, angui, poste* ou *posti, minore* ou *minori, uictrice amne uel amni, igne uel igni, angue uel* ou *uictrici, Arpinate* ou *Arpinati*. Como *hospes* e *angui, poste uel posti, minore uel minori, sospes* pertencessem ao gênero inclusivo, fazem *uictrice uel uictrici, Arpinate uel Arpinati. hospite* e *sospite*, e não estão contra a regra *Hospes et sospes, cum sint omnis generis,* quando têm feminino em *-a*. Exceto *uestis, testis, hospite et sospite faciunt, nec sunt contra pauper, degener, uber,* que somente com *-e* regulam cum habeant femininum in a. fazem ablativo. Diz-se *memori* ou *memore* *Excipitur uestis, testis, pestis, et pauper;* porque o nominativo é dito *memoris* e *hoc degener, uber, quae per e solam faciunt memore,* como *concorde* ou *concordi*. Anota-se, *ablatiuum. Memori uel memore dicitur* pois, *concordis* e *hoc concorde,* assim como *quoniam nominatiuus memoris et hoc amentis* e *hoc amente*. Todos os nomes da *memore dictum est, ut concorde uel* terceira declinação, exceto os supracitados, *concordi. Inuenitur enim concordis et hoc* fazem ablativo em *-e*, como *patre, classe*. A *concorde, sicut amentis et hoc amente.* autoridade, porém, [faz] às vezes em *-i*, como *Omnia nomina tertiae declinationis* Virgílio: *Aduectum Aeneam classi*<sup>113</sup>. / [f. 13r]. *praeter supradicta in e faciunt ablatiuum, ut patre, classe; auctoritas tamen et in i quandoque profertur, ut Virgilius: Aduectum Aeneam classi. | [f. 13r]*

#### SEPTIMA REGULA

226. *Nominatiuus pluralis tertiae declinationis in masculinis, femininis, et communibus fit á genitio singulari mutata is in es, ut matres, felices. Excipiuntur Sardis, Trallis, Alpis, Syrtis, quae is productam habent pro Graeca diphthongo. Neutra uero si ablatiuus in i solam, uel in e et i desinit, praeter comparatiua correpta i et addita a. Si uero in e solam similiter comparatiua mutata e in a faciunt nominatiuum pluralem, ut monilia, paria, felicia, tempora, maiora. Excipiuntur uetera, felicia, tempora, maiora.*

#### SÉTIMA REGRA

226. Nominativo plural da terceira declinação no masculino, feminino e comum faz a partir do genitivo singular, modificando *-is* para *-es*, como *matres, felices*. São tomadas à parte *Sardis, Trallis, Alpis, Syrtis*, as quais têm *-is* prolongada por causa do ditongo grego. Seguramente, [palavras] neutras, no caso do ablativo em *-i* apenas, termina ou em *-e* e *-i*, à exceção da comparativa abreviada *-i* e adicionando *-a*. Mas no caso de em *-e* sozinha, tal-qualmente as comparativas modificadas de *-es* para *-a*, fazem o nominativo plural, como *monilia, paria, tempora, maiora*. Excetuam-se *uetera,*

<sup>113</sup> Cf. *En.*, VIII, 11. Em que pese o fato de outros poetas figurarem no texto, como Ovídio, em cerca de 6 citações, e Juvenal, em 5, Virgílio é a principal referência, superando a todos numérica e bibliograficamente, dada a quantidade e diversidade de versos citados.

*ludicra, pluria uel plura, amplustria uel amplustra. /f. b2r/.* *ludicra, pluria ou plura, amplustria ou amplustra.*

#### OCTAVA REGVLA

227. *Genitiuus pluralis tertiae declinationis, cum in i solum uel in e et in i desinit ablatiuus, in ium facit, ut sedili: sedilium, foelice uel foelici: foelicium. Comparatiua uero in um faciunt, ut á maiore uel maiori, á minore uel minori: minorum. In e uero solam facientia ablatiuum si nominatiuus in duas terminatur consonantes in ium faciunt, ut fonte: fontium, fronte: frontium, exceptis in ms uel in ps, si non sint a capite composita, quae in um faciunt, ut hyems: hyemum, municeps: municipum. A capite composita in um terminant genitiuum, ut triceps: tricipitum, quae uero genitiuum habent parem nominatiuo in ium faciunt, ut collis: collium, caedes: caedium; panum. Vetus, uigil, memor, supplex, artifex, quamuis in e et in i terminent, non tamen in ium sed in um faciunt genitiuum. Pluralia in es quae carent singularibus genitiuum in ium faciunt, ut uires: uirium, Penates: Penatium. Similiter in is longam desinentia, ut lis: litium, Samnites: Samnitium. Nox enim noctium facit. Caetera omnia desinunt in um, ut poema: poematum; excipitur boum á boue pro bouium. In es terminata pares habentia syllabas cum genitiuo et in as frequentius per syncopen dicuntur, ut uatum [f. 13v] probitatum. Nam supplicum, artificum, iudicum differentiae causa dicta sunt.*

#### NONA REGVLA

228. *Datiuus et ablatiuus pluralis tertiae declinationis nascitur á genitiuo singulari*

#### OITAVA REGRA

227. Genitivo plural da terceira declinação, quando em *-i* somente ou em *-e* e *-i* termina, faz em *-ium*, como *sedili: sedilium, foelice* ou *foelici: foelicium*. As comparativas, com efeito, fazem-se em *-um*, como *a maiore* ou *maiori, a minore* ou *minori: minorum*. De fato, em *-e* sozinha fazem ablativo em *-ium*, se o nominativo é terminado em duas consoantes, como *fonte: fontium, fronte: frontium*, exceto em *-ms* ou em *-ps*, se não são formadas a partir de seu início, que fazem em *-um*, como *hyems: hyemum, municeps: municipum*. As formadas a partir de seu início terminam o genitivo em *-um*, como *triceps: tricipitum*. Aquelas que têm o genitivo igual ao nominativo, fazem em *-ium*, como *collis: collium, caedes*; excetuadas *iuuenum, canum, panum. Vetus, uigil, memor, supplex, artifex*, por mais que em *-e* e em *-i* terminem, não fazem o genitivo em *-ium*, mas em *-um*. Os plurais em *-es* que não têm singulares fazem o genitivo em *-ium*, como *uires: uirium, Penates: Penatium*. Igualmente [se dá] com desinências em *-is* longa, como *lis: litium, Samnites: Samnitium*. Mas *nox* faz *noctium*. Todas as outras terminam em *-um*, como *poema: poematum*; excetuadas *boum*, de *boue* por *bouium*. [Palavras] terminadas em *-es* têm sílabas iguais ao genitivo e as em *-as* são frequentemente pronunciadas por meio de síncope, como *uatum / [f. 13v], probitatum*. Quanto a *supplicum, artificum, iudicum*, por causa de [suas] características distintivas, são [assim] pronunciadas.

#### NONA REGRA

228. Dativo e ablativo plural da terceira declinação vêm do genitivo singular interpondo

*interiecta bu, ut f<o>elicibus, hominibus, -bu, como foelicibus, hominibus, Penatibus; à Penatibus; excipitur bobus. Frequenter exceção de bobus. [Palavras] gregas neutras, tamen Graeca neutra in a in is longam porém, frequentemente terminam em -a terminant datiuos et ablatiuos plurales, ut terminam em -is longa nos dativos e ablativos poematis, problematis. plurais, como poematis, problematis.*

#### DECIMA REGVLA

#### DÉCIMA REGRA

229. *Accusatiuus et uocatiuus plurales tertiae declinationis similes sunt nominatiuo plurali, ut latrones, matres, Syrtis, Alpis. Omnia quae habent similem nominatiuo genitiuum et quae in i solam terminant ablatiuum et quae pluralia sunt in ns uel in rs desinentia plerunque per is, raro per es terminant accusatiuum pluralem, ut omnis, alacris, Penatis, fontis, partis. In x uero desinentia trium generum raro per is. Plures et lites tam per es quam per is.*

229. Acusativo e vocativo plural da terceira declinação são idênticos ao nominativo plural, como *latrones, matres, Syrtis, Alpis*. Todas [as palavras] que têm o genitivo idêntico ao nominativo, e terminam o ablativo em *-i* sozinha, e têm [seus] plurais em *-ns* ou em *-rs*, no mais das vezes [terminam] em *-is*. É raro que terminem o acusativo plural em *-es*, como *omnis, alacris, Penatis, fontis, partis*. [Palavras] dos três gêneros terminadas em *-x* raramente [terminam] em *-is*. *Plures* e *lites* [terminam] tanto em *-es* quanto em *-is*.

230. *Nominatiuo hic pater; genitiuo huius patris; datiuo huic patri; accusatiuo hunc patrem; uocatiuo ó pater; ablatiuo ab hoc patre. Et pluraliter, nominatiuo hi patres; genitiuo horum patrum; datiuo his patribus; accusatiuo hos patres; uocatiuo ó patres; ablatiuo /f. b2v/ ab his patribus.*

230. No nominativo, *hic pater*; no genitivo, *huius patris*; no dativo, *huic patri*; no acusativo, *hunc patrem*; no vocativo, *ó pater*; no ablativo, *ab hoc patre*. E no plural: no nominativo, *hi patres*; no genitivo, *horum patrum*; no dativo, *his patribus*; no acusativo, *hos patres*; no vocativo, *ó patres*; no ablativo, /f. b2v/ *ab his patribus*.

231. *Nominatiuo haec uirtus; genitiuo huius uirtutis; datiuo huic uirtuti; accusatiuo hanc uirtutem; uocatiuo ó uirtus; ablatiuo ab hac uirtute. Et pluraliter, nominatiuo hae uirtutes; genitiuo harum uirtutum; datiuo his uirtutibus; accusatiuo has uirtutes; uocatiuo ó uirtutes; ablatiuo ab his uirtutibus.*

231. No nominativo, *haec uirtus*; no genitivo, *huius uirtutis*; no dativo, *huic uirtuti*; no acusativo, *hanc uirtutem*; no vocativo, *ó uirtus*; no ablativo, *ab hac uirtute*. E no plural: no nominativo, *hae uirtutes*; no genitivo, *harum uirtutum*; no dativo, *his uirtutibus*; no acusativo, *has uirtutes*; no vocativo, *ó uirtutes*; no ablativo, *ab his uirtutibus*.

232. *Nominatiuo hoc opus; genitiuo huius operis; datiuo huic operi; accusatiuo hoc opus; uocatiuo ó opus; ablatiuo ab hoc opere. Et pluraliter, nominatiuo haec hoc opere.*

232. No nominativo, *hoc opus*; no genitivo, *huius operis*; no dativo, *huic operi*; no acusativo, *hoc opus*; no vocativo, *ó opus*; no ablativo, *ab hoc opere*. E no plural: no nominativo, *haec*

*opera; genitiuo horum operum; datiuo his operibus; accusatiuo haec opera; uocatiuo ó opera; ablatiuo ab his operibus.* *opera; no genitivo, horum operum; no dativo, his operibus; no acusativo, haec opera; no vocativo, ó opera; no ablativo, ab his operibus.*

233. *Nominatiuo hic et haec homo; genitiuo huius hominis; datiuo huic homini; accusatiuo hunc et hanc hominem; uocatiuo ó homo; ablatiuo ab hoc | [f. 14r] et ab hac homine. Et pluraliter, nominatiuo hi et hae homines; genitiuo horum et harum hominum; datiuo his hominibus; accusatiuo hos et has homines; uocatiuo ó homines; ablatiuo ab his hominibus.* 233. No nominativo, *hic et haec homo*; no genitivo, *huius hominis*; no dativo, *huic homini*; no acusativo, *hunc et hanc hominem*; no vocativo, *ó homo*; no ablativo, *ab hoc et ab hac hoc | [f. 14r] et ab hac homine. Et no plural: no nominativo, hi et hae homines; no genitivo, horum et harum hominum; no dativo, his hominibus; no acusativo, hos et has homines; no vocativo, ó homines; no ablativo, ab his hominibus.*

234. *Nominatiuo hic et haec omnis et hoc omne; genitiuo huius omnis; datiuo huic omni; accusatiuo hunc et hanc omnem et hoc omne; uocatiuo ó omnis et ó omne; ablatiuo ab hoc et ab hac et ab hoc omni. Et pluraliter, nominatiuo hi et hae omnes et haec omnia; genitiuo horum et harum et horum omnium; datiuo his omnibus; accusatiuo hos et has omnes et haec omnia; uocatiuo ó omne s et ó omnia; ablatiuo ab his omnibus.* 234. No nominativo, *hic et haec omnis et hoc omne*; no genitivo, *huius omnis*; no dativo, *huic omni*; no acusativo, *hunc et hanc omnem et hoc omne*; no vocativo, *ó omnis et ó omne*; no ablativo, *ab hoc et ab hac et ab hoc omni. E no plural: no nominativo, hi et hae omnes et haec et haec omnia; no genitivo, horum et harum et horum omnium; no dativo, his omnibus; no acusativo, hos et has omnes et haec omnia; no vocativo, ó omne s et ó omnia; no ablativo, ab his omnibus.*

235. *Nominatiuo hic et haec pulchrior et hoc pulchrius; genitiuo huius pulchrioris; datiuo huic pulchriori; accusatiuo hunc et hanc pulchriorem et hoc pulchrius; uocatiuo ó pulchrior et ó pulchrius; ablatiuo ab hoc et ab hac et ab hoc pulchriore uel pulchriori. Et pluraliter, nominatiuo hi et hae pulchriores et haec pulchriora; genitiuo horum et harum et horum pulchriorum; datiuo his pulchrioribus; accusatiuo hos et has pulchriores et haec pulchriores et haec pulchriora; uocatiuo ó pulchriores et ó pulchriora; ablatiuo ab his pulchrioribus.* 235. No nominativo, *hic et haec pulchrior et hoc pulchrius*; no genitivo, *huius pulchrioris*; no dativo, *huic pulchriori*; no acusativo, *hunc et hanc pulchriorem et hoc pulchrius*; no vocativo, *ó pulchrior et ó pulchrius*; no ablativo, *ab hoc et ab hac et ab hoc pulchriore uel pulchriori. E no plural: no nominativo, hi et hae pulchriores et haec pulchriora; no genitivo, horum et harum et horum pulchriorum; no dativo, his pulchrioribus; no acusativo, hos et has pulchriores et haec pulchriores et haec pulchriora; no vocativo, ó pulchriores et ó pulchriora; no ablativo, ab his pulchrioribus.*

236. *Nominatiuo hic et haec et hoc foelix; genitiuo huius foelicis; datiuo huic foelici; accusatiuo hunc et hanc foelicem et hoc foelix; uocatiuo ó foelix; ablatiuo ab hoc et ab hac et ab hoc foelice uel foelici. Et pluraliter, nominatiuo hi et hae foelices et haec foelicia; genitiuo horum et harum et horum foelicium; datiuo his foelicibus; accusatiuo /f. b3r/ hos et has foelices et haec foelicia; uocatiuo ó foelices et ó foelices et ó foelicia; ablatiuo ab his foelicibus.* 236. No nominativo, *hic et haec et hoc foelix*; no genitivo, *huius foelicis*; no dativo, *huic foelici*; no acusativo, *hunc et hanc foelicem et hoc foelix*; no vocativo, *ó foelix*; no ablativo, *ab hoc et ab hac et ab hoc foelice uel foelici*. E no plural: no nominativo, *hi et hae foelices et haec foelicia*; no genitivo, *horum et harum et horum foelicium*; no dativo, *his foelicibus*; no acusativo /f. b3r/ *hos et has foelices et haec foelicia*; no vocativo, *ó foelices et ó foelices et ó foelicia*; no ablativo, *ab his foelicibus*.

#### DE QVARTA DECLINATIONE

#### DA QUARTA DECLINAÇÃO

237. *Quarta declinatio per quot genera declinatur? Tria: masculinum, femininum, et neutrum.* 237. Por quantos gêneros a quarta declinação é declinada? Três: masculino, feminino e neutro.

#### PRIMA REGVLA

#### PRIMEIRA REGRA

238. *Quot terminationes habet nominatiuus quartae declinationis? Duas: in us correptam masculinorum uel femininorum, et in u productam neutrorum, quae etiam indeclinabilia sunt in singulari numero. | [f. 14v]* 238. Quantas terminações tem o nominativo da quarta declinação? Duas: em *-us* abreviada, nos masculinos ou femininos, e em *-u* prolongada, nos neutros, as quais, por sinal, são indeclináveis no número singular.

#### SECVNDA REGVLA

#### SEGUNDA REGRA

239. *Genitiuus singularis quartae declinationis fit á nominatiuo producta us.* 239. Genitivo singular da quarta declinação faz a partir do nominativo com *-us* prolongada.

#### TERTIA REGVLA

#### TERCEIRA REGRA

240. *Datiuus singularis quartae declinationis fit á genitiuo abiecta s et addita i penultima correpta, ut currui.* 240. Dativo singular da quarta declinação faz a partir do genitivo, retirando *-s* e adicionando *-i* penúltima abreviada, como *currui*.

#### QVARTA REGVLA

#### QUARTA REGRA

241. *Accusatiuus singularis quartae declinationis fit á nominatiuo mutata s in m, ut senatum.* 241. Acusativo singular da quarta declinação faz a partir do nominativo, modificando *-s* para *-m*, como *senatum*.

QVINTA REGVLA

QUINTA REGRA

242. *Vocatiuus est similis nominatiuo, ut ó senatus.*

242. Vocativo é idêntico ao nominativo, como *ó senatus*.

SEXTA REGVLA

SEXTA REGRA

243. *Ablatiuus fit á nominatiuo remota s, ut á senatu.*

243. Ablativo faz a partir do nominativo, removendo *-s*, como *á senatu*.

SEPTIMA REGVLA

SÉTIMA REGRA

244. *Nominatiuus, accusatiuus, et uocatiuus plurales quartae declinationis similes sunt genitiuo singulari, ut senatus.*

244. Nominativo, acusativo e vocativo plural da quarta declinação são idênticos ao genitivo singular, como *senatus*.

OCTAVA REGVLA

OITAVA REGRA

245. *Genitiuus pluralis<sup>178</sup> quartae declinationis fit á nominatiuo singulari abiecta s et addita um, ut curruum.*

245. Genitivo plural da quarta declinação faz a partir do nominativo singular, tirando *-s* e adicionando *-um*, como *curruum*.

NONA REGVLA

NONA REGRA

246. *Datiuus et ablatiuus plurales quartae declinationis fiunt á nominatiuo singulari mutata u in i et interposita bu, ut manibus, senatibus. Excipiuntur differentiae causa artubus, arcubus, partubus. Portubus uero tribubus, lacubus, ficubus, arcubus, quercubus, specubus nulla cogente causa differentiae.*

246. Dativo e ablativo plural da quarta declinação são feitos a partir do nominativo singular, modificando *-u* para *-i* e interpondo *-bu*, como *manibus, senatibus*. Excetuam-se, por causa de características distintas, *artubus, portubus, tribubus, lacubus, ficubus, arcubus, quercubus, specubus* [não têm] nenhuma causa aparente [para as suas] características distintas<sup>114</sup>.

DECIMA REGVLA

DÉCIMA REGRA

---

<sup>114</sup> De acordo com Ernout (1924), na diacronia da língua latina, a *-u* medial da desinência *-bus* transformou-se em um fonema entre /u/ e /i/, de onde resultou uma hesitação entre *-ūbus* e *-ībus* no período republicano. Assim, gramáticos há que prescrevem formas como *arcubus, artubus* e *partubus*, das quais faz menção Perotti, a fim de somente distingui-las dos ablativos e dativos plurais de *arx, ars* e *pars*, isto é, *arcibus, artibus* e *partibus*, respectivamente.

247. *Neutra quartae declinationis correpta u nominatiui singularis et assumpta a faciunt nominatiuum, accusatiuum, et uocatiuum plurales. In reliquis casibus sequuntur declinationem masculinorum et femininorum, ut supra.* 247. [As palavras] neutras da quarta declinação, acrescentando *-u* abreviada do nominativo singular e *-a*, fazem nominativo, acusativo e vocativo plural. Nos demais casos, seguem a declinação dos masculinos e femininos, conforme visto.  
/f. b3v/

248. *Nominatiuo hic uisus; genitiuo huius uisus; datiuo huic uisui; accusatiuo hunc uisum; uocatiuo ó uisus; ablatiuo ab hoc uisu. Et pluraliter: nominatiuo hi uisus; genitiuo horum uisuum; datiuo his uisibus; accusatiuo hos uisus; uocatiuo ó uisus; ablatiuo ab his uisibus.* 248. No nominativo, *hic uisus*; no genitivo, *huius uisus*; no dativo, *huic uisui*; no acusativo, *hunc uisum*; no vocativo, *ó uisus*; no ablativo, *ab hoc uisu*. E no plural: no nominativo, *hi uisus*; no genitivo, *horum uisuum*; no dativo, *his uisibus*; no acusativo, *hos uisus*; no vocativo, *ó uisus*; no ablativo, *ab his uisibus*.

249. *Nominatiuo haec manus; genitiuo huius manus; datiuo huic manui; accusatiuo hanc manum; uocatiuo ó manus; ablatiuo ab hac manu. Et pluraliter: nominatiuo hae manus; genitiuo harum manuum; datiuo his manibus; accusatiuo has manus; uocatiuo ó manus; ablatiuo ab his manibus.* 249. No nominativo, *haec manus*; no genitivo, *huius manus*; no dativo, *huic manui*; no acusativo, *hanc manum*; no vocativo, *ó manus*; no ablativo, *ab hac manu*. E no plural: no nominativo, *hae manus*; no genitivo, *harum manuum*; no dativo, *his manibus*; no acusativo, *has manus*; no vocativo, *ó manus*; no ablativo, *ab his manibus*.

250. *Nominatiuo hoc cornu; genitiuo huius cornu; datiuo huic cornui; accusatiuo hoc cornu; uocatiuo ó cornu; ablatiuo ab hoc cornu. Et pluraliter: nominatiuo haec cornua; genitiuo horum cornuum; datiuo his cornibus; accusatiuo haec cornua; uocatiuo ó cornua; ablatiuo ab his cornibus.* | [f. 15r] 250. No nominativo, *hoc cornu*; no genitivo, *huius cornu*; no dativo, *huic cornui*; no acusativo, *hoc cornu*; no vocativo, *ó cornu*; no ablativo, *ab hoc cornu*. E no plural: no nominativo, *haec cornua*; no genitivo, *horum cornuum*; no dativo, *his cornibus*; no acusativo, *haec cornua*; no vocativo, *ó cornua*; no ablativo, *ab his cornibus*.

#### DE QVINTA DECLINATIONE

#### DA QUINTA DECLINAÇÃO

251. *Quinta declinatio per quot genera declinatur? Per unum: maxime femininum.* 251. Por quantos gêneros a quinta declinação é declinada? Por um único: precisamente o feminino<sup>115</sup>.

<sup>115</sup> A quinta declinação compreende nomes femininos com terminação em *-es* e, excepcionalmente, um único nome masculino, *dies*, bem como o seu composto *meridies*. Apesar de *dies* ser encontrado também no feminino, provavelmente por uma analogia com *nox*, os registros mais antigos apresentam-no como nome do gênero masculino (Faria, 1958, p. 111).

PRIMA REGVLA

PRIMEIRA REGRA

252. *Quinta declinatio quot terminationes habet? Vnam: in es productam.*

252. Quantas terminações tem a quinta declinação? Uma única: [que termina] em *-es* prolongada.

SECUNDA REGVLA

SEGUNDA REGRA

253. *Genitiuus et datiuus quintae declinationis fiunt á nominatiuo singulari abiecta s et assumpt a i, ut fides, fidei; acies, aciei.*

253. Genitivo e dativo da quinta declinação são feitos a partir do nominativo singular, tirando *-s* e inserindo *-i*, como *fides, fidei; acies, aciei*.

TERTIA REGVLA

TERCEIRA REGRA

254. *Accusatiuus singularis quintae declinationis fit á nominatiuo mutata s in m, ut hanc rem, diem.*

254. Acusativo singular da quinta declinação se faz a partir do nominativo, modificando *-s* para *-m*, como *hanc rem, diem*.

QVARTA REGVLA

QUARTA REGRA

255. *Vocatiuus singularis, et nominatiuus et accusatiuus et uocatiuus plurales quintae declinationis similes sunt nominatiuo singulari.*

255. Vocativo singular e nominativo, acusativo e vocativo plural da quinta declinação são idênticos ao nominativo singular.

QVINTA REGVLA

QUINTA REGRA

256. *Ablatiuus singularis quintae declinationis fit á nominatiuo singulari abiecta s.*

256. Ablativo singular da quinta declinação faz a partir do nominativo singular tirando *-s*.

SEXTA REGVLA

SEXTA REGRA

257. *Genitiuus pluralis quintae declinationis fit addita rum ablatiuo singulari.*

257. Genitivo plural da quinta declinação faz adicionando *-rum* ao ablativo singular.

SEPTIMA REGVLA

SÉTIMA REGRA

258. *Datiuus et ablatiuus plurales fiunt addita bus ablatiuo singulari, ut diebus. /f. b4r/*

258. Dativo e ablativo plural fazem-se adicionando *-bus* ao ablativo singular, como *diebus*. /f. b4r/

259. *Nominatiuo haec res; genitiuo huius rei; datiuo huic rei; accusatiuo hanc rem; uocatiuo ó res; ablatiuo ab hac re. Et pluraliter, nominatiuo hae res; genitiuo harum rerum; datiuo his diebus; accusatiuo has res; uocatiuo ó res; ablatiuo ab his rebus.*

259. No nominativo, *haec res*; no genitivo, *huius rei*; no dativo, *huic rei*; no acusativo, *hanc rem*; no vocativo, *ó res*; no ablativo, *ab hac re*. E no plural: no nominativo, *hae res*; no genitivo, *harum rerum*; no dativo, *his diebus*; no acusativo, *has res*; no vocativo, *ó res*; no ablativo, *ab his rebus*.

260. *Nominatiuo hic uel haec dies; genitiuo huius diei; datiuo huic diei; accusatiuo hunc uel hanc diem; uocatiuo ó dies; ablatiuo ab hoc uel ab hac die. Et pluraliter, nominatiuo hi uel hae dies; genitiuo horum dierum uel harum; datiuo his die bus; accusatiuo hos uel has dies; uocatiuo ó dies; ablatiuo ab his diebus.*

260. No nominativo, *hic uel haec dies*; no genitivo, *huius diei*; no dativo, *huic diei*; no acusativo, *hunc uel hanc diem*; no vocativo, *ó dies*; no ablativo, *ab hoc uel ab hac die*. E no plural: no nominativo, *hi uel hae dies*; no genitivo, *horum dierum uel harum*; no dativo, *his diebus*; no acusativo, *hos uel has dies*; no vocativo, *ó dies*; no ablativo, *ab his diebus*.

261. *Nominatiuo haec spes; genitiuo huius spei; datiuo huic spei; accusatiuo hanc spem; uocat iuo ó spe s; ablat iuo ab hac spes. Et pluralit er, nominatiuo hae spes; accusatiuo has spes; uocatiuo ó spes. Reliquis caret.*

261. No nominativo, *haec spes*; no genitivo, *huius spei*; no dativo, *huic spei*; no acusativo, *hanc spem*; no vocativo, *ó spes*; no ablativo, *ab hac spes*. E no plural: no nominativo, *hae spes*; no acusativo, *has spes*; no vocativo, *ó spes*. Não há os [casos] restantes.

262. *Quomodo declinantur adiectiua quae uariantur per tres uoces? Nominatiuo bonus, bona, bonum; genitiuo boni, bonae, boni; datiuo bono, bonae, bono; accusatiuo bonum, bonam, bonum; uocatiuo ó bone, bona, bonum; ablatiuo á bono, bona, bono. Et pluraliter, nominatiuo boni, bonae, bona; genitiuo bonorum, bonarum, bonorum; datiuo bonis; accusatiuo bonos, | [f. 15v] bonas, bona; uocatiuo ó boni, bonae, bona; ablatiuus á bonis.*

262. Como são declinadas as [palavras] adjetivais, que são variadas de acordo com as três vozes? No nominativo, *bonus, bona, bonum*; no genitivo, *boni, bonae, boni*; no dativo, *bono, bonae, bono*; no acusativo, *bonum, bonam, bonum*; no vocativo, *ó bone, bona, bonum*; no ablativo, *á bono, bona, bono*. E no plural: no nominativo, *boni, bonae, bona*; no genitivo, *bonorum, bonarum, bonorum*; no dativo, *bonis*; no acusativo, *bonos, l [f. 15v] bonas, bona*; no vocativo, *ó boni, bonae, bona*; no ablativo, *á bonis*.

263. *Pluraliter, nominatiuo hi duo, hae duae, et haec duo; genitiuo duorum, duarum, duorum; datiuo duobus, duabus, duobus; accusatiuo duos, duas, duo; uocatiuo ó duo, duae, duo; ablatiuo ab his*

263. No plural, no nominativo, *hi duo, hae duae, et haec duo*; no genitivo, *duorum, duarum, duorum*; no dativo, *duobus, duabus, duobus*; no acusativo, *duos, duas, duo*; no vocativo, *ó duo, duae, duo*; no ablativo, *ab his duobus, duabus,*

*duobus, duabus, duobus.*

*duobus.*

264. *Pluraliter, nominatiuo ambo, ambae, ambo; genitiuo amborum, ambarum, amborum; datiuo ambobus, ambabus, ambobus; accusatiuo ambos, ambas, ambobus; uocatiuo ó ambo, ambae, ambo; ablatiuo ab ambobus, ambabus, ambobus.* 264. No plural, no nominativo, *ambo, ambae, ambo; genitivo, amborum, ambarum, amborum; dativo, ambobus, ambabus, ambobus; no acusativo, ambos, ambas, ambo; no uocativo, ó ambo, ambae, ambo; no ablativo, ab ambobus, ambabus, ambobus.*

## REFERÊNCIAS:

ALCUINUS. **De orthographia**. Ed. Grammatici Latini, ex recensione Henrici Keilii. Lipsiae: S. Bruni, 1855-1880. Disponível em: <https://mlat.uzh.ch/browser/14013:8?path=14162/14013>. Acesso em: 01 de dez. de 2024.

ASLANOV, Cyril. **A tradução como manipulação**. São Paulo: Perspectiva; Casa Guilherme de Almeida, 2015.

AMBROSIUS CALEPINUS. **Dictionarivm**. Lugdunum: Theobaldvs Paganvs, 1559.

AULETE, C. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução**. Fundamentos de uma disciplina. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BLACK, Robert. **Humanism and Education in Medieval and Renaissance Italy**. Tradition and Innovation in Latin Schools from the Twelfth to the Fifteenth Century. Virtual Publishing. [S. l.]: Cambridge University Press, 2001.

BURCKHARDT, J. **A Cultura do Renascimento na Itália**. Um ensaio. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

BURKE, P. O Cortesão. In: GARIN, Eugenio (Org.). **O Homem Renascentista**. Lisboa: Presença, 1991.

BUZÁSSYOVÁ, Ludmila. "From Ancient Species and Figura Accidents to the Rudiments of the Word-Formation Discipline in Latin and Vernacular Grammars (16th to 18th Centuries)." **Listy filologické / Folia philologica**, vol. 142, no. 3/4, 2019, pp. 407-444.

CAIUS JULIUS CAESAR. **C. Iuli Caesaris Commentariorum**. Pars posterior. Renatus du Pontet. Oxonia: Oxonii. e Typographeo Clarendoniano, 1901.

CART, A. et al. **Gramática Latina**. São Paulo: Edusp, 1986.

CICERO. **De oratore**. De fato. Paradoxa Stoicorum. De partitione oratoria. With an English translation by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1948.

\_\_\_\_\_. **De l'orateur**: du meilleur genre d'orateurs. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Belles Lettres, 1964.

CHARLET, Jean-Louis. **Niccolò Perotti, humaniste du Quattrocento**: Bibliographie critique. N. Perotti: The languages of humanism and politics. *Renæssanceforum. Tidsskrift for renæssanceforskning*, v. 7, p. 1-72, 2011.

CHRISTIE'S. **Study for the tomb of the humanist Niccolò Perotti**. [S. l.]: Christie's, [s. d.]. Disponível em: <https://www.christies.com/en/lot/lot-6088791>. Acesso em: 8 abr. 2025.

COLOMBAT, Bernard. L'adjectif dans la tradition latine : vers l'autonomisation d'une classe. In: **Histoire Épistémologie Langage**, tome 14, fascicule 1, 1992. L'Adjectif : Perspectives historique et typologique, sous la direction de Bernard Colombat . pp. 101-122.

**CORPUS CORPORUM**. Direção de Philipp Roelli. Projeto da Universidade de Zurique. Disponível em: <<http://www.mlat.uzh.ch/MLS/>>. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

**CORPUS GRAMMATICORUM LATINORUM**. Responsáveis científicos Alessandro Garcea e Valeria Lomanto. Redação de Manuela Callipo. Disponível em: <<https://cgl.hypotheses.org/>>. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

**DICIONÁRIO DE LATIM-PORTUGUÊS**. Coord. cient. da rev. António Rodrigues de Almeida. 3ª ed. Porto: Porto Editora, 2008.

**DICIONÁRIO DO RENASCIMENTO ITALIANO**. Organizado por J. R. Hale. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

DUGGAN, C. **História Concisa da Itália**. São Paulo: Edipro, 2016

ERNOUT, A. **Morfología Histórica Latina**. Traducida por Rufo Mendizábal. Bilbao: Mensajero del Corazón de Jesús, 1924.

ERNOUT, A.; THOMAS, F. **Syntaxe latine**. 2.ed. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1953.

FARIA, Ernesto. **Dicionário latino-português**. Edição fac-similar. Minas Gerais: Garnier, 2020.

\_\_\_\_\_. **Gramática Superior da Língua Latina**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FORTES, Fábio; BURGHINI, Julia. **Os gramáticos latinos**. Varrão, Quintiliano, Donato e Prisciano. Coleção Bibliotheca Latina. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Curitiba, PR: Editora da UFPR, 2021.

FORTES, Fábio da Silva. Uso, Variação e Norma na Tradição Gramatical Latina. **SIGNUM**: Estud. Ling., Londrina, n. 15/2, p. 197-214, dez. 2012.

FREIRE, A. **Gramática latina**. 6.ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1983.

GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire latin-français**. Paris: Hachette, 1985.

GARIN, E. **La Educación en Europa**. 1400-1600. Barcelona: Editorial Crítica, 1987.

GEHL, P. F. **Humanism for Sale**. 2008. Disponível em: <https://www.humanismforsale.org/ct>. Acesso em: 04 de ago. de 2024.

GRENDLER, Paul F. **Schooling in Renaissance Italy**: Literacy and Learning, 1300-1600. Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press, 1989.

GUILLÉN, Carmen Lozano. Sobre el concepto de gramática en el Renacimiento.

**Humanistica Lovaniensia.** 41 (1992): 86–103. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23973849>. Acesso em: 10 de fev. de 2024.

HELANDER, H. Neo-Latin Studies: Significance and Prospects. **Symbolae Osloenses**, v. 76, n. 1, p. 5-102, 2001.

HOLTZ, Louis. **Donat et la tradition de l'enseignement grammatical**. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1981.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva; Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, c. 2009.

KÄRNÄ, Aino. Niccolò Perotti: Rudimenta grammatices. In: KÄRNÄ et al. **Handbuch frühneuzeitlicher Grammatiken**. Herausgegeben von Aino Kärnä, Anneli Luhtala, Jenny Malinen, Lauri Marjamäki. Technische Umsetzung durch Torsten Schaßan. Wolfenbüttel. 2013. Disponível em: <http://diglib.hab.de/ebooks/ed000171/start.htm>. Acesso em: 01 de ago. de 2024.

KÄRNÄ, Aino; MARJAMÄKI, Lauri. Suomen varhaiskieliopit osana eurooppalaista traditiota: digitaalisten aineistojen anti nominien kuvauksen tarkastelulle. **Virittäjä**. 121.3 (2017). Disponível em: <https://journal.fi/virittaja/article/download/53448/26827>. Acesso em: 21 de jan. 2024.

KEIL, H. (ed.). **Grammatici Latini**, 7 Vols. Leipzig: Teubner, 1855-1880.

LANCELOT, C. **A New Method of Learning With Facility the Latin Tongue, Vol. 1 of 2**. Containing the Rules of Genders, Declensions, Preterites, Syntax, Quantity, and Latin Accents. [s. l.]: Forgotten Books, 2019.

LE GOFF, J. **A história deve ser dividida em pedaços?**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LEWIS, C. T; SHORT, C. **A Latin Dictionary**. Founded on Andrews' edition of Freund's Latin dictionary. revised, enlarged, and in great part rewritten by. Charlton T. Lewis, Ph.D. and. Charles Short, LL.D. Oxford: Clarendon Press, 1879.

LIEBERMAN, J. Ben. **Type and typefaces**. New Rochelle, N. Y.: Myriade Press, 1977.

LOURENÇO, Frederico. **Nova Gramática do Latim**. 1ª edição. São Paulo: Kíron, 2022.

LUCANUS. **Pharsalia**. London: Longmans, Greend, and Co., 1905.

MANSO, Cláudio Mascaluba Rodrigues. **Os Rudimenta grammatices, de Niccolò Perotti**: proposta de tradução dos parágrafos 1-132 e estudo introdutório. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 70. 2023.

MATTHEWS, Peter. Greek and Latin Linguistics. In: LEPSCHY, Giulio (ed.). **History of Linguistics: Classical and Medieval Linguistics**. London; New York: Routledge, 2014. v. 2. p. 1-13.

\_\_\_\_\_. **What Graeco-roman Grammar Was About?**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

MERCATI, Mons. Giovanni. **Per la cronologia della vita e degli scritti di Niccolò Perotti, arcivescovo di Siponto**. Roma: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1925.

MONFASANI, John. **George of Trebizond**. A biography and a study of his rhetoric and logic. Leiden: E. J. Brill, 1976.

\_\_\_\_\_. **Language and Learning in Renaissance Italy**. Selected articles. Great Britain; USA: VARIORUM, 1994.

MONIZ, Fábio Frohwein de Salles; MANSO, Cláudio Mascaluba Rodrigues. Os Rudimenta grammatices, de Niccolò Perotti: tradução dos parágrafos 1-56. **Translatio**, 2024, n. 27, pp. 58-76.

MONIZ, Fábio Frohwein de Salles; SILVA, Marcelle Mayne Ribeiro da. O sistema nominal latino nos Rudimenta Grammatices, de Niccolò Perotti. **Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, 2019, v. 7, n. 1, p. 119-128.

NICCOLÒ PEROTTI. **Rudimenta Grammatices**. (ed.) PERCIVAL, W. Keith. Center for Digital Scholarship, 2010.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação no Renascimento**. São Paulo: Kíron, 2018.

PERCIVAL, W. K. **The Treatise on Letter Writing in Niccolò Perotti's Rudimenta grammatices**. 2003. Disponível em: <http://people.ku.edu/~percival/Sassoferratoscript2003.html>. Acesso em: 21 de fev. de 2024.

PERES, João Andrade. **Elementos para uma gramática nova**. Universidade de Indiana: Livraria Almedina, 1984.

QUINTILIAN. **Institutio oratoria**. Ed. H. E. Butler. London: Harvard University Press, 1921. 4 v. (The Loeb Classical Library).

QUINTILIANO. **Istituzione oratoria**. Ed. Simone Beta & Elena D'Incerti Amadio. Milão: Mondadori, 1997.

RAVIZZA, Pe. João. **Gramática latina**. Rio de Janeiro: Ed. CDB, 2020.

REALE, Giovanni. **Storia della Filosofia Greca e Romana**. A cura di Vincenzo Cicero. Premessa di Maria Bettetini. Giunti Editore S.p.A./Bompiani: Firenze, 2018.

REYNOLDS, L, D. **Seneca**. Ad Lucilium Epistulae Morales, vols. I-II. New York: OUP, 1965.

RODRÍGUEZ, Estrella del Carmen Pérez; GUILLÉN, Carmen Lozano. **"Suppositum" y "appositum" en la teoría sintáctica medieval y su proyección en el Renacimiento**.

Minerva. Revista de Filología Clásica; Núm. 2 (1988) pags. 287-332. Ediciones Universidad de Valladolid: 1988.

PETITMANGIN, H. **Grammaire latine**. Complète. Texte révisé par P.-N. Burtin, A. Pitou. 35e édition. Paris: J. de Gigord, 1954.

SCHAD, Samantha. **A Lexicon of Latin Grammatical Terminology**. Pisa: Roma, Fabrizio Serra Editore, 2007.

TRUJILLO, María Luisa Harto. **Los términos "suppositum" y "appositum"**: relación entre lógica y gramática. Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, 1994. Disponible em: <http://hdl.handle.net/10662/2381>. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

VARRÓN. **De Lingua Latina**. Edição bilíngue. Introdução, tradução e notas de Manuel-Antonio Marcos Casquero. Espanha: Anthropos, 1990.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014 (1ª Edição).

WIKIPEDIA COMMONS. **Mappa dell'Italia nel 1494**. Imagem criada em 5 de julho de 2012. Autoria do usuário "Milenioscuro". 22 de janeiro de 2024. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Italia\\_1494-es.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Italia_1494-es.svg). Acesso em: 17 de jan. de 2024.

## APÊNDICE A — Glossário de amostras latinas

O objetivo do Glossário de amostras latinas é apresentar propostas de tradução para as amostras de que se serve Perotti em seus *Rudimenta grammatices*. Compomo-lo a partir de verbetes encontrados nestes dicionários: *A Latin Dictionary*, de Lewis e Short (1879), *Dicionário Latim-Português*, da Porto Editora (2008), o *Dicionário Latino-Português*, de Faria (2020), e o *Dictionnaire latin-français*, de Gaffiot (1985). Para o processo de montagem dos verbetes, recorreremos aos preceitos vistos em prefácios e outros textos introdutórios de dicionários de língua portuguesa, como o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss, Villar e Franco, c. 2009) e o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* (Aulete, 2012).

Como especificamos durante este Trabalho, uma amostra é um exemplo apresentado a fim de comprovar algum fato linguístico. Há, em síntese, dois tipos de amostras: uma amostra-palavra, que é uma única palavra (substantivo, adjetivo, verbo etc.) ou uma amostra-sentença, que ou é uma frase fictícia ou uma citação, completa ou parcial, de uma obra latina.

Vale mencionar que este Glossário não apresenta nenhuma palavra conforme a prática dicionarística comum em dicionários latinos, sucedendo à entrada de um nome a sua terminação genitiva ou os radicais após o verbo na primeira pessoa do presente do indicativo ativo. Optamos por apresentar as amostras do texto de Perotti seguidas por sua classe gramatical e algumas propostas de tradução. Quanto às sentenças e citações, também sugerimos as suas respectivas traduções.

Tendo por critério a concisão, não incluímos a abonação de autores nem fizemos distinção entre as sílabas longas e breves, uma vez que não estão presentes os sinais diacríticos das palavras na edição crítica eletrônica de Percival (2010). Não poderíamos, a título de exemplo, distinguir o vocativo do ablativo, e este do nominativo, em nomes da primeira declinação.

Sempre que Perotti apresenta uma amostra em uma forma não nominativa, incluímo-la junto à sua forma nominativa neste Glossário, ainda que esta não seja vista nos *Rudimenta grammatices*, a fim de aumentarmos o nível de uniformidade das entradas. Quando Perotti expõe todo o paradigma de uma palavra, recolhemos exclusivamente a sua forma nominativa para não tornar exaustiva a nominata. Ademais, as amostras que iniciam pela letra *u*, representando consoantes, devem ser consultadas a partir da letra *v*.

Também sinalizamos as palavras cujos significados não encontramos em nenhum dicionário consultado. Nossa hipótese inicial é a de que essas palavras sejam oriundas do latim medieval ou de outro contexto particular e requeiram pesquisas mais especializadas na área da lexicografia. Com efeito, este é um tema que pode ser objeto de pesquisa no âmbito da pós-graduação.

Ressaltamos que este Glossário não substitui, absolutamente, uma consulta detalhada das entradas que abarca, pois o concebemos tão somente em razão de não prejudicar a leitabilidade da tradução, como foi discutido na seção 3.3.3 deste Trabalho.

## ABREVIATURAS

<i>abl.</i>	ablativo	<i>intr.</i>	intransitivo
<i>ac.</i>	acusativo	<i>m.</i>	masculino
<i>adj.</i>	adjetivo	<i>n.</i>	neutro
<i>adv.</i>	advérbio	<i>num.</i>	numeral
<i>arc.</i>	arcaico	<i>obs.</i>	observação
<i>card.</i>	cardinal	<i>onomat.</i>	onomatopeia
<i>cit.</i>	citação	<i>ord.</i>	ordinal
<i>cf.</i>	confira	<i>pess.</i>	peçoal
<i>comp.</i>	comparativo	<i>pl.</i>	plural
<i>conj.</i>	conjunção	<i>pr.</i>	próprio
<i>dat.</i>	dativo	<i>prep.</i>	preposição
<i>def.</i>	definido	<i>pron.</i>	pronome
<i>dem.</i>	demonstrativo	<i>relat.</i>	relativo
<i>dim.</i>	diminutivo	<i>sent.</i>	sentença
<i>distr.</i>	distributivo	<i>sinc.</i>	forma sincopada
<i>f.</i>	feminino	<i>sing.</i>	singular
<i>fig.</i>	figurado	<i>subs.</i>	substantivo
<i>fut. sig.</i>	futuro sigmático	<i>superl.</i>	superlativo
<i>gen.</i>	genitivo	<i>tr.</i>	transitivo
<i>indecl.</i>	indeclinável	<i>v.</i>	verbo
<i>indef.</i>	indefinido	<i>voc.</i>	vocativo
<i>inf.</i>	infinitivo	<i>?</i>	palavra não encontrada nos
<i>interj.</i>	interjeição		dicionários consultados
<i>interr.</i>	interrogativo		

**A, ab, abs** = *prep.* Expressa ideia de ponto de partida, afastamento. *obs.* Rege o caso *abl.*

**Abadir** = *subs. n. indecl.* 1. Bétilo, abadir. 2. Pedra dada por Ops para ser devorada, em lugar de Júpiter, por Saturno.

**Abraam** = *subs. pr. m. indecl.* Abrãã.

**Acies** = *subs. f.* 1. Ponta, gume de uma espada. 2. Espada. 3. (*fig.*) Brilho dos astros, espada (da autoridade).

**Actio** = *subs. f.* 1. Ação, atividade, atividade física. 2. Ação ou ato em sentido moral.

**Acus** = *subs. n.* Casca de grão ou leguminosa.

**Adeps** = *subs. m. e f.* 1. Gordura, sebo ou banha. 2. (*fig.*) Corpulência.

**Adipes** = *cf. Adeps.*

**Ador** = *subs. n.* Espécie de trigo.

**Aduectum Aeneam classis** = *cit.* Eneida, VIII, 11. Não há como traduzi-lo sem o restante do período que o verso comporta.

**Aduena** = *subs. m. e f.* Estrangeiro, vindo de um país estrangeiro.

**Aeneas** = *subs. pr. m.* Eneias, herói da Eneida, o poema épico de Virgílio.

**Aeneas piissimus, id est ualde pius** = *sent.* “Eneias piedosíssimo, isto é, muito piedoso”.

**Aequor** = *subs. n.* 1. Superfície plana, planície. 2. Planície líquida, mar, curso do rio.

**Aes** = *subs. n.* 1. Bronze, cobre, latão. 2. Objeto de cobre ou bronze. 3. Dinheiro, moeda, fortuna, meios.

**Aeris** = *gen. sing.* de *Aes.*

**Africanus** = *subs. m.* Africano, agnome dos Cipiões.

**Ager** = *subs. m.* 1. Terra cultivada, campo, terreno. 2. Território, região.

**Agnus** = *subs. m.* 1. Cordeiro. 2. Cordeiro (sentido coletivo). 3. o Cordeiro Imaculado, Jesus Cristo.

**Alacer (alacris)** = *adj.* 1. Vivo, esperto, ardente, feroso. 2. Alegre. 3. Veloz, rápido, ligeiro.

**Alacris** = *ac. pl.* de *Alacer (alacris).*

**Alec** = *cf. Hallec.*

**Alexander** = *subs. pr. m.* Alexandre.

**Aliquis, -a, -id** = *adj. e pron. indef.* 1. Algum, alguém, alguma coisa. 2. Algum, alguém, alguma coisa (não importa qual). 3. Alguém ou alguma coisa (de importância).

**Alius, -a, -ud** = *adj. e pron. indef.* 1. Outro (falando de mais de dois). 2. Diferente, outro, diverso.

**Alpis** = *subs. f.* Os Alpes.

**Alter, -a, -um.** *adj. e pron.* 1. Um de dois, o outro (falando de dois). 2. Segundo (numa enumeração).

**Aluus** = *subs. f.* 1. Barriga, estômago. 2. Útero. 3. Casco de navio. 4. Colmeia.

**Amandus et reverendus, hoc est dignus amari et reuereri** = *sent.* “Que deve ser amado e reverenciado, isto é, digno de ser amado e reverenciado”.

**Ambo, -ae, -o.** *num.* Ambos, os dois ao mesmo tempo.

**Amente** = *abl. sing.* de *Amens.*

**Amentis** = *ac. pl.* de *Amens. obs.* Considera Perotti que a forma *amentis* é nominativo plural.

**Amens** = *adj.* 1. Que perdeu a mente, que está fora de si. 2. Louco, insensato, amente.

**Amne** = *abl. sing.* de *Amnis.*

**Amni** = *cf. Amne.*

**Amnis** = *subs. m.* 1. Curso rápido de água, torrente, rio. 2. Ribeira. 3. Corrente. 4. Água.

**Amor** = *subs. m.* 1. Amizade, afeição. 2. Paixão, desejo. 3. Objeto de amizade, afeição.

**Amplustra** = *cf. Aplustre.*

**Amplustria** = *cf. Aplustre.*

**Anceps** = *adj.* 1. De duas cabeças, de duas caras. 2. Duplo. 3. Ambíguo, equívoco.

**Anchises** = *subs. pr. m.* Anquises, nome do pai de Eneias, no épico *Eneida*, de Virgílio.

**Ancipite** = *abl. sing.* de *Anceps*.

**Ancipiti** = *abl. sing.* de *Anceps*.

**Angue** = *abl. sing.* de *Anguis*.

**Angui** = *abl. sing.* de *Anguis*.

**Anguis** = *subs. m. e f.* 1. Cobra, serpente, dragão. 2. O Dragão (constelação). 3. O Serpentário (constelação).

**Anima** = *subs. f.* 1. Sopro, emanação, ar. 2. Sopro vital, vida. 3. Alma dos mortos.

**Animabus** = *abl./dat. pl.* de *Anima*.

**Animal** = *subs. n.* 1. Ser vivo, animal. 2. Animal (termo injurioso).

**Animus** = *subs. m.* 1. Mente. 2. Intelecto. 3. Alma.

**Annus** = *subs. m.* 1. Ano. 2. Idade. 3. Tempo de vida.

**Anus** = *subs. m.* 1. Anel. 2. Ânus.

**Anxur** = *subs. n.* Nome de uma antiga cidade do Lácio, atual Terracina.

**Apex** = *subs. m.* 1. Ponta, cimo. 2. (*fig.*) Auge, ápice. 3. Crista, penacho.

**Aplustre** = *subs. n.* Aplustres, ornatos da popa de um navio.

**Aprili** = *dat. sing.* de *Aprilis*.

**Aprilis** = *subs. m.* O mês de abril.

**Aqua** = *subs. f.* 1. Água. 2. Lago. 3. Rio. 4. Urina.

**Aquila** = *subs. f.* Águia.

**Ararim** = *ac. sing.* de *Ararius*.

**Ararius** = ?. Não há nenhum verbete para esta palavra em nenhum dicionário latino consultado.

**Arbor** = *subs. f.* 1. Árvore. 2. Objeto de madeira.

**Archâs** = *subs. m.* Arcade.

**Arcubus** = *abl./dat. pl.* de *Arcus*.

**Arcus** = *subs. m.* 1. Arco. 2. Bobina. 3. Algo curvada como um arco.

**Arma** = *subs. n. pl.* Armas.

**Arpinâs** = *adj.* Arpino, gentílico de Arpino, comuna italiana de Frosinone, região do Lácio.

**Arpinate** = *abl. sing.* de *Arpinâs*.

**Arpinati** = *cf.* *Arpinate*.

**Ars** = *subs. f.* 1. Maneira de ser ou agir (natural ou adquirida), conduta. 2. Habilidade, conhecimento, técnica. 3. Talento, arte.

**Artifex** = *subs. m.* 1. Artífice, operário. 2. Autor, criador. 3. Especialista em uma CHRISTIE'S. *Study for the tomb of the humanist Niccolò Perotti*. [S. 1.]: Christie's, [2023?]. Disponível em: <https://www.christies.com/en/lot/lot-60887>

91. Acesso em: 8 abr. 2025. profissão.

**Artificum** = *gen. pl.* de *Artifex*.

**Artubus** = *abl./dat. pl.* de *Artus*.

**Artus** = *subs. m.* 1. Articulações, juntura dos ossos. 2. Membros do corpo. 3. (*fig.*) Ramos de árvore.

**Aruns** = *subs. I. m.* Arruns. 1. Nome etrusco destinado ao filho mais novo. 2. Aruns, filho de Tarquínio. 3. Aruns, filho de Porsena. 4. Nome de um companheiro de Eneias.

**Arx** = *subs. f.* 1. Cidadela. 2. Cimo, cume, colina. 3. Lugar fortificado, fortaleza.

**As** = *subs. m.* 1. Asse (unidade do sistema monetário romano). 2. (*fig.*) Algo de pouca valia.

**Asina** = *subs. f.* Jumenta.

**Asinabus** = *abl./dat. pl.* de *Asina*.

**Assis** = *gen. sing.* de *As*.

**Astur** = *subs. m.* 1. Espécie de falcão. 2. Relativo à Astúria, ásture.

**Auceps** = *subs. m.* 1. Caçador de pássaros. 2. Criador de aves. 3. Espião. 4. Bisbilhoteiro.

**Auctor (qui auget)** = *sent.* “Autor (aquele que cresce)”. *obs.* O contexto é jurídico: “Autor, aquele que cresce o ato ou a situação jurídica de outrem”.

**Auctrix** = *subs. f.* Autora.

**Augur** = *subs. m. e f.* 1. O que dá presságios. 2. Áugure (sacerdote que prediz o futuro). 3. Adivinho, intérprete.

**Auster** = *subs. pr. m.* Noto, o vento do Sul.

**Bicorpor** = *subs. m. e f.* O/a que tem dois corpos.

**Bipennis** = *subs. f.* Machado de dois gumes.

**Bobus** = *abl./dat. pl.* de *Bos*.

**Bonus, -a, -um** = *adj.* 1. Bom. 2. (*fig.*) Corajoso, valente. 3. Honesto, virtuoso.

**Boreas** = *subs. pr. m.* Bóreas, o vento do Norte.

**Bos** = *subs. m. e f.* 1. Boi, vaca.

**Bostar** = *subs. pr. m.* Bóstar, nome cartaginês.

**Boue** = *abl. sing.* de *Bos*.

**Bouium** = *gen. pl.* de *Bos*.

**Boum** = *gen. pl.* de *Bos*.

**Bubo** = *subs. m. e f.* Coruja.

**Burim** = *ac. sing.* de *Buris*.

**Buris** = *subs. m.* A viga do arado.

**Cadauer** = *subs. n.* 1. Cadáver, corpo morto. 2. Cidade em ruínas.

**Cadere** = *inf.* do *v. cado*.

**Cado** = *v. intr.* 1. Cair. 2. Sucumbir, desfalecer. 3. Morrer. 4. Declinar, pôr-se, incidir. 5. Terminar, acabar, ter uma desinência.

**Caedes** = *subs. f.* 1. Ação de cortar, corte (de árvores). 2. Matança, massacre, carnificina. 3. (*fig.*) Imolação nos sacrifícios. 4. Sangue derramado.

**Calibs** = *subs. m.* 1. Ferro. 2. Nome de rio na Lusitânia.

**Calix** = *subs. m.* 1. Copo, recipiente de bebida. 2. Cálice. 3. Taça de vinho.

**Calx** = *subs. f.* 1. Cal, pedra de cal. 2. Calcanhar. 3. (*fig.*) Pé (humano ou de outros animais). 4. Fim.

**Cancer** = *subs. m.* 1. Caranguejo. 2. Câncer (constelação). 3. O Sul. 4. Calor excessivo.

**Canis** = *subs. m. e f.* 1. Cão, cadela. 2. Chacal. 3. (*fig.*) Agente de polícia.

**Canum** = *gen. pl.* de *Canis*.

**Capenês** = *adj.* Natural de Capena, comuna italiana da região do Lácio.

**Caper** = *subs. m.* 1. Bode. 2. (*fig.*) Mau odor das axilas. 3. A constelação de Capricórnio.

**Capio** = *v. tr.* 1. Pegar, agarrar, tomar. 2. Conter. 3. Conceber, compreender, entender. 4. Ser capaz de.

**Capsis** = *fut. sig. arc.* de *Capio. obs.* Afirmava erroneamente Perotti que as palavras *cape, si e uis* formariam *capsis*.

**Caput** = *subs. n.* 1. Cabeça (seja humana, seja de outros animais). 2. Indivíduo, pessoa. 3. (*fig.*) Parte superior, extremidade. 4. Capítulo.

**Cardo** = *subs. m.* 1. Coceira. 2. Pólo Norte e Sul, ponto cardeal, linha transversal do norte ao sul. 3. (*fig.*) O cerne de uma questão ou de um assunto.

**Carnis** = *gen.* de *Caro*.

**Caro** = *subs. f.* 1. Carne, pedaço de carne. 2. (*fig.*) Carne (em contraposição ao espírito), a matéria, as paixões mais baixas.

**Cassis** = *subs. f.* 1. Capacete de metal. 2. O que usa um capacete. 3. (*fig.*) Guerra.

**Caulis** = *subs. m.* 1. Caule, haste da planta. 2. Couve. 3. (*fig.*) Objeto semelhante à haste de uma planta. 4. Caneta.

**Celebs** = ?. Não há nenhum verbete para esta palavra em nenhum dicionário latino consultado. *obs 1.* Há verbetes para *caelebs* em dicionários latinos com o sentido de “solteiro”, “celibatário”. *obs 2.* No *De Orthographia*, de Alcuíno de York, *celebs* surge sob outra grafia, *caelebs*, significando “*qui sibi iter facit ad caelum*”, isto é, “que faz para si o caminho até o céu”. Nesse sentido, a tradução de melhor equivalência seja “celibatário”.

**Celer** = *adj.* 1. Rápido, veloz, célere. 2. Súbito. 3. (*fig.*) Vivo.

**Celeri** = *dat./abl. sing.* de *Celer*.

**Celtiber** = *subs. m.* Celtibero, indivíduo natural ou habitante da Celtibéria.

**Cepe** = *subs. n.* Cebola. *obs.* Supunha Perotti que *cepe* tivesse origem grega, mas não há evidência alguma que endosse a sua hipótese (Percival, 2010).

**Cera** = *subs. f.* 1. Cera, cera de abelha. 2. Favo de mel. 3. Selo em cera, sinete.

**Ceruical** = *subs. n.* Travesseiro.

**Chalcan** = *subs. pr. m.* Calcas, ou Calcante, afamado adivinho que previu acontecimentos na Guerra de Troia.

**Cicer** = *subs. n.* 1. Grão de bico. 2. Homem do povo.

**Cimex** = *subs. m.* 1. Percevejo. 2. (*fig.*) Termo de injúria.

**Cinips** = ?. Não há nenhum verbete para esta palavra em nenhum dicionário latino consultado. *obs.* Traduz Lancelot (2019) *cinips* como “*little flies*”, “pequenas moscas”.

**Ciuitas** = *subs. f.* 1. Direito de cidadania. 2. Conjunto de cidadãos, cidade, Estado.

**Clades** = *subs. f.* 1. Desastre, calamidade. 2. Praga. 3. Derrota em geral.

**Classe** = *abl. sing.* de *Classis*.

**Classis** = *subs. f.* Navio, frota.

**Clunis** = *subs. m. e f.* Nádegas, ancas.

**Cneus** = *subs. m.* Cneu, prenome romano.

**Cohors** = *subs. f.* 1. Cerrado, pátio para o gado ou instrumentos agrícolas, curral. 2. Tropas militares. 3. Grupo, multidão.

**Collis** = *subs. m.* Colina.

**Collium** = *gen. pl.* de *Collis*.

**Color** = *subs. m.* 1. Cor. 2. O colorido de um estilo de escrita. 3. Aparência, aspecto exterior.

**Colore** = *abl. sing.* de *Color*.

**Colus** = *subs. f.* Roca.

**Comes** = *subs. m.* Companheiro, sócio, aliado.

**Compes** = *subs. f.* 1. Grilhões, algemas. 2. (*fig.*) Cadeia, laço, obstáculo.

**Compos** = *adj.* 1. Que está na posse de, que é proprietário de. 2. Que obteve, que possui (um bem de qualquer natureza).

**Concorde** = *abl. sing.* de *Concors, concors, concorde*.

**Concordi** = *abl. sing.* de *Concors, concors, concorde*.

**Concors, concors, concorde** = *adj.* 1. Unido em comunhão, concorde, que está de acordo com. 2. Harmonioso.

**Coniunx** = *subs. f.* Cônjuge.

**Consul** = *subs. m.* Cônsul.

**Conuiua** = *subs. m. e f.* Convidado, comensal.

**Cor** = *subs. n.* Coração.

**Corculum** = *subs. n.* Coraçõzinho.

**Cornicen** = *subs. m.* 1. Corneteiro.

**Cornu** = *subs. n.* 1. Chifre. 2. Casco do pé de animais ou de sátiros. 3. Bico das aves. 4. Trombeta, corneta.

**Corpore** = *abl. sing.* de *Corpus*.

**Corpus** = *subs. n.* Corpo (oposto à alma). 2. Corpo inanimado, cadáver. 3. Objeto material, substância, matéria, corpo do ser humano e de outros animais.

**Cortex** = *subs. m. e f.* 1. Córtice, casca, invólucro. 2. Cortiça.

**Cos** = *subs. f.* 1. Pedra dura, seixo. 2. Pedra de amolar. 3. (*fig.*) Pedra de amolar.

**Costus** = *subs. f.* Planta aromática de clima tropical e subtropical encontrada na Ásia, em África e nas Américas.

**Crastinus, -a, -um** = *adj.* 1. Crástino. 2. Relativo ao amanhã. 3. Matinal.

**Crater** = *subs. m.* 1. Vasilha para misturar vinho e água. 2. Vasilhame. 3. Tigela.

**Cristallus** = *subs. f.* Cristal. *obs.* Os dicionários a que consultamos apresentam a grafia *crystallus*. Opta Perotti por pôr *i* em lugar de *y*.

**Crus** = *subs. n.* 1. Perna de humano ou outro animal. 2. Parte inferior do tronco de uma árvore.

**Crux** = *subs. f.* 1. Cruz. 2. (*fig.*) Tortura, dor.

**Cubile** = *subs. n.* 1. Cama. 2. Assento. 3. Base.

**Culex** = *subs. m. e f.* Mosquito. *obs.* Nos *Rudimenta*, *culex* é citada como exclusivamente de gênero masculino.

**Cupido** = *subs. m.* O deus do amor, Cupido, filho de Vênus.

**Currit** = *v. intr.* Terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *curro*.

**Curro** = *v. intr.* 1. Correr. 2. (*tr.*) Percorrer.

**Curru** = *dat. sing.* de *Currus*.

**Currus** = *subs. m.* 1. Carro. 2. Carro de triunfo, carro de guerra. 3. (*fig.*) Triunfo.

**Curruum** = *gen. pl.* de *Currus*.

**Cuspis** = *subs. f.* 1. Ponta de lança, extremidade. 2. Lança, dardo. 3. Tridente.

**Custos** = *subs. m. e f.* 1. Guarda, guardião, guardiã. 2. Pedagogo, diretor. 3. Superintendente de comícios. 4. Cão de guarda.

**Dama** = *subs. m. e f.* Gamo, corça, cabra montês.

**Daps** = *subs. f.* 1. Refeição sacrificial. 2. Banquete, festim. 3. Alimento, comida, iguaria.

**David** = *subs. pr. m. indecl.* Davi.

**Decem** = *adj. num.* Dez.

**Decore** = *abl. sing.* de *Decus*.

**Decus** = *subs. n.* 1. Glória, esplendor. 2. Honra, distinção. 3. Dignidade, virtude.

**Dedecor** = *adj.* Feio, vergonhoso, indigno.

**Degener** = *adj.* 1. Degenerado, não genuíno. 2. (*fig.*) Vil, indigno, desprezível.

**Delphin** = *subs. m.* 1. Golfinho. 2. Ornamento com forma semelhante a de um golfinho. 3. O Golfinho (constelação). *obs.* *Delphin* é forma grega. Em latim é mais frequente a forma *delphinus*.

**Dens** = *subs. m.* 1. Dente. 2. Algo ou alguma coisa em formato de dente. 3. Espinho.

**Deni, -ae, -a** = *num. distrib.* 1. Dez de cada vez, dez para cada um. 2. Dez. *obs.* Há duas formas para seu genitivo plural: *denarum* e *denum* (forma sincopada).

**Denum** = *gen. pl. sinc.* de *Deni, denae, dena*.

**Deus** = *subs. m.* 1) Deus. 2) Um deus. 3) Divindade.

**Dies** = *subs. m. e f.* 1. Dia. 2. As 24 horas. 3. Céu aberto.

**Discolor** = *adj.* 1. Multicolor. 2. Diferente a bem da cor. 3. (*fig.*) Diferente.

**Doctior illo uel doctior illis** = *sent.* “Mais sábio do que aquele ou mais sábio do que aqueles”.

**Doctissimus poetarum** = *sent.* “O mais sábio dos poetas”.

**Dodrans** = *subs. m.* Dodrante, os 9/12 ou 3/4 do asse.

**Domitor** = *subs. m.* 1. Domador, domesticador (de animais). 2. Vencedor.

**Domo** = *abl. sing.* de *Domus*.

**Domus** = *subs. f.* Casa, lar.

**Dos** = *subs. f.* Dote, talento, qualidade.

**Dulcedo** = *subs. f.* 1. Doçura, sabor doce. 2. Agrado, encanto.

**Dumus** = *subs. m.* Espinho ou arbusto de sarça.

**Duo, -ae, -o** = *num. card.* Dois.

**Eacides, filius uel nepos Eaci** = *sent.* “Eácida, filho ou neto de Éaco”.

**Efficax** = *adj.* Efetivo, capaz de cumprir com a sua função.

**Eiusmodi** = *adv.* 1. Deste modo, desta sorte, desta espécie. 2. De uma tal maneira que.

**Elementum** = *subs. n.* 1. Elementos, rudimentos, princípios. 2. Tipos de matéria (como o fogo, o ar, o vento, a água). 3. Origem, começo.

**Eleusin** = *cf. Heleusin*.

**Ens** = *subs. n.* Ente.

**Ensis** = *subs. m.* Espada.

**1. Et** = *adv.* Também, do mesmo modo.

**2. Et** = conj. 1. E. 2. E também, e além disso, e até. 3. E então, e depois.

**Euandrius ensis, id est, ensis Euandri** = *sent.* “Espada evandriana, isto é, espada de Evandro”.

**Exlex** = *adj.* 1. Que está fora da lei, que não se sujeita à lei. 2. (*fig.*) Licencioso.

**Exul** = *subs. m. e f.* 1. Exilado, desterrado, expatriado, banido. 2. Privado de.

**Faber** = *subs. m.* 1. Operário, carpinteiro, marceneiro, serralheiro, ferreiro. 2. (*fig.*) Artista, artífice, artesão.

**Fabrum** = *ac. sing.* de *Faber*.

**Far** = *subs. n.* 1. Espécie de trigo (espelta), trigo em geral. 2. Farinha.

**Farre** = *abl. sing.* de *Far*.

**Fas** = *subs. n. indecl.* 1. Ordem divina, direito divino. 2. O que é lícito, justo, legítimo, direito.

**Fax** = *subs. f.* 1. Tocha, archote. 2. Fogo. 3. (*fig.*) Estímulo.

**Febris** = *subs. f.* Febre.

**Fex** = *subs. f.* 1. Borra do vinho ou do azeite. 2. Tártaro. 3. Molho grosso.

**Ficubus** = *abl./dat. pl.* de *Ficus*

**1. Ficus** = *subs. f.* 1. Figo. 2. Figueira.

**2. Ficus** = *subs. m.* Hemorroidas.

**Fides** = *subs. f.* 1. Fé. 2. Lealdade. 3. Honestidade.

**Fidicen** = *subs. m.* 1. Tocador de lira. 2. Poeta que se consagra à poesia lírica. 3. Lirista.

**Fili** = *voc. sing.* de *Filius*.

**Filia** = *subs. f.* Filha.

**Filiabus** = *abl./dat. pl.* de *Filia*.

**Filie** = ?. *obs.* Trata-se de uma palavra usada por Perotti como amostra de falha na construção do vocativo da segunda declinação. *cf. Fili*, a forma correta.

**Filius** = *subs. m.* Filho.

**Finis** = *subs. m. e f.* 1. Fim, limite. 2. Objetivo. 3. Território, pátria (quando usado no *pl.*)

**1. Flamen** = *subs. m.* Flâmine (sacerdote devotado ao culto de uma divindade).

**2. Flamen** = *subs. n.* 1. Sopro, vento. 2. (*fig.*) Modulação.

**Flos** = *subs. m.* 1. Flor, floração. 2. Suco das flores. 3. (*fig.*) Flor da idade.

**Fluuius** = *subs. m.* 1. Rio, corrente. 2. Fluxo de água.

**Foelix** = *adj.* 1. Fecundo, fértil. 2. Fecundante. 3. Favorável, propício. 4. (*fig.*) Talentoso, habilidoso.

**Fons** = *subs. m.* 1. Fonte, nascente. 2. (*fig.*) Origem, causa, princípio. 3. Água. 4. Batistério.

**Fonte** = *abl. sing.* de *Fons*.

**Fontis** = *ac. pl.* de *Fons*.

**Fontium** = *gen. pl.* de *Fons*.

**Forceps** = *subs. m.* Pinças.

**1. Fornax** = *subs. f.* Fornalha, forno.

**2. Fornax** = *subs. pr. f.* Fornax, deusa dos fornos.

**Fornix** = *subs. m.* 1. Abóbada, arco. 2. Aqueduto. 3. Arco do Triunfo.

**Fors** = *subs. f.* Acaso, sorte, fortuna.

**Fortior, id est, magis fortis** = *sent.* “O mais forte, isto é, o mais forte”. *obs.* Tanto *fortis* quanto *magis fortis* são formas comparativas latinas com idêntico valor.

**Fraus** = *subs. f.* 1. Fraude, engano. 2. Dano, prejuízo, mal agravo. 3. (*fig.*) Ignorância.

**Frons** = *subs. f.* 1. Fronte, rosto, semblante. 2. Ar, fisionomia. 3. (*fig.*) Fachada, frontispício, frente.

**Fronte** = *abl. sing.* de *Frons*.

**Frontium** = *gen. pl.* de *Frons*.

**Frugi** = *adj. indecl.* 1. Cordato, sensato, sóbrio. 2. De bons modos. 3. Honrado, honesto.

**Frutex** = *subs. f.* 1. Ramagem, rama, ramos (de uma árvore). 2. Arbusto, árvore.

**Fur** = *subs. m.* Ladrão.

**Furfur** = *subs. m.* Farelo.

**Gadir** = *subs. pr. n. indecl.* Gadir, nome fenício da cidade e ilha da costa ocidental da Bética, Gades, atual Cádiz.

**Gausapa** = *subs. f.* 1. Tecido. 2. Vestido. 3. Manto, capa. 4. (*fig.*) Peruca.

**Gausape** = *abl. sing.* de *Gausapa*.

**Gausape** = *cf. Gausapa*.

**Gausapes** = *subs. m. cf. Gausapa*.

**Gens** = *subs. f.* 1. Tribo, clã. 2. Nação, povo. 3. Gentios.

**Genu** = *subs. n.* Joelho.

**Gladius** = *subs. m.* Espada.

**Glicerium** = *cf. Glycerium*.

**Glos** = *subs. f.* Cunhada.

**Glycerium** = *subs. pr. n.* Glicéria, nome de personagem feminina da comédia *Andria*, de Terêncio. *obs.* É encontrada nos *Rudimenta grammatices* a forma *Glycerium* como mera variante.

**Graecus, -a, -um** = *adj.* Grego.

**Grex** = *subs. m.* 1. Rebanho, grege. 2. Multidão. 3. Conjunto, facção, classe.

**Grus** = *subs. f.* Grou (ave).

**Gumi** = *subs. n.* Goma. *obs.* O Calepino a registra como uma palavra indeclinável e adiciona um “m” à sua grafia.

**Gurges** = *subs. m.* 1. Abismo, sorvedouro. 2. Turbilhão de água. 3. (*fig.*) Receptáculo.

**Guttur** = *subs. n.* 1. Garganta, pescoço. 2. (*fig.*) Gula.

**Hae** = *nom. pl.* de *Haec*.

**Haec** = *cf. Hic, haec, hoc*.

**Hallec** = *subs. n.* 1. Sedimento de um caro molho de peixe, o *garum*. 2. Molho preparado a partir de pequenos peixes.

**Hanc** = *ac. sing.* de *Haec*.

**Harum** = *gen. pl.* de *Haec*.

**Has** = *ac. pl.* de *Haec*.

**Heleusin** = *subs. pr. f.* Elêusis, cidade grega localizada na Ática. *obs.* Prefere Perotti a forma *heleusin* a *eleusin*.

**Herus** = *subs. m.* 1. Dono de casa, senhor. 2. Proprietário. 3. Soberano.

**Hi** = *nom. pl.* de *Hic*.

**Hiber** = *subs. m.* Ibero, que habita a Ibéria.

**Hiberis** = *gen. sing.* de *Hiber*.

**1. Hiberus** = *subs. m.* Rio Ebro, localizado na Hispânia Tarraconense.

**2. Hiberus, -a, -um** = *adj.* Ibero, natural da Ibéria, da Hispânia.

**Hic** = *cf. Hic, haec, hoc*.

**Hic, haec, hoc** = *pron. dem.* 1. Este, esta, isto. 2. Tal. 3. Um ou outro (quando se trata de dois objetos).

**His** = *abl./dat. pl.* de *Hic, haec, hoc*.

**Hispanus, -a, -um** = *adj.* Espanhol, relativo à Espanha.

**Hoc** = *cf. Hic, haec, hoc*.

**Hodiernus, -a, -um** = *adj.* 1. Hodierno, relativo ao hoje. 2. Presente, existente neste momento.

**Homo** = *subs. m.* 1. Homem (como gênero humano). 2. Homem (um indivíduo do sexo masculino).

**Honor** = *subs. m.* 1. Honra. 2. Respeito. 3. Recompensa.

**Horum** = *gen. pl.* de *Hic* e *Hoc*. *cf. Hic, haec, hoc*.

**Hos** = *ac. pl.* de *Hic*. *cf. Hic, haec, hoc*.

**Hospes** = *subs. m.* 1. Hóspede. 2. Viajante, estrangeiro.

**Hospite** = *abl. sing.* de *Hospes*.

**Huic** = *dat. sing.* de *Hic, haec, hoc*.

**Huius** = *gen. sing.* de *Hic, haec, hoc*.

**Humus** = *subs. f.* 1. Terra, solo. 2. Região, país.

**Hunc** = *ac. sing.* de *Hic*. *cf. Hic, haec, hoc*.

**Hyems** = *subs. m.* 1. Inverno. 2. Tempo de chuva, estação chuvosa. 3. Frio. *obs.* Prefere Perotti a forma *hyems* em lugar de *hiems* ou *hiemps*.

**Idus** = *subs. f. pl.* Os idos, o dia 15 dos meses de março, maio, julho e outubro.

**Iecur** = *subs. n.* 1. Fígado. 2. (*fig.*) Coração.

**Igne** = *abl. sing.* de *Ignis*.

**Igni** = *cf. Igne.*

**Ignis** = *subs. m.* 1. Fogo, brilho. 2. Paixão.

**Imber** = *subs. m.* Chuva, tempestade.

**Immemor** = *adj.* 1. Esquecido, que não se lembra. 2. (*fig.*) Ingrato.

**Imperterritus, -a, -um** = *adj.* Destemido, que não tem medo.

**Impos** = *subs. m.* Que não é senhor de algo, que não detém poder sobre algo.

**Incubus** = *subs. m.* 1. Pesadelo. 2. Íncubo, demônio de aparência masculina que assedia mulheres no sono.

**Incus** = *subs. f.* Bigorna.

**Ineptus, -a, -um** = *adj.* 1. Impertinente, impróprio. 2. Inábil, inepto. 3. Bobo.

**Inexpugnabilis** = *adj.* 1. Inexpugnável. 2. (*fig.*) Invencível. 3. Inacessível.

**Ingeniolum** = *subs. n.* 1. Gênio diminuto. 2. Intelecto fraco.

**Inope** = *abl. sing.* de *Inops.*

**Inopi** = *cf. Inope.*

**Inops** = *adj.* 1. Pobre, sem recursos. 2. (*fig.*) Indigente, desgraçado. 3. Fraco.

**Inquies** = *adj.* Que não descansa, agitado, inquieto, afobado.

**Instar** = *subs. n. indecl.* 1. À semelhança de algo, à moda de algo. 2. (*fig.*) O equivalente, o valor de algo, a média.

**Insulsus, -a, -um** = *adj.* Insípido, tolo.

**Ir** = *subs. n. indecl.* A mão, a palma da mão. *obs.* Costuma aparecer também como de gênero masculino.

**Iter** = *subs. n.* 1. Caminho, percurso, marcha, viagem. 2. Estrada, via, passagem.

**Iulus** = *subs. m.* Iulo, ou Ascânio, nome do filho de Eneias com Creusa na *Eneida*, de Virgílio.

**Judex** = *subs. m.* 1. Juiz. 2. Jurado.

**Judicum** = *gen. pl.* de *Judex.*

**Jugerum** = *gen. pl. ?.* *obs.* Segundo Perotti, esta palavra está em sua forma sincopada; mas o mesmo não oferece a sua forma não sincopada. *obs.* Não confunda

com o substantivo neutro em forma nominativa *jugerum.*

**Julius, -a, -um** = *adj.* De Júlio, da família Júlia.

**Juvenis** = *subs. m.* Jovem.

**Juventus** = *subs. m.* 1. Juventude. 2. Jovem.

**Juvenum** = *gen. pl.* de *Juvenis.*

**Labes** = *subs. f.* 1. Queda, derrubamento. 2. Ruína. 3. (*fig.*) Desonra.

**Labor** = *subs. m.* 1. Fadiga, esforço. 2. Trabalho.

**Lac** = *subs. n.* Leite.

**Lacubus** = *abl./dat. pl.* de *Lacus.*

**Lacunar** = *subs. n.* 1. Painel com divisões ou compartimentos em um texto. 2. Teto emoldurado.

**Lacus** = *subs. m.* 1. Reservatório de água, lago. 2. Cisterna, subterrâneo.

**Lanx** = *subs. f.* 1. Prato, tigela. 2. Balança.

**Lapis** = *subs. f.* 1. Pedra. 2. Marco, limite. 3. Jóia.

**Laquear** = *subs. n.* Teto emoldurado.

**Lar** = *subs. pr. m.* 1. Lares, as divindades que protegem as casas romanas e seus moradores (sobretudo no *pl.*, *Lares*). 2. Lareira, lar, casa. 3. Ninho de pássaro.

**Latinus, -a, -um** = *adj.* Latino, relativo ao Lácio.

**Latro** = *subs. m.* Mercenário, bandido, ladrão.

**Latrones** = *ac./nom./voc. pl.* de *Latro.*

**Laurus** = *subs. f.* Louro, coroa de louros.

**Laus** = *subs. f.* 1. Elogio, gracejo. 2. Mérito, glória. 3. Estima, preço.

**Lector** = *subs. m.* Leitor.

**Lens** = *subs. f.* Lentilha (legume).

**Leo** = *subs. m.* Leão.

**Lepus** = *subs. m.* Lebre.

**Leuir** = *subs. m.* Cunhado.

**1. Liber** = *adj.* Livre.

**2. Liber** = *subs. n.* Livro.

**Liberta** = *subs. f.* Mulher livre.

**Libertabus** = *abl./dat. pl.* de *Liberta.*

**Liberum** = *ac./nom./voc. n.* de *Liber* (*adj.*).

**Lien** = *subs. m.* Baço.

**Ligur** = *subs. m.* Lígure, sobrenome das gens Élia e Otávia.

**Ligus** = *subs. m.* Liguriano, lígure. *obs.* Também *adj. m. e f.*, da Ligúria.

**Limes** = *subs. m.* Limite, fronteira.

**Lis** = *subs. f.* Disputa, litígio, querela.

**Lites** = *ac./nom./voc. pl.* de *Lis*.

**Litium** = *gen. pl.* de *Lis*.

**Longinquus** = *adj.* Distante, longínquo.

**1. Lucifer, -fera, -ferum** = *adj.* Luminoso, que provê luz.

**2. Lucifer** = *subs. pr. m.* 1. Lúçifer, nome que se dava ao planeta Vênus. 2. Dia, jornada.

**Luciferi** = *gen. sing. e nom./voc. pl.* de *Lucifer* (*subs. pr. m.*) e *gen. m./n. sing. e nom./voc. m. pl.* de *Lucifer, -fera, -ferum* (*adj.*)

**Lucifero** = *abl./dat. sing.* de *Lucifer* (*subs. pr. m.*) e *abl./dat. m./n. sing.* de *Lucifer, -fera, -ferum* (*adj.*).

**Ludicra** = *ac./nom./voc. pl.* de *Ludicrum*.

**Ludicrum** = *subs. n.* Jogo público, espetáculo (de circo ou de teatro. 2. Distração, lazer.

**Lupanar** = *subs. n.* Prostíbulo.

**Lupanari** = *abl./dat. sing.* de *Lupanar*.

**Luxuriosus, -a, -um** = *adj.* 1. Abundante, exuberante. 2. Excessivo, imoderado.

**Lynx** = *subs. m. e f.* Lince.

**Magister** = *subs. m.* Mestre, professor.

**Magnanimitas** = *subs. f.* Magnanimidade, grandeza de alma.

**Magnanimus, -a, -um** = *adj.* Magnânimo, generoso.

**Magnus, -a, -um** = *adj.* Grande.

**Magudarim** = *ac. sing.* de *Magudaris*.

**Magudaris** = *subs. f.* O talo, o suco ou o a raiz de plantas do gênero *Laserpitium*.

**Maiora** = *ac./nom./voc. pl. n. comp.* de *Magnus, -a, -um*.

**Maiore** = *abl. m./f./n. sing. comp.* de *Magnus, -a, -um*.

**Maiori** = *cf. Maiore*.

**Malus** = *adj.* 1. Mau, maligno, perverso. 2. Feio. 3. Azarado.

**Manceps** = *subs. m.* 1. Arrematante, comprador. 2. Empreiteiro, empresário. 3. Abonador, fiador.

**Mancipi** = *gen. sing.* de *Mancipium*.

**Mancipium** = *subs. n.* 1. A aquisição de algo de que se é proprietário. 2. Algo ou alguém tornado propriedade de outrem.

**Manus** = *subs. f.* 1. Mão, punho. 2. Letra, modo de escrever. 3. Autoridade, poder.

**Mare** = *subs. n.* Mar.

**Mari** = *abl. sing.* de *Mare*.

**Maris** = *gen. sing.* de *Mas*.

**Margo** = *subs. f.* Margem, limite. *obs.* Considera Perotti que *margo* é do gênero comum.

**Margum** = *subs. n.* Margo, cidade da Méssia.

**Marmor** = *subs. n.* 1. Mármore. 2. Estátua. 3. Construção de mármore.

**Mars** = *subs. pr. m.* 1. Marte, deus da guerra. 2. O planeta Marte. 3. (*fig.*) Batalha, guerra.

**Mas** = *subs. m.* 1. Macho, do sexo masculino. 2. Filho homem, rapaz, varão.

**Mater** = *subs. f.* Mãe.

**Mater deorum** = *sent.* “Mãe dos deuses”. *obs.* Entre outros títulos, os romanos assim chamavam Ops, a deusa da abundância.

**Matres** = *ac./nom./voc. pl.* de *Mater*.

**Mel** = *subs. n.* 1. Mel. 2. (*fig.*) Doçura.

**Memor** = *adj.* 1. Que se lembra, lembrado. 2. Que faz lembrar, memorável. 3. Que tem boa memória.

**Memore** = *cf. Memori*.

**Memori** = *abl. sing. m./f./n.* de *Memoris*.

**Memoris** = *cf. Memor*.

**Mens** = *subs. f.* 1. Espírito, mente, alma. 2. Razão, inteligência.

**Mensis** = *subs. m.* Mês.

**Meridies** = *subs. m.* 1. Meio-dia, a hora do meio-dia. 2. Sul.

**1. Metaurus** = *subs. pr. m.* Metauro, rio da Úmbria.

**2. Metaurus, -a, -um** = *adj.* Do Metauro.

**Mille** = *subs. n.* 1. Mil, milhar, milhares. 2. Milha (medida de comprimento equivalente a mil passos). *obs. indecl.* no *sing.*

**Minore** = *abl. sing. m./f./n. comp.* de *Paruus*.

**Minori** = *cf. Minore*.

**Minorum** = *gen. pl. comp.* de *Paruus*.

**Modium** = *?. gen. pl. sinc. obs.* Segundo Perotti, esta palavra está em sua forma sincopada; mas o mesmo não oferece a sua forma não sincopada.

**1. Molaris** = *adj.* De mó, de moinho.

**2. Molaris** = *subs. m.* 1. Mó, pedra grande. 2. Dente molar.

**Monile** = *subs. n.* Colar, gargantilha.

**Monili** = *abl./dat. sing.* de *Monile*.

**Monilia** = *ac./nom./voc. pl.* de *Monile*.

**Mons** = *subs. m.* Monte, montanha.

**Montanus, -a, -um** = *adj.* 1. De montanha, relativo a montanhas. 2. Montanhoso.

**Mors** = *subs. f.* Morte.

**Mucro** = *subs. m.* 1. Espada. 2. Ponta afiada.

**Mulciber** = *subs. pr. m.* 1. Mulcíbero, epíteto do deus do fogo Vulcano. 2. (*fig.*) Fogo.

**Mulier** = *subs. f.* 1. Mulher. 2. Esposa.

**Multus, -a, -um** = *adj.* 1. Abundante, numeroso. 2. Muitas coisas. 3. Muitos, numerosos.

**Municeps** = *subs. n.* 1. Muncípe, aquele que habita um município. 2. Compatriota, concidadão.

**Municipum** = *gen. pl.* de *Municeps*.

**Munus** = *subs. n.* 1. Serviço. 2. Dever, cargo, função.

**Mus** = *subs. m.* Rato.

**Musa** = *subs. f.* Musa.

**Nata** = *subs. f.* Filha.

**Natabus** = *abl./dat. pl.* de *Nata*.

**Natali** = *abl./dat. sing.* de *Natalis*.

**1. Natalis** = *adj.* Do nascimento, Natal.

**2. Natalis** = *subs. m.* Dia do nascimento.

**Natrix** = *subs. m.* Cobra-d'água, hidra.

**Naue** = *abl. sing.* de *Nauis*.

**Nai** = *cf. Naue*.

**Nauis** = *subs. f.* Nau, navio.

**Neapolim** = *ac. sing.* de *Neapolis*.

**Neapolis** = *subs. f.* Nápoles.

**Nefas** = *subs. n. indecl.* 1. Algo contrário às leis divinas, religiosas e naturais. 2. Crime, atrocidade.

**Nepos, filius filii** = *sent.* “Neto, filho do filho”.

**Nepte** = *abl. sing.* de *Neptis*.

**Nepti** = *cf. Nepte*.

**Neptis** = *subs. f.* 1. Neta. 2. Sobrinha.

**1. Nequam** = *adj. indecl.* Imprestável, de má qualidade, mau.

**2. Nequam** = *subs. n. indecl.* 1. Mal, prejuízo. 2. Devassidão, depravação, orgia.

**Neuter, -tra, -trum** = *pron.* 1. Nenhum (de dois), nem um nem outro. 2. Neutro. 3. Algo não passível de julgamento.

**Nex** = *subs. f.* Morte, morte com violência, homicídio.

**Nihil** = *subs. n. indecl.* Nada, nulidade, inutilidade.

**Nix** = *subs. f.* Neve.

**Noctium** = *gen. pl.* de *Nox*.

**Notamen** = *subs. n.* Sinal de designação.

**Nox** = *subs. f.* Noite.

**Nugas** = *adj. indecl.* Frívolo, inútil. *obs.* Considera Perotti que *nugas* é do gênero inclusivo.

**Nugigerulus** = *subs. m.* Vendedor de bugigangas, de quinquilharias.

**Numen** = *subs. n.* 1. Nume, vontade divina. 2. Deus, divindade. 3. Assentimento, conhecimento.

**Numum** = *ac. sing.* de *Nurus*.

**Nurus** = *subs. f.* Nora.

**O** = *interj.* “Ó”, exclamação de chamamento, invocação, espanto, admiração etc.

**Oasis** = *subs. f.* Oásis.

**Obex** = *subs. m. e f.* 1. Tranca de uma porta, tranca em geral. 2. (*fig.*) Obstáculo.

**Occiput** = *subs. n.* Occipício, a parte de trás da cabeça.

**Oleaster** = *subs. m.* Zambujeiro.

**Omne** = *adj. e pron. indef.* 1. Todo, toda. 2. De qualquer espécie. 3. Todo, cada. 4. Todas as coisas (no *n. pl.*).

**Omnis** = *cf. Omne.*

**1. Ops** = *subs. pr. f.* Ops, deusa da abundância, habitualmente identificada com Cibele.

**2. Ops** = *subs. f.* 1. Abundância, riqueza. 2. poder, força. *obs.* Usualmente, no *pl.*

**Optimus Teucrorum, id est, bonus super omnes teucros** = *sent.* “O melhor dos troianos, isto é, bom acima de todos os troianos”.

**Opus** = *subs. n.* 1. Necessidade. 2. Trabalho.

**Oratio** = *subs. f.* 1. Discurso, oração. 2. Eloquência. 3. Oração (no sentido religioso).

**Ordo** = *subs. m.* 1. Ordem. 2. Sucessão. 3. Classe.

**Origo** = *subs. f.* 1. Origem, fonte. 2. Nascimento, família. 3. Ancestralidade.

**Oris** = *gen. sing.* de *Os 1.*

**1. Os** = *subs. n.* 1. Boca. 2. Entrada. 3. Orifício.

**2. Os** = *subs. n.* 1. Osso. 2. Cerne. 3. Caroço (de fruta).

**Ossis** = *gen. sing.* de *Os 2.*

**Paean** = *subs. pr. m.* Peão, um dos nomes com o qual Apolo era invocado.

**Palla** = *subs. f.* Manto usado por mulheres.

**1. Pallas** = *subs. pr. f.* 1. Nome atribuído a Atena ou Minerva. 2. Paládio, estátua de

Palas. 3. Templo de Palas, onde estava o Paládio.

**2. Pallas** = *subs. pr. m.* Palante, nome de diversas personagens da literatura clássica.

**Pan** = *subs. pr. m.* Pan, deus dos bosques e pastores.

**Pantera** = *subs. f.* Pantera. *obs.* Prefere Perotti a forma *pantera* em lugar de *panthera*, esta que é mais comum em dicionários latinos e revela sua origem grega.

**Panum** = *gen. pl.* de *Pan.*

**Papauer** = *subs. n.* Papoula.

**Par** = *adj.* 1. Igual, em força, altura ou mérito. 2. Semelhante. 3. Conveniente.

**Pare** = *abl. sing.* de *Par.*

**Pari** = *cf. Pare.*

**Paria** = *ac./nom./voc. pl.* de *Par.*

**Parricida** = *subs. m.* Parricida, assassino de um dos pais.

**Partis** = *ac. pl. e gen. sing.* de *Par.*

**Partubus** = *abl./dat. pl.* de *Partus.*

**Partus** = *subs. m.* 1. Parto, procriação. 2. (*fig.*) Alumbramento.

**Paruus, -a, -um** = *adj.* 1. Pequeno. 2. Breve, curto. 3. Escasso. 4. Humilde, de baixa categoria.

**Passer** = *subs. m.* 1. Pardal. 2. Rodovalho (tipo de peixe). 3. Um tipo de apelido carinhoso.

**Pater** = *subs. m.* Pai.

**Patribus** = *abl./dat. pl.* de *Pater.*

**Patris** = *gen. sing.* de *Pater.*

**Patrum** = *gen. pl.* de *Pater.*

**Paulus** = *subs. pr. m.* Paulo.

**Pauper** = *adj.* Pobre, desvalido.

**Pax** = *subs. f.* Paz.

**Pecoris** = *gen. sing.* de *Pecus 1.*

**Pecten** = *subs. f.* 1. Pente. 2. Carda. 2. Objeto semelhante a um pente ou a uma carda.

**Pecudis** = *gen. sing.* de *Pecus 2.*

**1. Pecus** = *subs. n.* 1. Rebanho, gado. 2. Ovelhas, carneiros, cabras. 3. Bando (de focas).

**2. Pecus** = *subs. f.* 1. Cabeça de gado, de animal. 2. Animal (doméstico). 3. Animal (em geral).

**Pelagus** = *subs. n.* Mar.

**Pellex** = *subs. f.* 1. Concubina. 2. Rival de uma mulher casada. 3. Homem feito prostituto.

**Peluum** = *ac. sing.* de *Peluis*.

**Peluis** = *subs. f.* Bacia, caldeirão.

**Penates** = *subs. pr. m. pl.* 1. Os deuses Penates. 2. Casa, lar.

**Penatibus** = *abl./dat. pl.* de *Penates*.

**Penatis** = *ac. pl.* e *gen. sing.* de *Penates*.

**Penatium** = *gen. pl.* de *Penates*.

**Penelope** = *subs. pr. f.* Penélope, a mulher de Ulisses, personagem da *Odisseia*, de Homero.

**Penus** = *subs. m., f. e n.* 1. Comestíveis. 2. Despensa.

**Pes** = *subs. m.* Pé (de humano e outros animais).

**Pestis** = *subs. f.* Peste, epidemia, enfermidade contagiosa.

**Phaselus** = *subs. m. e f.* 1. Feijão. 2. Barco, embarcação, chalupa.

**Phenix** = *subs. pr. f.* A ave fabulosa Fênix. *obs.* Prefere Perotti a forma *Phenix* em lugar de *Phoenix*, esta que é mais comum em dicionários latinos.

**Phorcin** = *subs. pr. m.* Forco, filho de Netuno, pai da Medusa e das outras górgonas.

**Pietas** = *subs. f.* 1. Piedade. 2. Patriotismo. 3. Justiça, bondade divina. 4. Amor, amizade, ternura.

**Pinus** = *subs. f.* 1. Pinheiro. 2. Navio. 3. Remo. 4. Lança.

**Platanus** = *subs. f.* Plátano, árvore nativa da Eurásia e da América do Norte.

**Plures** = *ac./nom./voc. pl.* de *Plus*. *obs.* Segundo Perotti, a forma com a terminação em *-is, pluris*, é aceitável.

**Pluria** = *ac./nom./voc. pl.* de *Plus*.

**Plura** = *ac./nom./voc. pl. comp.* de *Multus*.

**Plus** = *comp.* de *Multus*.

**Poematis** = *gen. sing.* de *Poema*.

**Poematum** = *gen. pl.* de *Poema*.

**Poesis** = *subs. f.* Poesia, obra poética.

**Poeta** = *subs. m.* Poeta.

**Pons** = *subs. m.* Ponte.

**Populus** = *subs. m.* 1. Povo, nação, Estado. 2. Público, populacho, multidão.

**Porco** = *abl./dat. sing.* de *Porcus*.

**Porcus** = *subs. m.* 1. Porco. 2. (*fig.*) Glutão.

**Porticus** = *subs. f.* 1. Pórtico. 2. Colunata.

**Portubus** = *abl./dat. pl.* de *Portus*.

**Portus** = *subs. m.* 1. Porto. 2. Refúgio.

**Poste** = *abl. sing.* de *Postis*.

**Posti** = *cf. Poste*.

**Postis** = *subs. m.* 1. Ombreiras de porta. 2. (*fig.*) Visão (a vista).

**Praes** = *subs. f.* 1. Fiador. 2. (*fig.*) Penhor, caução.

**Praedis** = *gen. sing.* de *Praes*.

**Praesul** = *subs. m. e f.* 1. O que dança na frente, epíteto do sacerdote dos Sálios. 2. O primeiro dançarino nos jogos públicos.

**Priamon** = *ac. sing.* de *Priamos*. *obs.* *Priamon* é forma grega.

**Priamos** = *cf. Priamus*.

**Priamum** = *ac. sing.* de *Priamus*.

**Priamus** = *subs. pr. m.* Príamo, nome de diversas personagens da literatura greco-latina. 1. O último rei de Troia, filho de Laomedonte. 2. O neto do rei Príamo e companheiro de Eneias em sua viagem à Itália.

**Primus** = *num. ord.* 1. O primeiro (em diversos aspectos). 2. O principal, o melhor, o destacado.

**Probitas** = *subs. f.* Probidade.

**Probitatum** = *gen. pl.* de *Probitas*.

**Problema** = *subs. n.* Problema, questão.

**Problematis** = *gen. sing.* de *Problema*.

**Probus, -a, -um** = *adj.* 1. De boa qualidade. 2. (*fig.*) Bom, excelente, íntegro, probó.

**1. Propinquus** = *adj.* 1. Próximo, vizinho, propínquo. 2. Semelhante, parecido.

**2. Propinquus** = *subs. m. e f.* Parente, parenta.

**Puer** = *subs. m.* 1. Criança. 2. Filho e filha. 3. Escravo (jovem e do sexo masculino). 4. Celibatário.

**Pugil** = *subs. m.* Pugilista.

**Pulcher, -a, -um** = *adj.* 1. Belo, formoso. 2. Excelente. 3. Poderoso, forte. 4. (*fig.*) Belo, nobre, de boa fama.

**Pulchrior** = *nom./voc. sing. m. e f. comp.* de *Pulcher, -a, -um*.

**Pulex** = *subs. f.* Pulga.

**Puls** = *subs. f.* Tipo de comida feita com farinha, farro ou legumes cozidos.

**Puppem** = *ac. sing.* de *Puppis*. *obs.* Esta forma é menos frequente do que *puppim*.

**Puppim** = *cf. Puppem*.

**Puppis** = *subs. f.* 1. Popa. 2. Navio. 3. (*fig.*) O Navio (constelação).

**Pus** = *subs. n.* 1. Pus. 2. (*fig.*) Pessoa maliciosa, malvada.

**Pyrrius** = *subs. pr. m.* Pirro. 1. Pirro, filho de Aquiles e Deidamia. 2. Pirro, rei do Epiro, ilustre por combater os romanos em uma expedição. 3. Nome do sobrinho de Niccolò Perotti, a quem são dedicados os *Rudimenta Grammatices*.

**Quadrans** = *subs. m.* 1. Quarta parte de um asse. 2. Um quarto, a quarta parte de um todo. 3. (*fig.*) Um quarto de libra.

**Quae** = *cf. Qui, quae, quod*.

**Qualis** = *pron. relat. e interrog. I - relat.* Tal qual, tal como. *II - interrog.* Qual? De que espécie? De que tipo? De que propriedade.

**Quantus, -a, -um** = *adj.* 1. Quão grande, quanto. 2. Tão grande qual, tal qual, tal-qualmente.

**Quercubus** = *abl./dat. pl.* de *Quercus*.

**Quercus** = *subs. f.* 1. Carvalho (árvore). 2. (*fig.*) O navio Argo. 3. Azagaia (tipo de dardo). 4. Coroa de folhas de carvalho.

**Qui, quae, quod** = *pron. relat.* 1. Que, o qual, quem. 2. O que (estando o antecedente omitido).

**Quid** = *adv. interr.* Por que? Por quê? *obs.*

**Quis, qua/quae, quid/quod** = *pron. interr./indef.* Que, qual, quem? *adj.* Qual? De que espécie? De que tipo? De que natureza? *indef.* Algum, alguma, alguém, algo.

**Quisque, quaeque, quodque, quidque** = *pron. indef.* 1. Cada um, cada. 2. Ambos, cada um (de dois).

**Quod** = *cf. Qui, quae, quod*.

**Quot** = *pron. indecl.* Quantos? *pron. indef.* Todo, cada.

**Regnum** = *subs. n.* 1. Autoridade, realeza, monarquia. 2. (*fig.*) Poder absoluto, soberania, tirania.

**Regulus, id est parvus rex** = *sent.* “Reizinho, isto é, um pequeno rei”. *obs.* Considera Perotti que *regulus* é diminutivo.

**Res** = *subs. f.* 1. Bens, propriedades, posses. 2. Utilidade, benefício. 3. Litígio, disputa jurídica, processo. 4. Negócio (em geral). 5. Fato, realidade.

**Restem** = *ac. sing.* de *Restis*. *obs.* Esta forma é menos frequente do que *restim*.

**Restim** = *cf. Restem*.

**Restis** = *subs. f.* 1. Corda, cabo. 2. Folhas do alho e da cebola.

**Rex** = *subs. m.* 1. Rei, soberano, monarca. 2. Rei (em sentido divino). 3. Príncipe, filho do rei. 4. Chefe, senhor.

**Rhetorice** = *subs. f.* Oratória, retória.

**Robur** = *subs. n.* 1. Roble, carvalho, madeira do carvalho. 2. Qualquer madeira

dura e com a cor como a do carvalho. 3. Objeto feito de carvalho. 4. Lança, dardo.

**Romanus, -a, -um** = *adj.* Romano, de Roma.

**Rubus** = *subs. f.* Amora, framboesa.

**Rudis** = *subs. f.* 1. Vara. 2. Florete usado pelos gladiadores.

**Rus** = *subs. n.* Campo.

**Sacerdos** = *subs. m. e f.* Sacerdote, sacerdotisa.

**Sal** = *subs. m.* 1. Sal. 2. Água do mar, mar. 3. (*fig.*) Graça, gracejo, esperteza.

**Samnites** = *subs. m.* 1. Samnitas, os que habitam o Sâmnio, região sul dos Apeninos da Itália. 2. Os gladiadores (em particular).

**Samnitium** = *gen. pl.* de *Samnites*.

**Sardis** = *subs. f.* Sardes, a capital da Lídia.

**Satur, -ura, -urum** = *adj.* 1. Saciado, satisfeito. 2. (*fig.*) Rico, fértil.

**Saxo** = *abl./dat. sing.* de *Saxum*.

**Saxosus, -a, -um** = *adj.* Rochoso, pedregoso.

**Saxum** = *subs. n.* 1. Pedra. 2. Rochedo, penedo. 3. Tarpeia, rocha onde eram feitas execuções no monte Tarpeio. 4. Aventino (colina de Roma).

**Scema** = *cf. Schema*.

**Schema** = *subs. f.* Aspecto, forma, figura, maneira, postura.

**1. Scipio** = *subs. m.* Cetro, bastão.

**2. Scipio** = *subs. m.* Cipião, sobrenome de um ramo da família Cornélia.

**Scrobs** = *subs. m. e f.* Fosso, vala.

**Scrubs** = ?. Não há nenhum verbete para esta palavra em nenhum dicionário latino consultado.

**Secundus, -a, -um** = *adj.* 1. Seguinte, próximo. 2. Segundo. 3. Secundário, de nível inferior.

**Secure** = *abl. sing.* de *Securis*.

**Securi** = *cf. Secure*.

**Securem** = *ac. sing.* de *Securis. obs.* Esta forma é menos frequente do que *securim*.

**Securim** = *cf. Securem*.

**Securis** = *subs. f.* Machado, machadinha.

**Sedile** = *subs. n.* Assento, banco, cadeira.

**Sedili** = *abl./dat. sing.* de *Sedile*.

**Sedilium** = *gen. pl.* de *Sedile*.

**Seges** = *subs. f.* 1. Terra para cultivo. 2. Terra semeada. 3. Frutos da terra, colheita. 4. (*fig.*) Seara.

**Semen** = *subs. n.* 1. Semente, grão. 2. (*fig.*) Germen, causa, princípio.

**Senatus** = *subs. m.* Senado.

**Senectus** = *subs. f.* Velhice.

**Senior** = *subs. m. e f.* Velho, ancião. *obs.* Considera Perotti que *senior* é de gênero comum.

**Senum** = *gen. pl. sinc.* de *Senus, -a, -um*.

**Senus, -a, -um** = *num. distr.* 1. Cada seis. 2. Seis. 3. Seis vezes.

**September** = *subs. m.* Setembro.

**Septenus, -a, -um** = *num. distr.* 1. Cada sete. 2. Sete. 3. Sete vezes.

**Sermo** = *subs. m.* 1. Conversação. 2. Diálogo, discussão. 3. Discurso. 4. Língua.  
**Serpens** = *subs. m. e f.* Serpente. *obs.* Segundo Perotti, esta palavra é encontrada em diversos gêneros diferentes.

**1. Sestertius, -a, -um** = *adj.* 1. Que tem dois e meio. 2. (*fig.*) De pouco valor.

**2. Sestertius** = *subs. m.* Sestércio (moeda de prata que equivalia a dois asses e meio).

**Sextarius** = *subs. m.* Sexta parte de medida.

**1. Sextertium** = *gen. pl. sinc.* de *Sextertium 2*.

**2. Sextertium** = *cf. Sestertius, -a, -um 1*.

**Sextertius, -a, -um** = *cf. Sestertius, -a, -um 1*.

**Sexus** = *subs. m.* Sexo.

**Sidon** = *subs. f.* Sídon, cidade da Fenícia.

**Siler** = *subs. n.* 1. Vime. 2. Planta flexível.

**Silex** = *subs. m. e f.* 1. Pedra. 2. Rocha, seixo. 3. (*fig.*) Rochedo.

**Singuli** = *num. distr.* 1. Um a um, cada um. 2. Um.

**Sitim** = *ac. sing.* de *Sitis*.  
**Sitis** = *subs. f.* 1. Sede. 2. (*fig.*) Afobação, avidez.  
**Socrus** = *subs. f.* Sogra.  
**Sol** = *subs. m.* 1. Sol. 2. Luz, claridade. 3. (*fig.*) Luz do dia, vida pública.  
**Solamen** = *subs. n.* Consolação, alívio, afago.  
**Solus, -a, -um** = *adj.* 1. Só, único. 2. Solitário.  
**Sors** = *subs. f.* Resposta do oráculo, a sorte, o destino.  
**Sosia** = *subs. m. e f.* Sósia. 1. nome de escravo de comédia. 2. Nome de mulher (se estiver no *f.*)  
**Sospes** = *adj.* 1. São e salvo. 2. (*fig.*) Benéfico, favorável, propício. *obs.* Considera Perotti que *sospes* é de gênero inclusivo.  
**Sospite** = *abl. sing.* de *Sospes*.  
**Specubus** = *abl./dat. pl.* de *Specus*.  
**Specus** = *subs. m.* Antro, caverna, gruta.  
**Spes** = *subs. f.* Esperança.  
**Spinter** = *subs. n.* Bracelete feminino. *obs.* A forma *spinter* concorre com a forma *spinther*, mas Perotti não apresenta esta última.  
**Splen** = *subs. m.* Baço.  
**Stirps** = *subs. m. e f.* 1. Tronco, raiz, cepa. 2. Rebento, enxerto. 3. Planta (em geral). *obs.* Considera Perotti que *stirps* é exclusivamente masculina.  
**Suber** = *subs. n.* Sobreiro.  
**Suburbanus, -a, -um** = *adj.* Suburbano, dos subúrbios.  
**Supellex** = *subs. f.* 1. Mobiliário, móveis, mobília. 2. (*fig.*) Bagagem, bens, posses.  
**1. Supplex** = *adj.* Suplicante.  
**2. Supplex** = *subs. m.* Um suplicante.  
**Supplicum** = *gen. pl.* de *Supplex* 2.  
**Sus** = *subs. m. e f.* 1. Javali, porco. 2. Espécie de peixe.  
**Syren** = ?. Não há nenhum verbete para esta palavra em nenhum dicionário latino

consultado. *obs.* A primeira hipótese é que, por causa de sua origem grega, teria se referido Perotti a *siren*, isto é, “sereia” ou “divindade marinha”, conquanto na língua grega se registre *σειρήν*. *obs.* 2. A segunda hipótese é que seja a forma latina para *σύρεον*, “planta do gênero *Tordylium*”, mas teríamos de supor que a forma correta seria *syreon* e, por essa razão, teria havido uma falha de grafia tanto no manuscrito autógrafa de Perotti quanto na edição crítica, ou, de outro modo, seria apenas uma variação.

**Syrtis** = *subs. f.* Sirtes, banco de areia.

**Talis** = *pron.* 1. Tal, de tal natureza, de tal maneira. 2. Igual, idêntico, semelhante.

**Talpa** = *subs. f.* Toupeira.

**Tantillus, -a, -um** = *adj.* Tão pequeno, pequenino.

**Tantus, -a, -um** = *pron.* 1. Tanto, tão grande, tamanho. 2. Tão notável, tão importante. 3. Tão pequeno, tão irrelevante.

**Taratantara** = *onomat.* Onomatopeia do som da tuba, instrumento musical.

**Teges** = *subs. f.* Cobertor, tapete.

**Tempe** = *subs. n. indecl.* 1. Tempe, um vale da Tessália entre os montes Olimpo e Ossa. 2. (*fig.*) Qualquer vale agradável e grandioso qual Tempe.

**Templum** = *subs. n.* Templo.

**Tempora** = *ac./nom./voc. pl.* de *Tempus*.

**Tempus** = *subs. n.* 1. Tempo. 2. Momento, instante. 3. Circunstância, situação.

**Testis** = *subs. m.* Testemunha.

Thebai =

**Thesea** = *ac. sing.* de *Theseus*. *obs.* Forma grega.

**Theseu** = *voc. sing.* de *Theseus*.

**Theseum** = *ac. sing.* de *Theseus*.

**Theseus** = *subs. pr. m.* Teseu. 1. Um rei de Atenas, filho de Egeu e Etra. 2. Marido de Ariadne e, posteriormente, Fedra. 3. Pai de Hipólito com a amazona Hipólita.

**Thus** = *subs. n.* Incenso.  
**Tibri** = *dat. sing.* de *Tibris*.  
**Tibrim** = *ac. sing.* de *Tibris*.  
**Tibris** = *subs. m.* Rio Tibre. *obs.* *Tibris* é forma contrata de *Tiberis*.  
**Tibur** = *subs. n.* Tíbur, cidade próxima de Roma.  
**Tiburim** = ?. Não há nenhum verbete para esta palavra em nenhum dicionário latino consultado. *obs.* Supomos que seja o *ac. sing.* de *Tibur*.  
**Tirins** = *cf.* *Tyrins*.  
**Titan** = *subs. pr. m.* Titã. 1. Hiperião, o Sol. 2. Prometeu.  
**Titana** = *ac. sing.* de *Titan*.  
**Totus, -a, -um** = *adj.* Tão grande, inteiro, completo.  
**Trabs** = *subs. f.* 1. Trave, viga. 2. Árvore.  
**Trallis** = *subs. f.* Trales, cidade da Lídia.  
**Trames** = *subs. m.* Rota, caminho, travessia.  
**Treuir** = *subs. m.* Trévero, habitante de Tréveros.  
**Tribubus** = *abl./dat. pl.* de *Tribu*.  
**Tribunali** = *abl./dat. sing.* de *Tribunal*.  
**Tribus** = *subs. m.* Tribo.  
**Tricenorum** = *gen. pl.* de *Tricenus*.  
**Tricenum** = *gen. pl. sinc.* de *Tricenus*.  
**Tricenus** = *num. distr.* Trinta de cada vez, trinta cada um, trinta.  
**Triceps** = *adj.* De três cabeças.  
**Tricipitum** = *gen. pl.* de *Triceps*.  
**Triens** = *subs. m.* 1. Triente, a terça parte de um asse. 2. Terça parte de um sextário. 3. Um terço.  
**Trifur** = *subs. m.* Ladrão refinado, um “tri” ladrão. *cf.* *Fur*.  
**Troiugena** = *subs. m.* Troianos.  
**Troiugarum** = *gen. pl.* de *Troiugena*.  
**Troiugenum** = *gen. pl. sinc.* de *Troiugena*.  
**Tuber** = *subs. n.* Bulbo, inchaço, tumor, protuberância.

**Tubicen** = *subs. m.* Trombeteiro, o que toca a trombeta.  
**Turrem** = *cf.* *Turrim*.  
**Turrim** = *ac. sing.* de *Turris*.  
**Turris** = *subs. f.* Torre.  
**Turtur** = *subs. m. e f.* Rola (ave).  
**Tussim** = *ac. sing.* de *Tussis*.  
**Tussis** = *subs. f.* Tosse.  
**Tydeus** = *subs. pr. m.* Tideu, herói da Etólia, filho de Eneu, rei de Calidonte, e Peribeia.  
**Typhoei** = *dat./gen. sing.* de *Typhoeus*.  
**Typhoeo** = *abl./dat. sing.* de *Typhoeus*.  
**Typhoeus** = *subs. pr. m.* Tifeu, gigante atingido pelo raio de Júpiter e enterrado sob o monte Etna.  
**Tyrins** = *subs. f.* Tirinto, cidade situada na península do Peloponeso, à época da antiga Grécia.  
**Uber** = *subs. n.* Seio, teta.  
**Ullus, -a, -um** = *pron.* 1. Algum, alguma, alguém. 2. Ninguém, nada. 3. Algo, alguma coisa.  
**Unus, -a, -um** = *adj. num.* 1. Um, um só, único. 2. Um mesmo, o mesmo. 3. O primeiro, o destaque entre todos.  
**Urbs** = *subs. f.* Cidade.  
**Uter, -tra, -trum** = *pron. interr. indef.* 1. Dos dois, qual? 2. Qualquer um dos dois, um dos dois.  
**Uterque, -traque, -trumque** = *pron.* 1. Um e outro, cada um. 2. Uns e outros, ambos (no *pl.*).  
**Utili** = *abl./dat. sing.* de *Utilis*.  
**Utilis** = *adj.* Útil, bom, benéfico.  
**Utrius** = *gen. sing.* de *Uter, -tra, -trum*.  
**Vadis** = *gen. sing.* de *Vas*.  
**Vallis** = *subs. f.* Vale.  
**Varix** = *subs. m. e f.* Varizes (das pernas). *obs.* Considera Perotti que esta palavra é exclusivamente do gênero masculino.  
**Vas** = *subs. m.* Fiador.

**Vates** = *subs. m.* 1. Profeta, vidente, porta-voz da divindade. 2. Adivinho, oráculo. 3. Poeta.

**Vatum** = *gen. pl.* de *Vates*.

**Vecte** = *abl. sing.* de *Vectis*.

**Vecti** = *cf. Vecte*.

**Vectis** = *subs. m.* Alavanca, fechadura.

**1. Vel** = *adv.* Ou se preferes, ou, ou melhor.

**2. Vel** = *conj.* Ou, ou melhor.

**Velox** = *adj.* 1. Rápido, ligeiro. 2. Ativo, ágil, enérgico.

**Ventus** = *subs. m.* Vento.

**Venus** = *subs. pr. f.* Vênus. 1. Deusa da beleza e do amor. 2. (*fig.*) Os prazeres do amor, amante. 3. O planeta Vênus.

**Verres** = *subs. m.* Varrão, varrasco, porco não castrado. *obs.* Considera Perotti que esta palavra, no *sing.*, é de gênero incerto.

**Vertex** = *subs. m.* 1. Redemoinho, turbilhão. 2. Cimo (da cabeça), cimo (em geral), cume. 3. Pólo, o ponto mais alto.

**Vervex** = *subs. m.* Carneiro. 2. (*fig.*) Homem tolo, estúpido.

**Vestis** = *subs. f.* Vestido.

**Vetera** = *ac./nom./voc. pl.* de *Vetus*.

**Vetere** = *abl. sing.* de *Vetus*.

**Veteri** = *cf. Vetere*.

**Vetus** = *adj.* 1. Antigo, velho, idoso. 2. Anterior, de outro tempo (anterior ao que se está), do passado.

**Vibex** = *subs. f.* 1. Hematoma. 2. Contusão. 3. Marca de um golpe (físico).

**Victrice** = *abl. sing.* de *Victrix*.

**Victrici** = *cf. Victrice*.

**Victricia tollite signa, victrici signo** = *sent.* “Celebrai [vós] as insígnias, sendo a insígnia vencedora”. *obs. cf. Luc. 1. 347.*

**Victrix** = *adj. f.* 1. Vitoriosa, de vitória. 2. (*fig.*) Triunfante, que teve bom êxito, que venceu.

**Vigil** = *subs. m.* Vigia, vigilante, sentinela.

**Vigile** = *abl. sing.* de *Vigil*.

**Vigili** = *cf. Vigile*.

**Vim** = *ac. sing.* de *Vis*.

**Vir** = *subs. m.* 1. Homem. 2. Virilidade. 3. Marido, esposo. 4. Macho (do sexo masculino).

**Vires** = *ac./nom./voc. pl.* de *Vis*.

**Virga** = *subs. f.* 1. Ramo fino e flexível. 2. Vara, chibata. 3. Vara mágica. 4. Caduceu de Mercúrio.

**Virgam** = *ac. sing.* de *Virga*.

**Virgili** = *voc.* de *Virgilius*.

**Virgilius** = *subs. pr. m.* Virgílio, o mais célebre poeta romano, cujas obras são as *Bucólicas*, as *Geórgicas* e a *Eneida*.

**Virgo** = *subs. f.* 1. Virgem, jovem (menina ou mulher nova). 2. As Vestais. 3. Diana, deusa da caça, dos animais selvagens e da fertilidade. 4. Virgem (constelação). *obs.* Considera Perotti que *virgo* é do gênero comum.

**Virium** = *gen. pl.* de *Vis*.

**Virtus** = *subs. f.* 1. Força, vigor. 2. Valor, coragem, bravura. 3. Virtude.

**Virus** = *subs. n.* 1. Suco das plantas. 2. Veneno, peçonha. 3. (*fig.*) Amargor.

**Vis** = *subs. f.* 1. Força, violência. 2. Quantidade, número, alto índice. 3. Forças militares.

**Visus** = *subs. m.* 1. Visão, vista. 2. O que se vê. 3. Aspecto, aparência.

**Vulgus** = *subs. n.* Multidão, povo, vulgo.

**Xenophon** = *subs. pr. m.* Xenofonte, historiador, filósofo e polígrafo grego. *obs.* Como indica a terminação em *-on*, a origem do nome é grega.